

TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS?

ENTENDENDO O LIVRO DE JOSUÉ

Coleção **DO POVO PARA O POVO**

Preparada pela equipe de assessoras e assessores do Centro Bíblico Verbo

- *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros*
- *No caminho das comunidades... Atos dos Apóstolos: roteiros e subsídios para encontros – Segundo volume*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros e orientações para encontros*
- *Reavivar a caminhada... As cartas de Pedro: roteiros para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros e orientações para encontros*
- *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): roteiros para encontros*
- *No amor e na ternura, a vida renasce. Oseias: roteiros e orientações para encontros*
- *Come teu pão com alegria! Entendendo livro de Eclesiastes*
- *Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom! Entendendo o livro de Gênesis 1-11*
- *O amor jamais passará! Entendendo a primeira carta aos Coríntios*
- *Alegrai-vos sempre no Senhor! Entendendo a carta aos Filipenses*
- *Levanta-te e vai à grande cidade. Entendendo o livro de Jonas*
- *A caminhada no deserto. Entendendo livro do Êxodo 15,22-18,27*
- *No caminho de Jesus. Entendendo o Evangelho de Marcos*
- *Caminho aberto para o próximo. Entendendo o Evangelho de Lucas*
- *Deus conosco. O Messias da justiça e da misericórdia. Entendendo o Evangelho de Mateus*
- *Permanecei no meu amor para dar muitos frutos. Entendendo o Evangelho de João*
- *Defesa da família: casa e terra – Entendendo o livro de Miqueias*
- *Para que n'Ele nossos povos tenham vida: "Anunciar o Evangelho e doar a própria vida" (1Ts 2,8). Entendendo a primeira carta aos Tessalonicenses*
- *"A Sabedoria é um espírito amigo do ser humano" (Sb 1,6): caminho para a justiça e a vida. Entendendo o livro da Sabedoria*
- *"Jesus Cristo veio na carne e é de Deus" (1Jo 4,2): Entendendo a primeira carta de João*
- *A Lei em favor da vida? Entendendo o livro do Deuteronômio*
- *O evangelho de Jesus Cristo crucificado: "É para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5,1). Entendendo a carta aos Gálatas*
- *Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué*

CENTRO BÍBLICO VERBO

TERRA DE DEUS,
TERRA DE IRMÃOS?

ENTENDENDO O LIVRO DE JOSUÉ



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Centro Bíblico Verbo
Rua Fernandes Moreira, 311/315 Térreo
Chácara Santo Antônio
04716-000 São Paulo-SP
Tel. (11) 5187-1008
Fax (11) 5187-1009
www.cbiblicoverbo.com.br
contato@cbiblicoverbo.com.br
facebook.com/cbiblicoverbo

Autoria: *Shigeyuki Nakanose, svd*
Maria Antônia Marques

Ilustrações: *Sergio Ricciuto Conte*

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação editorial: *Paulo Bazaglia*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*

Coordenação de arte: *Danilo Alves de Lima*

Capa: *Karine Pereira dos Santos*

Diagramação: *Júlia Cardoso Nascimento*

Impressão e acabamento: PAULUS



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-534-9

AGRADECIMENTOS

A leitura do livro de Josué nos desafia a entender a história das diversas redações e a buscar nas linhas e entrelinhas do texto a Palavra de Deus iluminando a vida do povo. Uma história escrita mais de cinco séculos depois do fato traz elementos acontecidos, mas já envolvidos pelos interesses dos grupos que estão por trás do texto. Algumas marcas da caminhada popular do povo não foram apagadas, como a partilha da terra em vista da vida digna das pessoas. Ainda hoje, continuamos sonhando com um mundo justo, solidário, compassivo e fraterno.

Vivenciamos a busca da Palavra de Deus no livro de Josué junto com amigas e amigos que acreditam na força transformadora da Palavra. Nossa gratidão às pessoas que, de uma forma ou de outra, nos ajudaram na reflexão e na elaboração deste subsídio. Lembramos, com carinho, os participantes do estudo e aprofundamento do livro de Josué, realizado no mês de julho, sob a coordenação do Centro Bíblico Verbo, e do grupo de Salvador (BA), em novembro, sob a coordenação e apoio das irmãs Mercedárias do Brasil.

Um agradecimento especial a Luiz Carlos Catapan e Luiz José Dietrich, pela leitura atenta, correções e sugestões. Nossa gratidão aos demais assessores e assessoras do Centro Bíblico Verbo pelo apoio constante: Agostinho Syukur, Antônio Carlos Frizzo, Heloísa Silva de Carvalho, Maria Gisele Canário e Raimundo Aristide da Silva.

Nossa caminhada cotidiana conta com o apoio dos membros, funcionários e funcionárias da Congregação do Verbo Divino e da Verbo Filmes; a todos vocês a nossa gratidão.

Agradecemos às inúmeras pessoas que encontramos nos momentos *online*, seja nos cursos extensivos, seja apenas em uma *live*. Cada pessoa que entra nessa roda bíblica fortalece a nossa caminhada. Que o Espírito de Deus nos ajude a encontrar caminhos para a partilha do pão material e da Palavra. Vida digna para todas e todos.

APRESENTAÇÃO

A ideia de iniciar a coleção *Do povo para o povo* brotou da necessidade de socializar, numa linguagem simples e acessível, as descobertas da pesquisa bíblica. A equipe do Centro Bíblico Verbo acredita que produzir subsídios com a colaboração de pessoas das comunidades é uma maneira de:

- Fazer com que leigas e leigos sejam agentes da própria história.
- Formar multiplicadores(as) da Palavra, na pessoa de quem participa diretamente do processo de elaboração.
- Ter um texto produzido a partir da experiência do povo.

O projeto tem como objetivo produzir, junto com as assessoras e os assessores do Centro Bíblico Verbo e as comunidades, textos que sirvam de reflexão em encontros ou cursos bíblicos, oferecendo às pessoas e comunidades um roteiro simples e com fundamentação bíblica para temas importantes na pastoral, por exemplo: Páscoa, religiosidade popular, como ler a Bíblia, entre outros.

Os textos da coleção *Do povo para o povo* apresentam uma exegese voltada para a libertação das pessoas e dos grupos oprimidos, baseando-se sempre nos textos bíblicos. A responsabilidade do conteúdo da coleção fica a cargo da equipe do Centro Bíblico Verbo, e sua publicação, a cargo da PAULUS Editora.

INTRODUÇÃO
AO LIVRO DE JOSUÉ



TERRA DE DEUS, TERRA DE IRMÃOS?

Entendendo o livro de Josué

Aconteceu depois da morte de Moisés, servo de Javé, que Javé disse a Josué, filho de Nun, auxiliar de Moisés: “Moisés, meu servo, morreu. E agora levante-se, atravesse o Jordão, você e todo este povo, rumo à terra que eu vou dar aos filhos de Israel” (Js 1, 1-2).¹

O livro de Josué apresenta uma narrativa da conquista de Canaã, a terra prometida, guiada por Josué, sucessor de Moisés (Js 1-12), e a repartição da terra entre as doze tribos (Js 13-22). A última parte do livro descreve a despedida de Josué e a renovação da aliança com Javé, Deus de Israel, em Siquém (Js 23-24). No livro, a principal ideia é a de que Javé combate as guerras de Israel, seu povo eleito, e lhe dá as vitórias, mandando expulsar e exterminar as populações locais, punindo-as pela idolatria (o culto a outras divindades) e garantindo a terra para Israel, enquanto ele permanecer fiel à aliança com seu Deus.

Os acontecimentos narrados da formação de Israel em Canaã situam-se entre os anos 1300 e 1000 a.C. Porém, o problema surge quando alguém lê o livro de Josué com olhar crítico. Os fatos descritos no livro não se sustentam diante dos estudos da literatura, da história (fato realmente acontecido), da arqueologia etc. Eis alguns exemplos:

¹ Importante: onde não estiver indicado o livro bíblico, a citação é do livro de Josué. Os textos foram extraídos, em sua maioria, da *Nova Bíblia Pastoral*, São Paulo: Paulus, 2015.

- a) As narrativas de guerras de conquista (Js 5-12), como a da cidade de Jericó (Js 6) e a da cidade de Hai (Js 8), não coincidem com o fato histórico: Jericó, por volta do ano 1300 a.C., não tinha muralhas nem estava habitada. Hai, que fora destruída em meados de 2400 a.C., não estava habitada na época em que se supõe que os israelitas entraram na terra de Canaã.
- b) Israel nasceu na terra de Canaã. Hoje, os estudos literários e arqueológicos não sustentam a hipótese proposta pela leitura fundamentalista da Bíblia de que Israel vem de fora e conquista uma parte substancial de Canaã pela força militar.
- c) A maioria dos israelitas primitivos eram pessoas da cultura e da religião cananeia.
- d) Os israelitas primitivos cultuavam várias divindades: *El*, *Elohim*, *Asherá*, *Baal*, *Javé*, entre outras.
- e) A ideia da aliança com Javé, Deus do Estado (8,32-35; 24,14-28), começou a ser elaborada pelo movimento deuteronomista da corte davídica do rei Ezequias, por volta do ano 700 a.C.
- f) A existência de um sistema de tributos para Judá é atestada somente a partir do século VII a.C. (15,21-44.48-62; 18,21-28; 19,2-8.41-46).
- g) Algumas listas dos territórios tribais (Js 13-19) podem refletir os distritos de Judá por volta de 620 a.C., no reinado de Josias. Porém, a forma presente das listas provém do período babilônico ou persa (cf. Ez 48).
- h) A ideia de 12 tribos (Js 13-19) é uma construção teológica que começou a ser elaborada no tempo de Josias e consolidada por volta do ano 400 a.C.
- i) Israel tornou-se monoteísta somente com a teocracia judaíta, por volta dos anos 400 a.C.

- j) Uma leitura objetiva do livro de Josué suscita várias perguntas: como justificar a invasão violenta de territórios de outras nações, a conquista pela força e a matança de populações? Com que direito os israelitas se apoderam dos territórios pacificamente habitados e cultivados pelos cananeus? Ainda por cima, toda a violência é atribuída a Deus Javé, que manda expulsar e matar as populações, porque elas devem ser condenadas por seus pecados de idolatria.

Tudo isso comprova a opinião da maioria dos estudiosos: o livro de Josué pertence à “historiografia deuteronomista” (Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e 2Rs), cuja primeira redação foi feita pelos escribas do rei Josias (640-609 a.C.), a escola de escribas denominada “deuteronomista”, que, no reinado de Ezequias, fez a primeira redação do livro do Deuteronomio (Dt 12-26). Depois, o livro foi relido e redigido no exílio e no pós-exílio, por escribas deuteronomistas ligados ao grupo nobre da primeira deportação (597 a.C.), representado pelo profeta Ezequiel, e ao grupo da *golá* (deportados nobres que voltaram), que consolidou o governo teocrata de acordo com os interesses do império persa (Esd 7,25-26). A principal intenção dos redatores era consagrar Javé como o único e poderoso Deus de Israel contra “outros deuses” (idolatria) e garantir a posse (ocupação) da terra e a legitimidade do poder para o povo eleito de Javé, Deus oficial dos teocratas.

1. Autor e contexto histórico

O livro de Josué não tem um único redator, mas vários redatores ou grupos sociais com diferentes objetivos, situações, locais e momentos históricos.

A preocupação dos redatores não é tanto a de documentar uma história, mas a de interpretá-la, servindo aos interesses de cada redator em sua realidade. Não é possível precisar com exatidão cada momento desse processo. Apresentaremos, em linhas gerais, alguns marcos de cada período conforme os estudos atualizados da literatura, da história, da arqueologia e outros, começando com o período da formação de Israel, no qual foram iniciadas as tradições antigas de Israel quanto à terra, à casa, à vida da aldeia, à festa, temas do livro de Josué.

Período da formação de Israel

Por volta de 1300 a.C., a maioria da população, que vivia nas planícies de Canaã, era explorada e submetida ao domínio dos reis das cidades-Estado de Canaã e do faraó do Egito (cf. 1Sm 8,11-17). As pessoas empobrecidas e oprimidas lutaram pela sobrevivência e saíram das planícies (centros urbanos) para a região montanhosa no centro-norte de Canaã, que era menos habitada e estava fora do controle dos reis e do faraó.

A partir de 1200 a.C., a saída (êxodo) da população foi acelerada pela crise dos centros urbanos, causada por fatores como o enfraquecimento do império egípcio, provocando conflitos e guerras contínuas entre as cidades-Estado cananeias; as invasões dos “povos do mar”, posteriormente chamados de filisteus, fixando-se na costa do mar Mediterrâneo ao sul da Palestina e aumentando a instabilidade na região; uma prolongada seca e a diminuição da produção de alimento.

Os grupos de refugiados, como camponeses, operários, marginalizados (*hapirus*, hebreus) de Canaã e pessoas escravizadas no Egito etc., ingressaram nas pequenas aldeias já existentes nas montanhas de Canaã, ampliando-as, ou abriram novos assentamentos

para experimentar uma vida livre, organizando-se em aldeias e tentando viver um projeto igualitário com as seguintes características: partilha e uso comunitário da terra, partilha dos bens, lei da solidariedade, assembleia com a liderança dos anciãos, confederação de tribos na autodefesa, festas compartilhadas dos pastores e dos agricultores, cultos sem templos, sem sacerdotes e sem luxo no modo do Império e das cidades-Estado. Foi o nascimento do núcleo inicial do povo israelita (não do Estado nacional).

Os acontecimentos do período da formação de Israel foram contados, interpretados, escritos e reescritos durante quase quatro séculos. Houve a ampliação, o acréscimo, a distorção e a manipulação da história por parte dos redatores do livro de Josué, como os do rei Josias e os dos teocratas, até glorificando Josué com um ciclo de sangue inocente e apresentando Javé como um Deus ciumento, violento e castigador (6,17-21).

O livro contém a história mítica e heroica (aspectos redacionais), relacionada com a reforma de Josias e com a implantação da teocracia em Judá no pós-exílio. Mesmo assim, o livro ainda registra algumas histórias e tradições sagradas da vida dos israelitas primitivos que tentaram viver na igualdade, na solidariedade e na liberdade. A memória sagrada do povo não se deixa “apagar” no horizonte narrativo dos redatores, que, inclusive, insistem no aniquilamento de toda a população local:

- a) *Terra partilhada* (14,1-4): entre os anos 1200 e 1000 a.C., a população de Israel, na região montanhosa de Canaã, passa de 12 mil para 75 mil pessoas. Um número significativo de pessoas pobres e exploradas está em busca de terra para sobreviver. Nessa realidade, nascem várias leis (tradições) que garantem a terra de agricultura

para o sustento da vida de todos. A terra, fruto do dom do Deus da vida, deve ser repartida segundo a necessidade das famílias, clãs e tribos (Nm 26,55-56).

- b) *A lei da hospitalidade* (2,1-7): a maioria dos israelitas primitivos enfrenta desafios para sobreviver nas regiões montanhosas de Canaã devido às regiões pobres, com topografia acidentada, clima, solo e recursos naturais escassos etc. Por exemplo, na pesquisa dos cemitérios da época, observou-se que quase a metade dos indivíduos não ultrapassa a idade de dezoito anos. A realidade sofrida obriga os israelitas a cooperar, amar e defender os “estranhos” como a si mesmo: a prática da hospitalidade (cf. Gn 18,2-8; 19,6-8; Jz 19,20-23; Jó 31,32).
- c) *Festas compartilhadas* (5,10-12): Israel primitivo é formado pelos vários grupos cananeus empobrecidos, os escravos do Egito, famílias de pastores seminômades fugindo da seca, os refugiados arameus da Síria etc. Cada grupo traz e celebra, na convivência, sua vida, cultura, festas, celebrações como a festa da Páscoa, dos Ázimos etc. Elas são compartilhadas e celebradas nas comunidades, fortalecendo a solidariedade e a fraternidade.
- d) *Assembleias dos anciãos* (24,1): as aldeias do Israel primitivo eram administradas pelas assembleias dos anciãos, que discutiam e determinavam as organizações coletivas das aldeias: as contribuições coletivas para a infraestrutura, como água, estrada etc.; os aspectos de produção, como o início da colheita, ciclos ou áreas de repouso da terra etc.; a arbitragem de conflitos internos e externos.

Período do rei Josias

Após a morte do seu rei Assurbanipal (699-627 a.C.), a Assíria começou a decair; foi um processo progressivo, mas definitivo, devido aos conflitos internos e às ameaças externas, sobretudo a invasão dos citas, tribos seminômades do norte, e a dos babilônios do leste. Ocupada com as invasões e enfraquecida por crises internas, a Assíria não conseguiu manter o controle sobre suas colônias e seu vasto território. Em 612 a.C., Nabucodonosor da Babilônia conquistou Nínive, destruindo definitivamente o enfraquecido império assírio.

Diante do enfraquecimento do controle assírio na Palestina, Josias retomou, em 620 a.C., a reforma iniciada pelo rei Ezequias, centralizando em Jerusalém o culto a Javé, Deus do Estado, destruindo os altares e os objetos de culto das divindades nos santuários do interior, conhecidos como lugares altos. A reforma acentuou ainda mais o caráter de centralização que o Templo de Jerusalém já possuía: Javé, o Deus do Estado, um só Templo e um só povo de Israel (2Rs 22-23).

Apesar do forte caráter religioso, o objetivo principal da reforma de Josias (620-609 a.C.), como no caso do seu antecessor Ezequias, foi a expansão nacional e territorial, sobretudo na região de Benjamim, antigo território de Israel Norte. As cidades de Jericó (Js 6), Betel (Js 8,12) e Gabaon (Js 9), que representavam importantes centros na região, foram os alvos imediatos da política nacionalista e expansionista do rei Josias.

Um dos meios de justificar e promover a incursão e a conquista militar foi a elaboração de uma obra historiográfica da ocupação de Canaã com notáveis estratégias de propaganda, prática bem conhecida dos relatos de conquista, como os praticados pelos neoassírios. Eis aqui alguns traços das justificativas e intenções do movimento de Josias que transparecem no livro de Josué:

- a) *A teologia da guerra santa* (Js 6-11): o próprio Javé, comandante das tropas de Israel, conquista as cidades “estrangeiras” e extermina suas populações em nome da aniquilação da idolatria, o que o rei Josias propagou e executou em sua reforma. A imagem de Javé, Deus poderoso, ciumento e castigador, ganhará mais peso na segunda redação dos teocratas para legitimar o sistema do Templo com o monoteísmo de Javé diante de “outras divindades” (24,16-24).
- b) *As cidades conquistadas*: a lista dos reis vencidos demonstra a pretensão e a dinâmica da política militarista e expansionista do rei Josias. Por exemplo, Jericó (Js 6), Betel (Js 8,12) e Gabaon (Js 9), que representam importantes centros políticos e culturais na região de Benjamim, antigo território de Israel Norte, são os alvos mais imediatos da política de expansão nacional e territorial do rei Josias (2Rs 23,15).
- c) *Declaração de fé em Javé, feita por uma mulher estrangeira* (2,8-13): a adesão de Raab à divindade dos israelitas é um protótipo do ato das nações estrangeiras, que devem temer e confessar somente Javé, o dono de toda a terra. Em seu projeto militarista e expansionista, Josias deseja salientar a grandeza de Javé frente às nações. O temor de Javé, Deus único e poderoso, será reforçado mais ainda pelos teocratas, na segunda redação do livro de Josué, para fortalecer o sistema tributário do Templo de Jerusalém (Ex 25,1-9).
- d) *A presença da Arca da Aliança* (Js 6): a memória da Arca da Aliança, símbolo da unidade e da identidade nacional, é apropriada, utilizada e descrita como presença sagrada e militar de

Javé na conquista, para justificar e fortalecer a guerra santa do rei Josias. O mesmo ato de apropriação acontece com a festa da Páscoa, festa familiar, que é transformada em uma festa do Estado de Josias (2Rs 23,21-23). No pós-exílio, a imagem da Arca, levada em procissão (Js 3-4), adquirirá maior caráter sagrado e litúrgico no contexto da teocracia, que transforma a Arca no “Santo dos Santos”, chamado “sala do propiciatório” (cf. Ex 25,17; Lv 16,15; 1Cr 28,11), como o substitutivo da Arca.

Período exílico e pós-exílico

Na primeira invasão da Babilônia (597 a.C.), o rei Joaquin e seus colaboradores, incluindo o profeta Ezequiel, foram exilados para a Babilônia e se estabeleceram em Tel-Abib, no canal do rio Cobar (Ez 1,3; 3,15). Na segunda invasão (587 a.C.), o rei Sedecias, filho de Josias e tio de Joaquin, e seus governantes foram massacrados, a capital Jerusalém, com seu Templo, foi devastada, e Judá foi conquistada pelos babilônios (2Rs 25,1-21). Com o esforço do grupo do profeta Jeremias, camponeses remanescentes, a terra de Judá foi distribuída para os pobres por Godolias, governador nomeado pela Babilônia (Jr 40).

Durante o exílio, Ezequiel, formado em Jerusalém, de família sacerdotal, exerceu sua atividade no meio dos primeiros exilados, altos oficiais e anciãos (cf. 2Rs 24,10-16; Ez 1,1-3; Jr 29,1-23). Seu grupo, reconhecendo a destruição de Jerusalém como o resultado da infidelidade a Javé, tentava manter sua fidelidade e identidade, fortalecendo e renovando a teologia oficial: Javé do Templo exila-se na Babilônia e está no meio dos primeiros deportados (Ez 10,18-22); eles, com Javé

oficial, consideram-se o verdadeiro povo de Deus (Ez 11,14-18) e os herdeiros legítimos da terra santa de Judá (Ez 11,15; 33,23-29), pois eles teriam se mantido “puros” no meio dos “impuros” (idolatria: cf. Ez 20; 22), através da observância de estatutos e normas de Javé: a circuncisão, o sábado, a lei da pureza etc. (Ez 32,19-21; 37,23). Nessa moldura teológica, o grupo de Ezequiel, que criticou os camponeses remanescentes por pretenderem ser os únicos herdeiros da terra de Israel (Ez 11,17-21; 20,42), revisou a primeira redação do livro de Josué com ênfase na retomada da posse da terra (Js 13-21).

Após o exílio, o grupo de Ezequiel, agora chamado *golá*, retornou para Judá e estabeleceu a teocracia como comissários do império persa (Esd 1-7). Os teocratas reconstruíram e fortaleceram o sistema do Templo com Javé, Deus único contra “outros deuses”, a teologia da retribuição, a lei da pureza, sacrifícios, festas, ofertas dos produtos da terra para Deus Javé etc., como principais meios de arrecadação de tributos, para o enriquecimento da teocracia de Jerusalém e do império persa, provocando o sofrimento do povo (cf. Is 58,1-12; 66,1-4; Jó 24; Sl 73). Para ser usado como meio de justificação de seu poder e direito sobre o domínio de Judá, os escribas da teocracia releeram, revisaram, ampliaram e escreveram a última redação do livro de Josué, sobretudo a parte da “repartição da terra” (Js 13-21) e a última parte (Js 22-24):

- a) *O novo êxodo*: o retorno dos repatriados (*golá*) para a terra prometida é descrito como o novo êxodo do povo eleito, que deveria ocupar e controlar a terra (1,10-18; 4,1-24), justificando, assim, o direito e o poder do governo teocrata sobre a terra, a arrecadação de tributos etc.

- b) *A sacralização da Lei* (1,6-9; 8,30-32; 22,1-8; 23,6): a teocracia sacerdotal sacraliza e impõe a observância rígida da lei da pureza, a circuncisão, a etnia eleita e santa, o monoteísmo com a figura mítica de Moisés, o patrono da Lei.
- c) *Os “despojos” da guerra santa* (anátema): os objetos conquistados nas guerras vão para o tesouro do Templo de Javé, enriquecendo a teocracia e o império persa (6,17-19; 22,7-8; cf. Ex 25,1-9; Esd 7,25-26).
- d) *A distribuição da terra santa* (Js 13-21): a terra, conquistada pelo comandante Deus Javé, é distribuída para as doze tribos de Israel, o verdadeiro povo de Deus, com a presença marcante dos sacerdotes, na cerimônia transcendental da partilha da terra (14,1; 17,4; 19,51; 21,1; 22,13.30.32).
- e) *O altar do santuário escolhido por Javé, “Deus dos deuses”* (Js 22): os sacrifícios e as ofertas devem ser oferecidos no Templo de Jerusalém, onde habita Javé, o único Deus de Israel (Dt 4,39-40).
- f) *A fidelidade ou infidelidade do povo a Javé e à sua palavra* (Js 23): a quebra da aliança, servindo a “outras divindades”, provocará a ira de Javé, tendo como consequência a perda da terra santa. A lei da pureza, com a teologia da retribuição, consolidada pelos teocratas, está em vigor para legitimar o poder de Javé e da teocracia.
- g) *A renovação da aliança* (Js 24): o povo de Israel renova a aliança com o Deus do êxodo, agora transformado em um Deus excludente, ciumento e vingativo. Se Israel não observar o livro da Lei, as palavras de Deus Javé, e servir a “outros deuses”, “deuses do estrangeiro”, Javé tratará mal o povo e o destruirá.

2. Plano e conteúdo do livro de Josué

- a) Js 1-12: a primeira parte do livro relata a preparação e a realização da conquista, sendo a maior parte redigida pelos escribas (deuteronomistas) do rei Josias como propaganda real, para justificar sua política nacionalista, militarista e expansionista. Posteriormente, a primeira parte é revista pelos redatores pós-exílicos com sua teologia, como a das doze pedras (a totalidade do povo: Js 4,20; Ex 24,4; 1Rs 18,31), a circuncisão (5,2-9; Lv 12,3; Gn 21,4), o anátema consagrado a Javé (6,17-19: cf. Lv 27,21-29) etc. Provavelmente, Js 1, que contém o discurso de Javé e emoldura todo o livro com o discurso de Josué (Js 23-24), é da redação pós-exílica.
- b) Js 13-21: a segunda parte apresenta a partilha da terra entre as tribos e as listas com os territórios e as fronteiras das tribos de Israel após seu assentamento. Sua maior parte é elaborada pelo grupo do sacerdote Ezequiel, os ex-governantes exilados na Babilônia, e estendida e intensificada pelos teocratas (*golá*), no pós-exílio, para legitimar seu poder e seu controle sobre os territórios de Judá.
- c) Js 22-24: a terceira parte é composta no período exílico e pós-exílico, apresentando o retorno das tribos (Js 22), o último discurso de Josué (Js 23), a aliança em Siquém e a morte de Josué (Js 24). O principal objetivo dos redatores é descrever o povo eleito de Javé, em torno do Templo e da Lei de Javé, Deus poderoso, ciumento, castigador, violento contra quem serve outros deuses. O maior castigo é a perda da posse da terra (23,15-16; 24,16-28: cf. Dt 28,15-46).

3. Mensagens principais

Em princípio, a história da formação de Israel, descrita no livro de Josué, é uma história mítica e heroica, elaborada para justificar e legitimar a reforma de Josias e o projeto dos teocratas. Porém, não se deve desprezar a narrativa histórica bíblica. Nela, as tradições antigas da vida dos israelitas estão presentes. Até para convencer o povo, os redatores trazem, na história, as tradições antigas mais sagradas à vida cotidiana de Israel: terra, hospitalidade, festa etc. São as tradições e as espiritualidades que devem ser reavivadas pelo povo de hoje para a vida digna. Ao mesmo tempo, a apropriação e a manipulação da história e da imagem de Deus, a serviço dos projetos dos poderosos, também devem ser salientadas, para alertar e conscientizar a leitura da Bíblia a serviço da construção do Reino da Vida.

As violências, especialmente aquelas feitas em nome de Deus, presentes no livro de Josué também devem ser visualizadas e transformadas em tema de profunda reflexão. Elas devem nos sensibilizar, para percebermos as violências, em nome de Deus ou não, que ainda são feitas em nosso meio, para que, guiados e guiadas por Jesus de Nazaré e por seu Espírito, possamos enfrentar e superar a insensibilidade e a falta de solidariedade e compaixão, criando relações e sociedades não violentas.

Ao estudar o livro de Josué, queremos reforçar nosso compromisso com a Lei da Vida, que garante justiça para todas as pessoas. Eis os temas sobre os quais nos debruçaremos:

Primeiro encontro: A partilha da terra é para o sustento da vida de todos e todas (14,1-5). Em uma sociedade agrária, possuir a terra é fundamental, é condição para ter acesso aos bens necessários à sobrevivência.

Ainda hoje, vemos que a terra e as riquezas estão concentradas nas mãos de poucos. Grande parte da população vive “ao deus-dará”, como sem-terra, sem-teto, sem emprego e encostados nos cantos da cidade. Rezando por essa realidade, queremos tomar consciência da concentração das terras e das riquezas e somar forças com os grupos que resistem contra a expropriação da terra, contra os projetos de morte e exclusão de pessoas e grupos, lutando por práticas e políticas solidárias, compensatórias e diminuidoras das desigualdades.

Segundo encontro: A hospitalidade em favor da vida! (2,1-24). Acompanhando as ações de Raab, queremos ver como está a nossa prática de hospitalidade em nossa casa e em nosso coração. Cultivar em nossas famílias e em nossas comunidades uma atitude de sensibilidade e abertura para acolher o próximo, em especial os estrangeiros e as pessoas que precisam de nosso apoio e solidariedade. Que o Deus da vida nos ajude a olhar para nossas atitudes e ações e eliminar todo e qualquer comportamento que possa excluir a outra, o outro.

Terceiro encontro: Festa, celebração, refeição e partilha de vida (5,10-12). A participação nas festas comunitárias é importante para criar laços solidários e fortalecer o sentido de família. A festa nos ajuda a acreditar nas coisas boas da vida e a resistir diante das dificuldades. Em uma festa comunitária, deve haver lugar para a participação de todas as pessoas. Celebremos a alegria de viver, de ser comunidade e de poder celebrar comunitariamente alguns momentos importantes de nossa vida.

Quarto encontro: Não à violência em nome de Deus (6,1-21). Relendo o texto da conquista de Jericó, vamos

procurar entender quais os possíveis interesses que estão por trás desse texto e, acima de tudo, reafirmar nossa fé no Deus do êxodo, que é sensível e solidário com os sofrimentos do povo. O uso do nome de Deus para justificar atos violentos é inadmissível, é contrário ao projeto da Vida.

Quinto encontro: Javé, Deus poderoso e ciumento, castiga quem não observa a Lei (23,1-16). Entender um pouco melhor a teologia da retribuição, que limita a ação de Deus às atitudes da pessoa humana. Se uma pessoa é fiel à Lei, Deus a recompensa com riqueza, descendência e vida longa; se uma pessoa é infiel à Lei, Deus a castiga com sofrimentos, doenças, esterilidade e morte (cf. Dt 28). Vamos reafirmar nossa fé e esperança no Deus da gratuidade, da misericórdia e da compaixão.

Que a leitura, o estudo, a reflexão e a oração a partir do livro de Josué nos ajudem a criar convicção de que Deus está sempre conosco e, apesar das dificuldades, vai à nossa frente, independentemente de nossas ações. Que a nossa fé alimente nossa mística na construção de um mundo justo, solidário e igualitário.

4. Lembretes para as reuniões

Eis aqui algumas sugestões práticas para a realização dos encontros:

- Preparar bem o local do encontro; é importante que aconteça nas casas, revivendo o espírito missionário das primeiras comunidades.
- Verificar a necessidade de providenciar, anteriormente, algum material para o encontro.

- A coordenadora ou o coordenador, em todos os encontros, deve acolher e dar atenção especial às pessoas que participam pela primeira vez.
- Se o encontro for numa casa, agradecer à família que acolhe o grupo.
- Motivar as pessoas a trazer sempre a Bíblia.
- Não é necessário responder todas as perguntas que são apresentadas no roteiro.
- Ver o DVD “Chaves para entender o livro de Josué”, Centro Bíblico Verbo e Verbo Filmes.

PRIMEIRO ENCONTRO



TEMA: A partilha da terra é para o sustento da vida de todos e todas.

PERSONAGENS: Os filhos de Israel, Eleazar, Josué, os chefes de famílias de tribos e Moisés.

TEXTO: Js 14,1-5.

PALAVRAS-CHAVE: repartiram, herança, terra, sobrevivência

PERSPECTIVA: Compreender que o acesso aos bens necessários para uma vida digna é direito de todas as pessoas.

Foi por sorteio que receberam a herança, conforme ordenou Javé (14,2).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, vaso, terra e semente – escolher uma semente para plantar.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Setembro é o mês dedicado à Bíblia. Neste ano, temos como desafio ler, estudar, refletir e rezar a história de Israel a partir do livro de Josué. Um livro que contém muitas tradições sobre a conquista da terra de Canaã e a partilha da terra. Peçamos ao Espírito de Deus que ilumine nossas mentes para compreendermos a história de um povo que sempre esteve em busca de condições dignas de vida. Nós continuamos nesta mesma caminhada. Com alegria, cantemos:

*O povo de Deus no deserto andava, mas à sua frente alguém caminhava. O povo de Deus era rico de nada, só tinha esperança e o pó da estrada. **Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada. Somente a tua graça me basta e mais nada.***

*O povo de Deus ao longe avistou a terra querida que o amor preparou. O povo de Deus corria e cantava, e nos seus louvores teu poder proclamava. **Também sou teu povo, Senhor, e estou nessa estrada, cada dia mais perto da terra esperada.***

Dirigente: Nestes encontros, queremos aprender a reconhecer a sua Palavra na história dos povos. Dá-nos, Senhor, discernimento para perceber sua ação na caminhada. Que possamos compreender que o projeto de Javé é comunhão e vida digna para todas as pessoas. Vamos ler, em voz alta, o tema do nosso encontro de hoje: *A partilha da terra é para o sustento da vida de todos e todas.*

Todas(os): Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Em 1982, houve a ocupação de uma fazenda abandonada, pelos agricultores sem-terra, na região de Medianeira, no Paraná. Após a reintegração de posse e o despejo, as famílias com as crianças, mais ou menos cem pessoas, ficaram acampadas no pátio da igreja matriz de Medianeira. Durante o acampamento, um senhor de idade faleceu de morte natural. Na missa de enterro, celebrada por Dom Olívio Fazza, então bispo da diocese de Foz do Iguaçu, a esposa do falecido declarou: “Pela primeira vez na vida, meu marido vai ganhar um pedaço de terra”. Até hoje, a terra continua tornando-se fonte de riqueza abusiva, e, muitas vezes, indevidamente concentrada na mão de poucos em detrimento da maioria.

Dirigente: O que nós conhecemos da situação dos sem-terra em nossa região? As pessoas em situação de rua estão concentradas nas grandes cidades, e essa mesma realidade também é vista nas cidades menores. O que sabemos da vida dessas pessoas? *Tempo para a partilha.*

Encerrar este momento com o canto – se preferir, o grupo poderá sugerir outro: *O povo de Deus também vacilava, às vezes custava a crer no amor. O povo de Deus, chorando, rezava, pedia perdão e recomeçava. Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada. Perdoa se, às vezes, não creio em mais nada.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Entre 1200 e 1000 a.C., a população de Israel, na região montanhosa de Canaã,

passou de 12 mil para 75 mil pessoas. A maioria delas era formada por cananeus, refugiados da exploração dos reis das cidades-Estado e do faraó do Egito, das guerras, de secas prolongadas e da fome. Havia um número significativo de pessoas pobres e exploradas em busca de terra para sobreviver. Nessa realidade, nasceram várias leis que garantiam a terra de agricultura para o sustento da vida de todos e todas. Uma das leis afirma: “A herança (terra, casa, bens) será recebida de acordo com o número dos nomes das tribos de seus pais, e a herança de cada tribo será repartida por sorteio, levando em conta o maior ou menor número” (Nm 26,55-56). Essa é uma das leis que perpassa a história do povo de Israel.

5. Leitura do texto

Dirigente: Colocando os pés na terra do povo de Israel, peçamos ao Espírito de Deus que nos ajude a compreender que toda pessoa tem direito aos bens necessários para viver com dignidade. Sugestão de canto:

Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será acrescentado. Aleluia, aleluia. Não só de pão o homem viverá, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Aleluia, aleluia.

Leitora ou leitor 3: Ler Js 14,1-5

Dirigente: *Para conversar:*

- a) Qual o tema principal que aparece no texto?
- b) Qual a importância da terra para a vida das famílias?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: O problema da luta pela terra é crônico na história do Brasil. Ainda hoje, não faltam grandes grupos econômicos querendo explorar os recursos naturais, especialmente pela expansão do agronegócio e da fronteira agrícola. Há no campo uma grande resistência contra a expropriação da terra. Nessa luta, ainda prevalece a lei do mais forte, e mais pessoas morrem, mais florestas são destruídas. Mas há também a resistência e a consciência de que a terra e as riquezas minerais foram criadas por Deus para estarem a serviço da vida com dignidade para todos e todas, no convívio responsável e respeitoso com todas as formas de vida, animais ou vegetais.

- a) Como nós e nossas comunidades apoiamos a luta das famílias sem-terra, indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais?
- b) Quais informações temos sobre os problemas que muitas pessoas enfrentam em relação à terra, à moradia, ao desemprego e à educação?
- c) Qual a nossa consciência dos problemas sociais do nosso bairro ou de nossa sociedade?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Como pessoas cristãs, somos chamadas a seguir os passos do Mestre Jesus, que constantemente criou espaços para os pobres e marginalizados. Rezemos juntos a oração do pai-nosso, pedindo que Deus nos dê forças para continuarmos nosso empenho na concretização do seu Reino entre nós.

Todas(os): Pai-nosso.

Dirigente: Neste momento, vamos preparar o nosso vaso para plantar uma semente. *Enquanto alguém prepara o vaso, passar, de mão em mão, a semente escolhida e, em silêncio, cada pessoa poderá responder para si mesma: “Qual a vida nova que eu desejo para mim e para as pessoas ao meu redor?”. Esse vaso deverá ser colocado em todos os encontros.*

Encerrar este momento com o canto:

Toda semente é um anseio de frutificar e todo fruto é uma forma de a gente se dar. Põe a semente na terra, não será em vão, não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Js 2,1-24, e quem puder leia as orientações em preparação ao segundo encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Conhecer a realidade da CPT (Comissão Pastoral da Terra) de sua comunidade, paróquia ou diocese.

10. Bênção final

Dirigente: Com o novo vaso em mãos, vamos pedir ao Deus da vida que faça frutificar a semente que plantamos, e que cresça em cada um dos participantes nova planta da justiça e da verdade. Que o Deus da paz, do amor e da consolação derrame suas bênçãos sobre a nossa vida.

Todas(os): Amém.

Orientações para o primeiro encontro

Situando o texto: *Terra, fruto do dom de Deus em prol da vida*

Ele (o rei) os obrigará a arar a terra dele e a fazer a colheita para ele, a fabricar para ele as armas de guerra e as peças dos seus carros de guerra. Tomará as filhas de vocês para trabalhar como perfumistas, cozinheiras e padeiras. Tomará os campos, as vinhas e os melhores olivais de vocês, para dá-los a seus próprios servos. Vai exigir a décima parte das plantações e vinhas de vocês para dá-los a seus altos oficiais e servos. Tomará os servos e servas de vocês, os melhores jovens e os jumentos de vocês, para que fiquem a serviço dele. E vai exigir a décima parte dos rebanhos de vocês, de modo que vocês mesmos serão transformados em servos dele (1Sm 8,12-17).

O chamado “o direito do rei” (1Sm 8,11) descreve a situação sofrida da população camponesa das cidades-Estado, dominada pelos reis cananeus: serviço militar, corveia, tributos, apropriação de terra e de rebanhos, escravidão, exploração, opressão etc. Principalmente, a terra de onde o povo tira o sustento da vida é progressivamente concentrada nas mãos dos poderosos (cf. Gn 47,13-26).

A partir de 1200 a.C., as cidades-Estado, “centros urbanos” de Canaã, entraram em crise, causada por fatores como:

- a) A instabilidade política do império egípcio, no final da Era do Bronze (por volta de 1200 a 1150

- a.C.), provocou conflitos e guerras entre as cidades-Estado cananeias, vassalãs do Egito, que disputavam o controle de aldeias e cidades. Mais guerras, destruição e sofrimento para o povo.
- b) Uma das causas principais da crise do Egito foram as invasões dos “povos do mar”, posteriormente chamados de filisteus, que tentaram invadir o território e estabelecer-se em Canaã, o que aumentou as guerras e a instabilidade na região.
 - c) Houve uma prolongada seca no final da Era do Bronze na terra de Canaã, causando a diminuição da produção de alimentos. A seca provocou disputas por alimentos, abuso de autoridade, empobrecimento, migração da população e sedentarização de pastores nômades.

A crise das cidades-Estado abateu diretamente a vida dos camponeses e das camponesas, a maioria da população da terra de Canaã: mais exploração, opressão, violência, sofrimento, fome... Tudo isso acelerou a saída (êxodo) da população das cidades-Estado rumo às regiões montanhosas de Canaã (Manassés, Efraim e Benjamim). Eram as regiões menos habitadas, provavelmente com pequenas aldeias de famílias de agricultores e de pastores, fora do controle dos governantes das cidades-Estado.

Com a chegada de novas técnicas, como a metalurgia (ferro) para a derrubada de matas e a utilização da cal para o revestimento de cisternas, as terras das montanhas e dos desertos foram mais intensamente exploradas, proporcionando a ampliação das aldeias, a formação de novos assentamentos e melhores condições de vida.

Nas aldeias das montanhas, os ex-grupos urbanos, sofrendores da sociedade opressora das cidades-Estado, tentaram viver um projeto comunitário: partilha e uso

comunitário da terra, partilha dos bens, lei da solidariedade, assembleia, confederação de tribos para a autodefesa (Jz 5), culto sem templo, sem sacerdote e sem luxo (Ex 20,24-26). Assim nasceu o núcleo inicial do povo israelita (não do Estado nacional), formado por pequenas aldeias comunitárias de famílias ampliadas (clãs) – a sociedade tribal em busca de condições mais adequadas de vida.

Entre os anos 1200 e 1000 a.C., a população da região montanhosa de Canaã passou de 12 mil para 75 mil pessoas, e os locais povoados (sítios ou pequenas aldeias) passaram de 29 para 254. Um número significativo de pessoas estava em busca de terra para sobreviver! A semente das leis sagradas quanto à terra nasceu nessa realidade, para manter a sociedade comunitária:

A terra será distribuída em herança para todos esses, de acordo com o número de registrados. Você dará uma herança maior para aquele que tem maior número, e dará uma herança menor para aquele que tem menor número. A herança será distribuída em proporção ao número dos recenseados. Entretanto, é por sorteio que a divisão da terra será feita. A herança será recebida de acordo com o número dos nomes das tribos de seus pais, e a herança de cada tribo será repartida por sorteio, levando em conta o maior ou menor número (Nm 26,53-56).

O texto garante que a terra de agricultura para o sustento da vida é dada para todos e deve ser repartida entre todos de acordo com a necessidade. Na repartição da terra, há dois conceitos importantes na história de Israel:

- a) Herança, *nahalal*, em hebraico (herdade, patrimônio, posse): a terra prometida para famílias

ampliadas, tribos e povo, como o dom e a propriedade de Deus. Por isso, a herança deve ser salvaguardada no seio das famílias ampliadas e das tribos para o sustento da vida.

- b) Sorteio, *goral*, em hebraico: a prática de tirar a sorte é usada para saber a vontade de Deus na distribuição da terra, na tomada de decisões ou nos casos de julgamento. Na repartição da terra como dom de Deus, o espírito de partilha e de igualdade prevalece para que todos tenham a terra e a vida.

Na luta dos israelitas primitivos pela vida, foi gradativamente elaborado o conceito teológico: a terra é dom de Deus de onde o povo tira o necessário para o sustento da vida. Como diz o mito da criação: “Javé Deus modelou o homem (*'adam*) com o pó do solo (*'adamah*), soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente... Javé Deus colocou o homem no jardim de Éden, para que o cultivasse e o guardasse” (Gn 2,7.15). A terra não é apenas *'erets* (em sentido geral), mas é especialmente *'adamah*, terra de agricultura e da vida. É a sacralização da terra como dom de Deus para a sua própria defesa!

Ao longo da história da luta pela terra e pela vida, surgem várias leis para defender a permanência da justa distribuição da terra:

- a) “Não encolha os limites do terreno do seu próximo. Eles foram colocados pelos pais na herança que você vai receber na terra que Javé, o seu Deus, lhe dá para que você a possua” (Dt 19,14).
- b) “Não desloque um antigo marco de divisa, nem invada o campo dos órfãos, pois o libertador

deles é forte, e lhes defenderá a causa contra você” (Pr 23,10-11; Pr 22,28; cf. Jó 24,2).

- c) “A terra não poderá ser vendida para sempre, porque a terra pertence a mim, e vocês são para mim migrantes e hóspedes temporários” (Lv 25,23).
- d) “Por isso, de qualquer terra que vocês possuírem, concedam o direito de resgate da terra. Se um irmão seu cai na miséria e precisa vender algo de sua propriedade, o parente mais próximo dele, que tem o direito de resgate, irá até ele e resgatará aquilo que o irmão tiver vendido. Quem não tiver ninguém para exercer esse direito, tendo alcançado recursos para fazer o resgate, descontará os anos que passaram desde a venda e pagará ao comprador o que falta, voltando assim à sua propriedade. Se não tiver meios para realizar o resgate, a propriedade vendida permanecerá em poder do comprador até o ano do jubileu. Mas, no jubileu, ele a deixará, para que volte a seu antigo proprietário” (Lv 25,24-28).
- e) “Quando irmãos habitam juntos e um deles morre sem deixar filhos, a viúva não deve sair para casar-se com um estranho. Um cunhado dela vai se achegar a ela e tomá-la como mulher, cumprindo o dever de cunhado. O primeiro filho que nascer receberá o nome do irmão falecido, para que o nome deste não se apague em Israel” (Dt 25,5-6). A terra será mantida na família ampliada e na tribo.

Tudo isso é a defesa da justa distribuição da terra conforme as necessidades da vida. A repartição da terra, como o dom de Deus criador (Sl 24,1-2), deve ser

defendida por todos os meios, para que todos e todas tenham a vida em nome de Deus. A tradição sagrada da terra emerge e perpassa pela história de Israel. Cada geração e cada grupo, em seu contexto e em sua necessidade, invocou a Deus pela terra, sentindo-se arraigado à terra repartida de seus antepassados.

Nos períodos exílico e pós-exílico, o grupo dos repatriados (*golá*) releu e reescreveu a história de Josué e da repartição da terra. Js 14,1-5 é um dos textos da repartição da terra entre as tribos, com herança e sorteio.

Comentando o texto: *Js 14,1-5 – A partilha da terra entre o povo eleito e puro: herança, sorte e lote*

O livro de Josué pertence à historiografia deuteronomista. A última redação foi feita pelos escribas e sacerdotes da *golá* (os deportados que voltaram) no período pós-exílico. Eles, que eram os teocratas, descendentes da primeira deportação, em 597 a.C. (o grupo governante de Ezequiel), redigiram o texto para justificar e exigir seu direito pela herança recebida de Deus, animando os exilados para retornar e reconstruir Jerusalém.

Uma das principais preocupações dos redatores é a posse da terra. Com a segunda invasão dos babilônios, em 587 a.C., a terra de Judá foi saqueada e tomada: as zonas da capital Jerusalém foram devastadas; as cidades fortificadas da região sul, como Laquis, Maresa, Azeca etc., foram destruídas; Hebron, o antigo centro da Judeia (terra ao sul de Jerusalém), ficou em território controlado pelos edomitas; a Sefelá, situada a oeste das montanhas de Judá, foi anexada à província de Azote dos Filisteus; Galaad, noroeste de Amon, foi ocupada pelos amonitas; as “montanhas de Samaria” (Jr 31,5) tornaram-se a província babilônica.

Entretanto, algumas partes do território de Judá foram preservadas pelos babilônios nos assédios: o território de Benjamim, com a terra fértil (ao norte de Jerusalém, como a região de Betel, Masfá, Ramá etc.), não foi saqueado e foi distribuído entre “os pobres da terra” do grupo de Jeremias, na negociação com Godolias, governador nomeado pela Babilônia (Jr 40); a cidade de Belém e seus arredores, com as terras cultivadas, escaparam da destruição; o centro administrativo de Ramat Rahel, perto de Belém, estava em pleno funcionamento durante o período exílico; ainda havia a atividade de culto (oferenda de cereais) e peregrinação a Jerusalém (Jr 41,2-5).

Embora a terra tivesse sido devastada com a drástica queda da população, ali, no território de Judá, ainda vivia uma população de mais de 40 mil pessoas durante o período exílico. A maioria era composta por camponeses e camponesas que sofreram com os governantes de Judá: tributo, corrupção, empobrecimento, exploração, desapropriação de terra etc. (Jr 26,1-24). Eles teriam formado a oposição ao projeto dos repatriados, ex-governantes de Judá, para não serem explorados novamente.

Nessa realidade, os repatriados redigiram o livro de Josué, sobretudo a segunda parte (Js 13-21), apresentando a divisão da terra entre as tribos e encorajando os exilados a tomar posse daquilo que Deus lhes deu. Os relatos foram moldados pela tradição sagrada da terra, com os seguintes elementos: promessa de Deus, terra santa, herança, sorteio e autoridade religiosa, com o objetivo de justificar o direito pela posse da terra. Js 14,1-5, que descreve o relato sobre as terras a oeste do rio Jordão, não poderia ser diferente. O texto é marcado pelos elementos sagrados e tradicionais.

O texto inicia-se: “Eis, portanto, o que herdaram os filhos de Israel na terra de Canaã, que repartiram entre eles como herança Eleazar, o sacerdote, Josué, filho de Nun, e os chefes de família das tribos dos filhos de Israel” (14,1). As palavras-chave para defender o direito da posse da terra de Canaã são: filhos de Israel, terra de Canaã, herança, Eleazar, Josué, os chefes etc.

O livro de Josué ensina que a conquista da terra de Canaã é o cumprimento das promessas de Deus sobre os filhos de Israel pela obediência fiel a seus mandamentos (23,1-5). Nos períodos exílico e pós-exílico, os repatriados se consideravam como o verdadeiro povo eleito, puro e fiel a Javé, Deus dos teocratas, e o verdadeiro herdeiro da terra de Canaã, ou seja, a terra santa de Judá (cf. Esd 2). Ezequiel, líder dos primeiros deportados no início do exílio, acusa, inclusive, os pobres remanescentes de Judá de pretenderem ser os únicos herdeiros da terra prometida (Ez 11,15; 33,23-29), para onde os exilados retornarão no futuro.

O direito da posse da terra é reforçado pela presença de três personagens importantes. Em primeiro lugar, a presença do sacerdote Eleazar (o sucessor de Aarão), que é filho de Aarão e pai de Fineias (Ex 6,23-25; Nm 3,1-4; 20,26-28; 32,28; Lv 10,4-7; Dt 10,6), fortalece a intenção dos redatores teocratas de associar o sacerdócio à cerimônia transcendental da partilha da terra. A terra é a propriedade sagrada de Deus e deveria ser dividida entre as tribos fiéis à sua Palavra.

A divisão da terra deveria ser executada também perante Josué, o líder fiel sem falha na execução das palavras de Deus e do ensinamento de Moisés. No livro de Josué, ele é apresentado como um retrato vivo de Moisés e repete muitas ações de seu antecessor. A menção de Josué-Eleazar em Js 14,1 é uma réplica da parceria de Moisés-Aarão, avigorando a ação do Deus do êxodo na divisão da terra.

A divisão da terra é também tarefa de todas as comunidades, por meio de seus representantes: “os chefes de família das tribos dos filhos de Israel”. Essa mesma expressão ocorre em Js 19,51, em referência à partilha da herança em Silo: “São essas as partes da herança que o sacerdote Eleazar e Josué, filho de Nun, e os chefes de família das tribos dos filhos de Israel, tiraram à sorte, em Silo, à frente de Javé, na porta da Tenda do Encontro”. Segundo os redatores teocratas, os representantes do povo, com Eleazar e Josué, devem ser as pessoas puras, fiéis e dignas de estar à frente de Javé, para receber as partes da herança.

Em benefício do povo puro e fiel a Javé, a terra é dividida segundo a tradição sagrada da herança: “Foi por sorteio que receberam a herança, conforme ordenou Javé, por meio do ministério de Moisés, para nove tribos e meia” (14,2). A prática de tirar a sorte pela divisão da terra é uma maneira de determinar a vontade de Deus e de garantir o direito sacral da posse da terra. É a prática transmitida e ordenada pelo ministério de Moisés, figura consolidada como patrono da Lei no período pós-exílico.

Na divisão da terra, o número das tribos constitui uma preocupação. Têm de ser doze, segundo a construção teológica elaborada e consolidada no período do pós-exílio. Há a explicação dos teocratas: “Moisés, com efeito, já havia dado herança para duas tribos e meia, do outro lado do Jordão; mas, para os levitas, não havia dado herança no meio deles. Com efeito, os filhos de José formaram duas tribos: Manassés e Efraim. Por esse motivo, não se deu aos levitas parte alguma na terra, a não ser povoados para morar, com pastagens, para neles criarem seus rebanhos e para sua própria sobrevivência” (14,4).

O número das tribos tem de ser doze na partilha para salientar a grandeza do Israel ideal organizado pelo Sagrado, segundo Deus Javé poderoso: “Tudo o que Javé havia ordenado a Moisés, assim fizeram os filhos de Israel. E repartiram a terra” (14,5). Teologicamente, as tribos de Israel descendem dos doze filhos de Jacó. Por isso, ao ficar de fora Levi, os descendentes de José foram divididos em duas tribos para completar o número doze. Na realidade do pós-exílio, os levitas não podiam ter sua terra no pré-exílico (Nm 18,20; 26,62; Dt 10,9; Js 13,14); nesse novo contexto, eles deveriam receber área igual à dos sacerdotes (Ez 48,8-22), devido ao trabalho importante na administração da teocracia.

Tudo isso mostra que o grupo da *golá* releu e reescreveu a história mítica e heroica de Josué e sua repartição da terra para justificar a posse da terra. Mesmo assim, Js 15,1-5 ainda registra a tradição sagrada da vida dos israelitas primitivos que tentaram viver na igualdade e na solidariedade: a terra é dom de Deus e deve ser repartida em prol das necessidades da vida. A memória sagrada do povo não se deixa “apagar” no horizonte narrativo dos redatores. A repartição da terra, como o dom de Deus criador (Sl 24,1-2), deve ser defendida por todos os meios, para que todos tenham a vida em nome de Deus.

Aprofundando: *O grito dos pequenos pela terra e pela vida*

Ai daqueles que, deitados na cama, ficam planejando a injustiça e tramando o mal! É só o dia amanhecer, já o executam, porque têm o poder nas mãos. Cobiçam campos, e os roubam; querem uma casa, e a tomam. Assim oprimem ao varão e à sua casa, ao homem e à sua herança (Mq 2,1-2).

Miqueias, que viveu como camponês em uma pequena vila, Morasti-Gat, em fins do séc. VIII a.C., gritou e denunciou os governantes avarentos e corruptos que estavam roubando e acumulando a terra, deixando os homens, as mulheres e as crianças do campo sem “herança” (casa, terra, animais), sem lar, sem roupa e sem vida (Mq 2,8-9; 3,1-3). A cobiça e o roubo de terras eram praticados pelo grupo do poder, os construtores de Jerusalém e seus aliados fazendeiros. Com a política militarista de expansão do rei Ezequias, os governantes necessitavam de mais terras e produtos para o comércio, exportação e lucro (cf. 2Rs 18,1-8; Mq 3,9-10).

Mais tarde, a política militarista e expansionista dos últimos reis de Judá suscitou a ameaça de invasão devastadora dos caldeus e levou a nação à sua ruína: “autodestruição” (Jr 27,12; 28,14). Os governantes injustos e corruptos, os negociantes fraudulentos e os falsos líderes religiosos (cf. Sf 1,8-11; 3,1-4) alienaram, abusaram, massacraram os pobres e levaram a concórdia fraterna do povo e da natureza à autodestruição em 587 a.C. (cf. Sf. 1,12-2,3; 2Rs 25,1-26). O fim do período da monarquia. Após o período do exílio, iniciou-se o período da teocracia, o poder apoiado pelo império persa. O sofrimento dos pequenos chegou ao fim?

Os justos possuirão a terra

Por volta do ano 450 a.C., o império persa, de olho no corredor sírio-palestino e na rota Jericó-Amon-Moab, enviou Neemias e Esdras com a missão de reconstruir, repovoar e reorganizar a produção e a coleta de tributos e para fortalecer a Judeia, região que fazia limite com o Egito. O Império, sobretudo com a preocupação no avanço dos atenienses (gregos), precisou instalar as guarnições militares e fortalecer as cidades de apoio no

corredor sírio-palestino. A cidade de Jerusalém e o Templo, com a lei da pureza, tornaram-se o centro do poder político e econômico. Consolidou-se a sociedade teocrata em Judá, com o domínio da Pérsia (Esd 7,26).

O sistema do Templo, baseado na teologia da retribuição, foi reforçado: Deus retribuía saúde, riqueza e vida longa para quem observasse a Lei, com a exigência dos sacrifícios. A pessoa impura ficava impedida de participar da vida comunitária e do culto no Templo, a morada exclusiva de Javé, Deus único do Estado. A única forma de voltar a participar da sociedade e do Templo era fazer o sacrifício de purificação, que incluía a entrega de ofertas para os sacerdotes do Templo (Lv 11-14). Dessa forma, o Templo e a Lei tornaram-se os principais mecanismos de arrecadação de tributos para a manutenção da teocracia de Jerusalém, que repassava uma parte da arrecadação ao império persa. Como no tempo da monarquia, os pequenos tornaram-se mais uma vez vítimas da exploração e da opressão dos governantes:

Muitos mudam os marcos das divisas, roubam os rebanhos e os levam a pastar. Levam embora o jumento que pertence ao órfão, e penhoram o boi que é da viúva. Eles desviam os indigentes para fora do caminho, e todos os pobres da terra têm de se esconder. O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. Da cidade sobem os gemidos dos moribundos e, suspirando, os feridos pedem socorro e Deus não ouve a sua súplica (Jó 24,2-4.9.12).

“Muitos mudam os marcos das divisas” (Jó 24,2a). É notável que o ato violento atinge a base da vida do povo: a propriedade da terra. Em um mundo no qual

90% da população são agricultores, a terra é o principal meio de produção para alimentar a vida e deve ser protegida (cf. Dt 19,14; Nm 26,52-56). Diante da violência, da exploração e da condição desumana, os pobres oprimidos gemem e gritam a Deus por socorro, como os hebreus no Egito (Ex 3,7). Contudo, ao contrário da sorte dos hebreus no socorro de Deus, os pobres injustiçados de Jó não encontram nem resposta, nem socorro de Deus.

Por que Deus não responde aos gritos e gemidos dos necessitados e injustiçados? Mais ainda: por que ele não intervém na situação de injustiça social? A resposta está na lógica da teologia da retribuição com o Deus do Templo: ele escuta o grito de quem observa a lei da pureza, oferecendo o sacrifício de purificação ou pecado, sacrifício constituído no período persa dos teocratas (Lv 11-14). A vida dos pobres é injustiçada e oprimida não só pelos atos violentos dos malvados, mas também pelo controle da tradição e da religião vigente.

Não é possível o pequeno ter esperança e a experiência de Deus? Sim, ele não resiste, grita para o Deus dos pequenos e luta pela terra e pela vida. O salmo 37, que nasceu a partir das experiências de vida, das situações de sofrimento e de dor dos camponeses no período persa dos teocratas, afirma:

*Os justos possuirão a terra
e nela habitarão para sempre.
A boca do justo recita sabedoria
e sua língua anuncia o direito.
A lei de Deus está em seu coração
e seus passos não vacilam (Sl 37,29-31).*

A expressão “possuirão a terra” (Sl 37,9.11.22.29.34) apresenta a realidade dos pobres sem-terra e, ao mesmo

tempo, denuncia a ordem social estabelecida. O salmo 37 coloca que os ricos ficarão sem a terra e os pobres voltarão a possuí-la, realizando a inversão no imaginário. Acreditar nesse sonho, com a fé no Deus da vida, é força para os camponeses e as camponesas continuarem firmes na luta e concretizarem, por meio de sua prática comunitária, a transformação da sociedade: “Os pobres possuirão a terra, sentirão prazer com paz em abundância (Sl 37,11). A mesma expressão será entoada mais tarde pelos pequenos do movimento de Jesus de Nazaré.

Felizes os mansos, porque herdarão a terra

A economia da região da Galileia, no século I d.C., era essencialmente agrícola, produzindo cereais e frutas, de onde saíam os alimentos básicos, como o pão, o vinho e o azeite. Na Galileia, terra dos gentios, havia latifúndios (grandes fazendas) com proprietários que viviam fora da região e, em muitos casos, colocavam suas terras nas mãos de maus “administradores”. Nas fazendas, os trabalhadores (lavradores, escravos e diaristas) eram frequentemente explorados e maltratados, até provocando revolta e violência (Mt 21,33-39).

A guerra judaica (66-73 d.C.) agravou ainda mais a situação dos lavradores judeus da Galileia e da Síria, a região vizinha da terra de refúgio. Muitos se tornaram sem-terra e diaristas (Mt 20,1-9). Mesmo assim, eles não perderam a esperança e gritaram pela terra e pela vida:

Felizes os pobres no Espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Felizes os que choram, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque herdarão a terra. Felizes os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados (Mt 5,3-6).

O texto, que faz parte da “bem-aventurança” da comunidade de Mateus, é uma releitura do Sl 37. A comunidade, possivelmente localizada na área da Síria, salienta a necessidade de “herdar a terra” para viver segundo o cumprimento da vontade (justiça) de Deus. Porque a “bem-aventurança” é o alegre anúncio da vinda iminente do Reino no qual a justiça será feita. É a esperança teimosa dos pequenos de que Deus está para intervir na história e fazer justiça, para tirá-los da sua condição desumana de sem-terra.

A luta pela “mãe-terra” (Eclo 40,1), sustento da vida, continua até hoje para construir uma terra de irmãos. Ao mesmo tempo, a luta continua vitimando muitas pessoas. Francisca das Chagas Silva, 34 anos, foi assassinada no dia 1º de fevereiro de 2016. Ela era membro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miranda do Norte, no Maranhão. Seu corpo foi encontrado nu, com sinais de estupro, estrangulamento e perfurações. Mais uma vítima do latifúndio. Apenas no Pará, de acordo com a regional da Comissão Pastoral da Terra, 320 trabalhadores e lideranças foram assassinados de 1996 a 2019. O número de conflitos registrados em 2020 é o maior dos últimos 35 anos. Uma realidade que clama aos céus e que vemos crescer no decorrer dos anos.

O compromisso dos seguidores e das seguidoras de Jesus de Nazaré é assumir a luta pela concretização da “bem-aventurança”: um mundo de justiça, igualdade, fraternidade e vida plena. “Construirão casas e nelas habitarão, plantarão vinhas e comerão seus frutos. Não construirão para outro habitar, não plantarão para outro comer, porque a vida do meu povo será longa como a das árvores, meus escolhidos poderão gastar o produto de suas mãos. Não se fatigarão inutilmente, não gerarão filhos para a desgraça, porque todos serão

a descendência dos abençoados de Javé, juntamente com seus filhos” (Is 65,21-23), assim diz e sonha o Terceiro Isaías, representante dos pequenos, em seu texto “novos céus e nova terra” (Is 65,17-25; cf. Ap 21,1), escrito na realidade sofrida de Sl 37. É um sonho teimoso dos pequenos de ontem e de hoje.

SEGUNDO ENCONTRO



TEMA: A hospitalidade em favor da vida!

PERSONAGENS: Josué, dois homens, Raab, o rei de Jericó, perseguidores.

TEXTO: Js 2,1-24.

PALAVRAS-CHAVE: terra, porta da cidade, jurem, compaixão, lealdade, compromisso e três dias.

PERSPECTIVA: Rever nossa prática de hospitalidade e abrir nosso coração e nossa casa para hospedar quem precisa de nossa acolhida, em especial os estrangeiros e as pessoas que precisam de nós.

A mulher pegou os dois homens, os escondeu (para protegê-los) (2,4).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, o vaso preparado no encontro anterior e o recorte de um desenho em forma de coração.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro acolhendo a Trindade Santa que habita em nós. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Celebremos a alegria de poder nos reunir, como irmãs e irmãos, ao redor da Palavra, buscando luzes para uma vivência conforme o projeto de Deus, revelado em Jesus de Nazaré.

**É como a chuva que lava, é como o fogo que arrasa.
Tua palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal.**

*Tenho medo de não responder, de fingir que não escutei.
Tenho medo de ouvir teu chamado, virar do outro lado e fingir que não sei.*

*Tenho medo de não perceber, de não ver teu amor passar.
Tenho medo de estar distraído, magoado e ferido e então me fechar.*

*Tenho medo de estar a gritar e negar-te o meu coração.
Tenho medo de Cristo que passa, oferece uma graça, e eu lhe digo que não.*

Dirigente: Boas-vindas a todas e a todos. Podemos nos acolher mutuamente com nossos olhares. Se houver alguém que veio pela primeira vez, pode se apresentar.

No primeiro encontro, refletimos sobre a importância da terra para a sobrevivência das pessoas. O gesto concreto proposto era tomar conhecimento da situação da CPT (Comissão Pastoral da Terra) em nossa área ou

se inteirar da realidade das pessoas da nossa comunidade que não têm acesso aos bens necessários para viver. Alguém gostaria de falar como foi a sua vivência ao longo da semana? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto. Sugestão: **Lutar e crer, vencer a dor, louvar o Criador. Justiça e paz hão de reinar, e viva o amor.***

Dirigente: No encontro de hoje, refletiremos sobre a hospitalidade. Vamos repetir, em voz alta, o tema da nossa reunião: *A hospitalidade em favor da vida.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Em 2013, em uma aula com um grupo de estudantes, refletindo sobre o valor da hospitalidade a partir de um texto bíblico, eu afirmei que o povo brasileiro era muito hospitaleiro e acolhedor, especialmente com os estrangeiros. A sala era composta de onze pessoas, sendo oito africanos, provenientes de vários países da África. Alguém interrompeu minha fala e disse: “Eu estou cansado de ouvir isso, é pura hipocrisia. No metrô, no *shopping*, na casa de algumas pessoas e até mesmo na igreja eu me sinto vigiado”. E quase todos relataram situações nas quais se sentiram discriminados por serem estrangeiros e negros. Senti-me profundamente triste e sem saber o que dizer, apenas pedi perdão por essa situação. Nos últimos tempos, o racismo aumentou muito. No dia 24 de janeiro de 2022, o jovem Kabahambe, congolês, foi brutalmente assassinado no Rio de Janeiro.

Dirigente: Receber o estrangeiro exige aceitar a sua diferença e, ao mesmo tempo, esperar que ele acolha a cultura de quem o recebe. Como nós acolhemos os estrangeiros em nossa vida e em nossa casa?

Em nossa prática, é fácil acolher pessoas que consideramos importantes. Será que não estamos repetindo essa mesma lógica em relação aos nossos próximos? Como manifestamos nossa compreensão, respeito e acolhida aos estrangeiros pobres, negros e desempregados? *Podemos conversar sobre essas questões em pequenos grupos.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Historiadores e arqueólogos atestam a dureza da vida dos israelitas primitivos, constantemente atormentada e ameaçada por vários fatores: recursos desfavoráveis à atividade produtiva, doenças, secas, disputas entre os clãs, guerras provocadas pelas invasões dos reis cananeus etc., provocando o sofrimento de viúvas, órfãos, pobres endividados e novos migrantes, forasteiros nas regiões montanhosas. Nessa realidade, nascem várias tradições e leis para garantir a vida. Uma das leis mais importantes é a lei da hospitalidade: o anfitrião (dono) da casa deve dar o lava-pés, o alimento e o descanso aos hóspedes (as pessoas necessitadas, como migrantes: cf. Gn 18,2-8; Lv 19,33-34); ele tem o dever de dar segurança aos hóspedes a qualquer custo (Gn 19,6-8; Jz 19,20-23). Na origem, a história lendária e heroica de Raab, em Js 2,1-24, nasceu da tradição de hospitalidade dos israelitas primitivos e foi contada, transmitida, ampliada e revista ao longo dos anos, sobretudo na ocasião da reforma de Josias, por volta do ano 620 a.C.

5. Leitura do texto

Dirigente: Ao ler a Palavra de Deus, vamos buscar luzes para iluminar a nossa realidade e pedir a Deus que

nos transforme em pessoas abertas para reconhecer o estrangeiro que habita em nós e acolher a todas e a todos, especialmente os mais necessitados. Sugestão de canto:

Eu vim para escutar – Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de Amor. Eu quero entender melhor – Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de Amor. O mundo ainda vai viver – Tua Palavra, tua Palavra, tua Palavra de Amor.

Leitora ou leitor 3: Ler Js 2,1-24. Sugestão: fazer a leitura dialogada.

Dirigente: *Para conversar:*

- a) Como Raab exerce a lei da hospitalidade com os espiões?
- b) Por que Raab protegeu os espiões?
- c) Qual acordo os espiões fizeram com Raab, mulher estrangeira?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: A narrativa apresenta a memória de uma mulher que acolhe e protege seus hóspedes. O gesto da hospitalidade consiste em criar um ambiente familiar à pessoa que é acolhida, pois o hóspede, seja ele quem for, está longe do conforto de sua casa e de seus próximos. É importante que aprendamos a acolher as pessoas sem discriminação de etnia, classe social e gênero. Se existe abertura de coração, a dificuldade da língua não será um fator de exclusão.

- a) Como nós incluímos outras pessoas em nossas relações?

- b) Em nossa comunidade, quais sinais manifestam respeito, compreensão e acolhida às pessoas que vêm de outras regiões?
- c) Quais atitudes mostram a nossa iniciativa em conhecer a realidade dos migrantes?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento, vamos olhar a nossa vida e rever as atitudes que mostram discriminação com aquela ou aquele que é diferente, muitas vezes por meio de brincadeiras, piadas ou imitação dos trejeitos de outras pessoas. Nosso modelo de hospitalidade é Jesus de Nazaré, que criou espaços para os marginalizados do seu tempo. Que o Deus do êxodo, que liberta o seu povo, nos ajude a “descer” de nossos preconceitos e caminhar como irmãs e irmãos. Vamos olhar para o coração que está à nossa frente e pedir que Deus transforme o nosso coração, cantando: ***Dá-nos um coração grande para amar. Dá-nos um coração forte para lutar.***

Dirigente: Com os braços abertos, queremos rezar a oração do pai-nosso, pedindo que o Reino de Deus se estabeleça entre nós e que possamos colaborar no projeto do Deus da vida.

Todas(os): Pai-nosso.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Js 5,10-12, e quem puder leia as orientações em preparação ao terceiro encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima. Trazer um prato ou bebida para o lanche comunitário.

9. Gesto concreto

Conhecer a Pastoral dos Migrantes e, onde for possível, fazer uma visita ao Centro de Acolhida aos Migrantes. Ver qual a realidade dos migrantes que vivem em nossa região e descobrir formas de exercer a *hospitalidade* por meio de uma ajuda concreta.

10. Bênção final

Dirigente: Com as mãos estendidas, vamos formar uma grande tenda, querendo colocar nessa casa todas as pessoas que amamos e também aquelas e aqueles que encontramos em nosso caminho. Que o Deus do êxodo, que caminha com o seu povo, ajude-nos a romper as barreiras étnicas e sociais. Que Deus nos abençoe e nos conduza em nossa caminhada.

Todas(os): Amém.

Orientações para o segundo encontro

Situando o texto: *Sobrevivência, solidariedade, hospitalidade...*

Historiadores e arqueólogos bíblicos afirmam que a maioria dos israelitas primitivos (cananeus) enfrentou desafios para sobreviver nas regiões montanhosas de Canaã depois de deixar a vida nas planícies férteis. Do ponto de vista ecológico, eram regiões pobres, com topografia, clima, solo e recursos naturais desfavoráveis à atividade produtiva. As terras eram constituídas de áreas semidesérticas ou cobertas de mata cerrada, dificultando a produção agrícola e pastoril.

Aos poucos, novas tecnologias agrárias, como a utilização de ferro e da cal, foram introduzidas, possibilitando

aos israelitas primitivos a ampliação da área de plantio por meio de um rápido desmatamento da terra e da retirada de pedras, para construir terraços, solucionando dificuldades associadas à erosão e ao solo irregular. A água, armazenada nas cisternas revestidas de cal, permitiu aos camponeses manter rebanhos de gado miúdo, ovelhas e cabritos nas montanhas.

A desafiante situação de sobrevivência também exigia dos camponeses um aproveitamento melhor da mão de obra. Na sociedade agrária do Israel primitivo, a unidade básica era a família ampliada, constituída de duas ou mais famílias com várias gerações: avós, pais, filhos, netos, servos e até estrangeiros (novos “imigrantes”), chegando a ter cinquenta pessoas. Essa família habitava em casas construídas num pátio comum e cultivava cereais, verduras e frutas, criava animais e produzia o necessário para a subsistência de seus membros. Ninguém ficava de fora na luta pela sobrevivência; todos os membros assumiam os diferentes trabalhos, fossem anciãos, homens, mulheres ou crianças.

A Bíblia atesta, por exemplo, vários trabalhos assumidos por mulheres: cuidar de rebanhos (Gn 29,9), buscar água no poço (Gn 24,26), fazer pão e cozinhar (Gn 18,6; 27,9), tecer (Jz 16,13-14), ajudar e animar as mulheres nos partos (Gn 36,16-17), trabalhar na prostituição (Gn 28,13-15), dialogar com as divindades e o mundo dos mortos (1Sm 28,7). Os trabalhos das mulheres, em sua maioria, estavam ligados à casa, aos seus membros e aos movimentos de vida e de morte: nascimento, alimentação, vestimenta, prazeres, morte, cultos domésticos etc. (Pr 31,13-12).

Não há menções claras e abundantes à reprodução como trabalho. Na sociedade patriarcal israelita, o ato de parir e criar os filhos pertencia ao dever natural e importante das mulheres. Cada filho devia ser parido e

criado com intensidade e cuidado, pois doenças, guerras e outras calamidades reduziam o número de membros, dificultando a sobrevivência e a manutenção da família ampliada. A arqueologia, através das escavações nos cemitérios, registra alto índice de mortalidade no período dos juízes (1250-1000 a.C.):

O índice de mortalidade foi, evidentemente, muito alto entre a população pré-adulta. Num dos cemitérios, 35 por cento dos indivíduos morreu antes de completar cinco anos, e quase a metade dos indivíduos não ultrapassou a idade de dezoito anos. Para aqueles que conseguiram sobreviver até a idade adulta, há um dado evidente: o índice de mortalidade de mulheres com idade para procriação foi excessivamente maior do que o dos homens. Numa população na qual a expectativa de vida para os homens poderia ser de quarenta, as mulheres poderiam ter a expectativa de vida perto de trinta.¹

O alto índice de mortalidade é um dos sinais da dureza da vida dos israelitas primitivos, constantemente atormentada e ameaçada por vários fatores, como: doenças, seca prolongada, disputas entre os clãs, guerras provocadas pelas invasões dos reis cananeus etc. Surgem os problemas e os sofrimentos de viúvas, órfãos, pobres endividados e novos migrantes, forasteiros, nas regiões montanhosas.

A Bíblia preserva várias leis sociais para amenizar os sofrimentos, por exemplo: “Não explore o migrante nem o oprima, porque vocês foram migrantes no Egito.

¹ MEYERS, Carol L. “The Roots of Restriction – Women in Early Israel”. In: GOTTWALD, Norman K. (ed.). *The Bible and Liberation – Political and Social Hermeneutics*. Maryknol: Orbis Books, 1984, p. 295.

Não maltrate a viúva nem o órfão, porque, se você os maltratar e eles clamarem a mim, eu escutarei o clamor deles” (Ex 22,20-22). A lei protegia os novos migrantes nas aldeias camponesas, nas montanhas, e viúvas e órfãos que perdiam o chefe da família por guerra e doenças, além de garantir também os direitos aos necessitados e assegurar a convivência das aldeias.

Quanto à necessidade de acolher as pessoas sofridas, destaca-se a lei da hospitalidade, que permanece até hoje no Oriente. É mais fácil compartilhar a hospitalidade com a família e com os amigos do que com desconhecidos, entretanto, a Bíblia promove e até obriga a todos a prática da hospitalidade em nome de Deus:

- a) “O estrangeiro não teve de passar a noite na rua, porque eu abri minha porta ao viajante” (Jó 31,32). Acolher o estrangeiro em casa é algo fundamentado na instrução sagrada, nascida no período da formação de Israel: “E se alguém migrar até vocês, e na terra de vocês estiver como migrante, não o oprimam. O migrante será para vocês um concidadão. Você o amará como a si mesmo, porque vocês foram migrantes na terra do Egito. Eu sou Javé, o Deus de vocês” (Lv 19,33-34).
- b) “O ancião lhe disse: ‘A paz esteja com você. Permita que eu providencie tudo de que você precisa. Mas não pernoite na praça’. E os fez entrar em sua casa e deu forragem aos jumentos. Em seguida, os viajantes lavaram os pés, comeram e beberam” (Jz 19,20-21). O anfitrião deve dar o lava-pés, o alimento e o descanso aos hóspedes, acolhendo-os na casa (cf. Gn 18,2-8).
- c) “Enquanto eles alegravam seus corações, eis que homens perversos da cidade cercaram a casa. Batiam fortemente na porta, dizendo ao dono

da casa, o ancião: 'Faça sair o homem que veio para sua casa, para que o conheçamos'. O dono da casa saiu em direção a eles e disse: 'Não, meus irmãos! Não façam essa maldade, porque este homem entrou em minha casa! Não cometam esse crime!'" (Jz 19,22-23). O anfitrião tem o dever de dar segurança aos hóspedes a qualquer custo (cf. Gn 19,6-8). O dever é uma honra sacralizada em nome de Deus.

Na necessidade da prática da lei da hospitalidade, transparece a realidade dura e sofrida que obrigou os israelitas primitivos a cooperar e amar o "estranho" (estrangeiro) como a si mesmo. Encontros, solidariedade, acolhida e ajuda mútua de vários grupos (famílias, clãs, tribos, diferentes etnias) na vida cotidiana, no período da formação do povo de Israel! Provavelmente, nessa vida solidária, nasceram várias lendas (historietas) de heroínas como Raab, praticando a lei da hospitalidade. É uma "mulher estrangeira e prostituta", personagem representativa do povo sofrido.

A história de Raab foi contada, transmitida, ampliada, revista ao longo dos anos. Na elaboração da história de Israel, na ocasião da reforma de Josias, por volta do ano 620 a.C., Raab foi adotada e apresentada como heroína pelos escribas da corte, para salientar a grandeza de Javé, Deus do Estado, e, ao mesmo tempo, para convencer o povo a assumir a política nacionalista e expansionista do rei Josias, representado pela figura de Josué, promovendo a guerra santa contra a cidade de Jericó.

Comentando o texto: *Js 2,1-24 – A hospitalidade e o pacto de Raab com os espiões de Josué*

O império assírio, após a morte do rei Assurbanipal (699-627 a.C.), passava por uma grave crise, sobretudo por causa da invasão dos citas do norte e dos babilônios do leste. A capital Nínive, enfraquecida, foi tomada por Nabucodonosor da Babilônia, em 612 a.C. (cf. Na 3-4). Aproveitando a crise do domínio dos assírios na Palestina, Josias retomou, em 620 a.C., a política expansionista e nacionalista iniciada pelo rei Ezequias, centralizando o culto a Javé, Deus do Estado, em Jerusalém e destruindo os altares e os objetos de culto às divindades nos santuários do interior, conhecidos como lugares altos.

O objetivo da reforma de Josias (620-609 a.C.), apesar do caráter religioso, era a expansão nacional e territorial, sobretudo na região de Benjamim, antigo território de Israel Norte. As cidades Jericó (Js 6), Betel (Js 8,12) e Gabaon (Js 9), que representavam importantes centros na região, foram os alvos imediatos da política expansionista: “Josias destruiu também o altar que estava em Betel, lugar alto que Jeroboão, filho de Nabat, havia construído” (2Rs 23,15).

A primeira redação do livro de Josué, que pertence à “historiografia deuteronomista”, foi composta pelos escribas do reinado de Josias para amparar e promover a reforma político-religiosa. O livro de Josué, com os relatos da preparação e da realização da conquista (Js 2-12), legitima a política expansionista e militarista de Josias. Cidades como Jericó e Hai (8,14-29), que Josias pretendia conquistar, já haviam sido tomadas no passado por Josué, segundo o texto histórico-teológico elaborado pelos escribas de Josias.

Por isso, Judá, com o rei Josias, legítimo descendente da casa de Davi e Salomão do reino unido (2Rs 22,1-2), tem todo o direito da conquista dos territórios do antigo Israel Norte, para restabelecer um novo reino unido. Js 2 relata a preparação da conquista de Jericó,

que fica poucos quilômetros ao norte de Jerusalém e foi uma das primeiras cidades conquistadas por Josias.

“Josué, filho de Nun, de Setim, enviou secretamente dois homens para inspecionar a cidade: ‘Vão e vejam a terra de Jericó’”, relata Js 2,1a. A preparação da conquista de Jericó começa com a estratégia militar da espionagem. É a mesma tática registrada na ação militar de Moisés segundo a ordem de Javé: “Javé falou a Moisés: ‘Mande alguns homens para explorar a terra de Canaã, que vou dar aos filhos de Israel’” (Nm 13,1; cf. Dt 1,19-25). A ação militar de Josué na preparação e conquista da cidade de Jericó, que não estava habitada no século XIII a.C., época da entrada dos israelitas em Canaã, é descrita teologicamente, dentro do plano de Javé, como a continuidade do comando e do empreendimento de Moisés.

O plano e a proteção de Javé transparecem bem na chegada dos espiões à cidade: “Eles foram e entraram na casa de uma prostituta chamada Raab e aí pernovernaram” (2,1b). Os espiões israelitas foram acolhidos por uma mulher estrangeira e prostituta. No mundo do Antigo Testamento, existia o trabalho na prostituição, no qual as mulheres pobres ganhavam sua vida. Elas estavam, provavelmente, à margem da sociedade (cf. Gn 38,15; Lv 21,7). Ainda mais: de acordo com a narrativa, Raab, com seu trabalho, estaria sustentando sua família: “meu pai, minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs” (2,13).

O texto descreve a ação de Raab, uma habitante de Jericó que acolhe os espiões estrangeiros em casa, exercendo a instrução sagrada da lei da hospitalidade: a anfitriã deve realizar o lava-pés, prover o alimento, o descanso e a segurança aos hóspedes a qualquer custo. No desenrolar da narrativa, Raab exerce a lei da hospitalidade passo a passo, com muito desempenho, honrando o dever sagrado e o plano de Javé, o Deus dos israelitas.

Após a acolhida dos espíões em casa, o redator narra a ação de Raab de enganar o rei para proteger os hóspedes: “Informaram ao rei de Jericó: ‘Eis que homens dos filhos de Israel vieram esta noite para examinar atentamente a terra’. O rei de Jericó mandou dizer a Raab: ‘Faça sair os homens que vieram a você, e que entraram em sua casa, porque foi para examinar atentamente toda a terra que eles vieram’” (2,2-3). O rei de Jericó, cidade-Estado, tem seu próprio exército, governo e informantes que relatam a ação militar de espionagem do inimigo. O conhecimento do rei sobre a presença dos inimigos seria uma ameaça grave à vida de quem os protege. Com isso, o redator produz o efeito de dramaticidade, aumentando o interesse dos ouvintes na ação e na vida de Raab.

Apesar de correr risco de morte, a mulher exerce o próximo passo da lei da hospitalidade de proteger os hóspedes a qualquer custo: “A mulher pegou os dois homens, os escondeu e disse: ‘Sim, eles vieram a mim, mas eu não sabia de onde eles eram. E, como a porta da cidade estava para se fechar à noite, os homens saíram e não sei para onde foram. Persigam rapidamente, que vocês vão alcançá-los’. E ela os fez subir no terraço e os escondeu entre os feixes de linho, por ela arrumados em cima do terraço. E os homens saíram em perseguição a eles pelo caminho dos desfiladeiros do Jordão, e fecharam a porta depois que saíram” (2,4-7).

O engano é fácil porque a mulher finge que não tem informações sobre os espíões e, aparentemente, está disposta a colaborar com os homens do rei. “Eu não sabia” (v. 4) e “não sei” (v. 5) são o contraste com “eu sei”, no v. 9, que enfatiza a ironia da narrativa: desde o início, Raab já estava decidida a ficar do lado dos israelitas e de seu Deus Javé. O ato sagaz de uma mulher prostituta e excluída pode tornar-se um apelo para os habitantes

marginalizados, sofredores e descontentes com os governantes da cidade.

O linho, que era usado para fazer vestes e pávio de vela, crescia na Palestina somente nas planícies costeiras e no vale do Jordão. Quando maduro, o linho ficava de molho para separar as fibras, depois secava nos telhados. Um telhado típico das casas palestinas (em Canaã) era um terraço de terra batida, ao qual se tinha acesso por uma escada externa. Era usado como lugar para conversar, trabalhar, dormir, e podia facilmente secar as fibras de linho nas quais os espiões se esconderam, segundo o imaginário cotidiano do redator.

Após a saída dos perseguidores do rei da cena, o redator descreve o ponto principal da narrativa: a confissão da fé de Raab em Javé, o Deus de Israel: “Antes que dormissem, ela foi até eles no terraço e lhes disse: ‘Sei que Javé deu a vocês esta terra, e que um grande medo caiu sobre nós. E todos os habitantes da terra estão com medo de vocês’” (2,8-9). A confissão dela é introduzida com o clássico verbo “sei” do reconhecimento teológico: “Sim, eu sei que Javé é grande, que nosso Deus supera todos os outros deuses” (Sl 135,5; cf. 140,13).

Raab reconhece e proclama que a grandeza e o poder de Javé, dono da terra, provocam o terror dos inimigos que estão ocupando a terra de Javé, dada por ele a Israel, o povo eleito: “Ninguém poderá resistir a vocês, porque Javé, o seu Deus, vai espalhar o medo e terror de vocês em qualquer terra onde caminharem” (Dt 11,25). Segundo a interpretação de Raab, uma “profetisa” estrangeira como o profeta Balaão das margens do Eufrates (cf. Nm 22,2-24,25), Jericó, a terra de Javé, será conquistada pelos israelitas na guerra santa.

O julgamento e a confissão de uma mulher estrangeira são justificados e ressaltados pelas três ações salvíficas de Javé (cf. 9,9-10):

- a) “Pois soubemos como Javé secou as águas do mar dos Juncos diante de vocês, quando saíram do Egito” (2,10a). A ação salvífica da passagem do mar Vermelho é o prenúncio da passagem do Jordão para conquistar Jericó (Dt 3,8).
- b) “E o que vocês fizeram a Seon e Og, reis dos amorreus, que estão do outro lado do Jordão e que vocês exterminaram” (2,10b). As conquistas do reino de Seon e do reino de Og estão bem detalhadas em Dt 2,26-3,11.
- c) “Nós o soubemos, e nosso coração ficou desanimado, e ninguém mais se animou, por causa de vocês. Porque Javé seu Deus é Deus, tanto lá em cima nos céus como cá embaixo na terra” (2,11). Javé é apresentado como Deus do céu e da terra segundo a tradição deuteronomista: “Portanto, reconheça hoje e medite no coração: Javé é que é Deus tanto no alto do céu, como cá embaixo na terra. Outro não existe” (Dt 4,39). Portanto, o território de Jericó pertence a Javé, Deus de Israel.

A teologia deuteronomista presente na confissão de Raab confirma a redação dos escribas do rei Josias, que pretende ressaltar a grandeza de Javé frente às nações estrangeiras: Ele já entrou na cidade de Jericó e está conquistando o seu território. Pois uma mulher estrangeira já fala como uma israelita, proclamando as convicções religiosas do povo: a terra pertence a Javé, Deus poderoso.

Após a confissão, Raab propõe um pacto com os espiões israelitas: “E agora, jurem-me por Javé, pois tive compaixão de vocês, e vocês também deverão ter compaixão da casa de meu pai. E vocês vão me dar um sinal verdadeiro de que vocês deixarão viver meu pai, minha

mãe, meus irmãos e minhas irmãs, assim como tudo o que pertence a eles, e ainda preservarão da morte as nossas vidas” (2,12-13).

A lei da hospitalidade, que Raab assume e cumpre, faz parte da tradição sagrada em defesa da vida; inclusive, ela está estendendo a lei a seus inimigos, apesar de correr risco de morte. Por isso, a mulher tem direito de exigir o pacto e a promessa jurada dos espiões: “Os homens disseram a ela: ‘Que nossa vida seja entregue no lugar da sua vida, se você não denunciar nossa missão. E quando Javé nos der esta terra, vamos usar de misericórdia e lealdade para com você’” (2,14). O pacto é selado com os juramentos de ambas as partes: “não denunciar” e “usar de misericórdia”, com o objetivo persistente de conquistar Jericó.

Ao cumprir a lei da hospitalidade em favor da vida, Raab dá o próximo passo: “Ela fez os homens descerem da janela por uma corda, pois a casa onde morava ficava na muralha. Ela lhes disse: ‘Vão para a montanha, para não serem encontrados por seus perseguidores. Escondam-se lá durante três dias, até os perseguidores voltarem, e depois sigam seu caminho’” (2,15-16). Segundo o imaginário do redator, a casa de Raab devia estar encostada aos muros de Jericó, e alguns quartos da casa davam diretamente para o exterior da cidade.

Em seguida, o redator detalha o juramento dos espiões, utilizando a tradição do êxodo: “Os homens responderam: ‘Nós ficaremos livres deste compromisso com você, quando entrarmos na terra, se você tiver amarrado este cordão vermelho na janela, pela qual você nos fez descer. Então você reunirá consigo, em sua casa, seu pai, sua mãe, seus irmãos e toda a família de seu pai. Portanto, todo aquele que sair de sua casa será responsável pelo seu próprio sangue derramado sobre a cabeça, e nós seremos inocentes. Mas todo aquele que

estiver com você em sua casa, o sangue dele cairá sobre nossas cabeças, caso alguém ponha a mão sobre ele. E caso você denuncie tudo isso que falamos, estaremos livres do compromisso que fizemos com você” (2,17-20).

O “cordão vermelho na janela” invoca o sangue marcando a travessa da porta das casas dos israelitas na última noite do Egito. Foi o sangue do cordeiro pascal imolado para proteger a vida quando passava o anjo exterminador (Ex 12-13). O sangue sobre a cabeça era tradicionalmente usado no campo jurídico para atestar a culpabilidade do sujeito; a condenação à morte, portanto, se atribui exclusivamente à responsabilidade dele (Lv 20,9.11).

Com o pacto selado pela “vida e morte”, Raab se despede de seus hóspedes: “Ela disse: ‘Que assim seja, de acordo com a palavra de vocês’. Então se despediu deles, e eles partiram. Ela amarrou o cordão vermelho na janela. Eles partiram e chegaram à montanha, e aí permaneceram três dias, até os perseguidores retornarem. Os perseguidores perguntaram sobre eles por todo o caminho, mas não os encontraram” (2,21-22). A narrativa apresenta uma mulher estrangeira e prostituta cumprindo a lei da hospitalidade a qualquer custo, salvando a vida dos hóspedes israelitas e, ao mesmo tempo, a sua família.

A história teológica dos escribas deuteronomistas conclui com a chegada dos espiões ao acampamento de Josué: “Os dois homens retornaram e desceram da montanha, atravessaram o Jordão e foram até Josué, filho de Nun, e lhe contaram tudo o que havia acontecido com eles. Disseram a Josué: ‘Realmente Javé põe em nossa mão toda esta terra, e seus habitantes sentem medo diante de nós’” (2,23-24). A conclusão salienta a fé no ato do Senhor: Javé, Deus de Israel, entrega a região de Jericó na mão dos israelitas, o que é bem

proclamado pela boca de Raab, a principal personagem da narrativa.

No desenrolar da história, uma mulher de Jericó acolhe e protege os inimigos israelitas, engana e zomba do rei, confessa a fé na grandeza de Javé e pede sua proteção. Sua adesão à divindade dos israelitas é um protótipo do ato das nações estrangeiras que devem temer e confessar somente Javé, o dono de toda a terra, conforme o desejo do rei Josias em sua política nacionalista e expansionista.

Apesar do interesse nacionalista do rei Josias, a história de Raab acolhedora ainda reflete a lei da hospitalidade, a tradição sagrada da vida dos israelitas primitivos. A obra solidária de Raab, uma prostituta estrangeira, é muito importante na vida dos pequenos sofreadores de Israel, a ponto de ela ser lembrada pela comunidade de Mateus como antepassada de Jesus de Nazaré, o Messias das pessoas excluídas.

Aprofundando: *Tamar, Raab, Rute, mulher de Urias, Maria de Nazaré*

Vejam, portanto, que a pessoa é justificada pelas obras, e não simplesmente pela fé. Do mesmo modo, Raab, a prostituta, não foi justificada pelas obras, dando acolhida aos mensageiros e fazendo-os voltar por outro caminho? (Tg 2,24-26).

A carta de Tiago critica uma fé que não se traduz em obra concreta de amor ao próximo. Na carta, a prostituta Raab é citada como modelo da ação de hospitalidade e de solidariedade. O nome dela também é contado entre os ancestrais do Messias, na genealogia

de Jesus, segundo o evangelho de Mateus (Mt 1,5). Na genealogia, a comunidade de Mateus apresenta mais quatro mulheres em defesa da vida, que é a missão principal do Messias.

- a) *Tamar* (Mt 1,3): “Comunicaram a Tamar: ‘Seu sogro está subindo a Tamna para tosquiá o rebanho’. Tamar tirou, então, o traje de viúva, cobriu-se com véu e sentou-se na entrada de Enaim, que fica no caminho para Tamna” (Gn 38,13-14). Tamar, uma viúva cananeia corajosa e astuta, seduz seu sogro Judá, no caminho a Tamna, para exigir seu direito de ter um filho (a lei do levirato: cf. Dt 25,5-10) e manter a continuidade da vida, da casa, da tribo. Com o anel do selo, o cordão e o cajado de Judá, adquiridos pela sua astúcia e coragem (Gn 38,15-18), Tamar recupera sua dignidade e adquire todos os seus direitos de herança. Judá, que não queria seguir a lei do levirato, reconheceu o direito de Tamar: “Ela é mais honesta (justa) do que eu” (Gn 38,26; cf. Rt 4,11-12). Colocar na boca de Judá, um judeu, a expressão de que “Tamar é justa” também é uma defesa do direito dos estrangeiros.
- b) *Raab* (Mt 1,5): o nome Raab, *rahabh*, em hebraico, significa “amplo”, “espaçoso”, “grande”. Segundo o redator deuteronomista, ela, uma mulher “estrangeira” e prostituta, acolhe os espiões israelitas, esconde-os, salva-os e confessa o Deus de Israel. No pacto com os espiões, ela própria e sua família salvarão as suas vidas (6,22). A carta aos Hebreus o confirma: “Pela fé, a prostituta Raab acolheu pacificamente os espiões, e não morreu com os rebeldes” (Hb 11,31). Raab

torna-se uma precursora das comunidades dos gentios destinadas a formar, com as comunidades da circuncisão, um só movimento de Jesus Cristo Messias, uma família de hospitalidade, solidariedade e defesa da vida.

- c) *Rute* (Mt 1,5): “Então Noemi lhe disse: ‘Veja, sua cunhada voltou para junto do seu povo e para o seu Deus. Volte você também com ela’. Mas Rute respondeu: ‘Não insista comigo para eu abandoná-la, ou deixar de segui-la. Pois aonde você for, eu também irei. Onde você passar a noite, eu também passarei. O seu povo será o meu povo, e o seu Deus será o meu Deus. Onde você morrer, eu também morrerei, e aí serei sepultada. Que Javé me mande um castigo e acrescente outro, se não for a morte que me separe de você” (Rt 1,15-17). Rute, uma viúva moabita fiel e misericordiosa, supera a fronteira étnica, social e religiosa e vai à terra de Judá junto com sua sogra judia Noemi, exigindo seu direito de respigar (Dt 24,19-22; cf. Rt 2) e da lei do levirato (Rt 3-4), para restaurar a casa, a família, a terra, a tribo, a vida.
- d) *Mulher de Urias, Betsabeia* (Mt 1,6): “Davi mandou perguntar a respeito da mulher, e lhe disseram: ‘Acaso não é ela Betsabeia, filha de Eliam, mulher de Urias, o heteu?’ Davi enviou mensageiros e eles a tomaram e a levaram até ele. E ele se deitou com ela, que tinha acabado de se purificar de suas regras. Depois ela voltou para casa. A mulher concebeu e mandou informar a Davi dizendo: ‘Estou grávida” (2Sm 11,3-5). Betsabeia, mulher de Urias, o heteu, que foi violentada pelo rei, levantou a voz: “Estou grávida”, exigindo seu direito e defendendo a vida concebida

em seu ventre. Os escribas do reinado do rei Josias, da casa davídica, autores da primeira redação de 2Sm e 1Rs, continuam apresentando Betsabeia como uma mulher forte e astuta que defendeu a vida e o trono para seu filho Salomão e para si própria (1Rs 1,1-2,25).

- e) *Maria, mãe de Jesus*: “Jacó foi o pai de José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo” (Mt 1,16); “Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe” (Mt 2,11); “Ele se levantou, e de noite pegou o menino e a mãe dele, e foi para o Egito” (Mt 2,14); “Levante-se, pegue o menino e a mãe dele e vá para a terra de Israel’. Aí chegando, foi morar numa cidade chamada Nazaré” (Mt 2,20.23); “Jesus ainda falava para as multidões, e eis que sua mãe e seus irmãos estavam fora, querendo falar com ele” (Mt 12,46). A comunidade de Mateus apresenta Maria como a esposa de José, a mãe de Jesus, a defensora do filho na perseguição, a mãe criadora e formadora do filho na vida cotidiana em Nazaré – a cidade do povo empobrecido e oprimido pelo império romano –, a mãe sofredora e preocupada com a vida do seu filho missionário junto com os pobres. É Maria de Nazaré, uma judia da Galileia, mãe e educadora de Jesus, morto por tentar abolir todo tipo de violência como a única expressão da fé no Deus da vida, presente no cotidiano da humanidade.

Tamar, Raab, Rute, mulher de Urias, Maria de Nazaré... Refletimos sobre essas mulheres, apresentadas pela comunidade de Mateus na genealogia de Jesus Cristo. A presença de cinco mulheres é surpreendente na cultura

e no tempo do evangelho de Mateus – as mulheres não tinham relevância alguma na definição genealógica. Entretanto, a comunidade de Mateus rompe com o paradigma patriarcal prevalecente no contexto da época, sobretudo no judaísmo farisaico, alimentado pela lei da pureza. Salienta a importante presença das mulheres, defensoras da vida, na história da salvação, quebrando o paradigma sexista, que excluía as mulheres, os pobres e os estrangeiros dos projetos do Deus da vida.

Tamar, Raab, Rute, mulher de Urias, Maria de Nazaré... Poderíamos apontar muitas outras mulheres, registradas no Novo Testamento como as colaboradoras de Paulo: Priscila (Rm 16,3-5), Evódia, Síntique, Sízigo (Fl 4,2-3), Febe (Rm 16,1-2) – missionárias, responsáveis, vigilantes, ativas, comprometidas no movimento de Jesus Cristo crucificado, pregando e promovendo o mundo de fraternidade e de paz.

Essas mulheres, que exerciam papéis centrais nas comunidades, deveriam estar por trás da elaboração do hino batismal: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vocês são um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). As mulheres e os homens, pelo batismo, deveriam ser iguais em dignidade diante de Jesus Cristo crucificado e trabalhar juntos pela construção do Reino de Deus.

Deparando com a injustiça, a desigualdade, a segregação, provocadas pelos “novos impérios romanos”, esperamos que Tamar, Raab, Rute, Betsabeia, Maria de Nazaré de hoje tenham espaço e força para lutar pela defesa da vida de todos, construindo uma “família” de diversidade, caridade, hospitalidade e esperança.

TERCEIRO ENCONTRO



TEMA: Festa, celebração, refeição e partilha de vida.

PERSONAGENS: Narrador.

TEXTO: Js 5,10-12.

PALAVRAS-CHAVE: filhos de Israel, Páscoa, produto da terra e maná.

PERSPECTIVA: Resgatar o sentido da participação nas festas comunitárias.

Na manhã seguinte, a Páscoa, comeram pão sem fermento e trigo assado nesse mesmo dia (5,11).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, o vaso preparado no primeiro encontro, o recorte de um desenho em forma de coração e balões vazios.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Dirigente: Sejam todas e todos bem-vindos. Que possamos sentir a presença de Deus por meio de cada pessoa que está presente neste encontro. *Se houver alguém participando pela primeira vez, abrir espaço para a pessoa se apresentar.* Na alegria de filhas e filhos de Deus, cantemos:

Deus chama a gente pra um momento novo, de caminhar junto com seu povo! É hora de transformar o que não dá mais; sozinho, isolado, ninguém é capaz!

Por isso vem, entra na roda co'a gente também, você é muito importante! (2x)

Não é possível crer que tudo é fácil; há muita força que produz a morte, gerando dor, tristeza e desolação. É necessário unir o cordão!

A força que hoje faz brotar a vida atua em nós pela tua graça. É Deus que nos convida pra trabalhar: o amor repartir e a força juntar.

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto na reunião anterior? *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Em nosso encontro de hoje, vamos refletir sobre as festas comunitárias, que são momentos muito esperados em nossas comunidades. Vamos ler, em voz alta, o tema de nosso encontro: *Festa, celebração, refeição e partilha de vida.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: São muito populares no Brasil as festas de São Pedro, Santo Antônio e São João, celebradas em junho. No interior de Minas Gerais, era comum o dono de uma casa, especialmente na roça, reunir as pessoas para o terço e, após a oração, levantar o mastro com as bandeiras dos santos, ao som de fogos de artifício. Antes de colocar o mastro, as pessoas colocavam no buraco os principais produtos da região: milho, arroz, café e feijão. Em seguida, os alimentos trazidos pelos participantes eram partilhados entre todas as pessoas presentes. Um momento de muita alegria, cantoria e danças tradicionais.

Dirigente: Alguém já participou de uma festa comunitária? Como nós realizamos nossas festas de família? *Encerrar este momento de partilha com o refrão de um canto.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: As festas de Israel eram, na origem, festas agrícolas e pastoris, marcadas pelo ciclo natural das estações: a colheita da cevada e a preservação do rebanho na primavera, a colheita do trigo no verão e a dos frutos e das uvas no outono. As festas eram um tempo para descansar das tarefas rotineiras e comunitárias e agradecer às divindades pelas bênçãos

de fertilidade da terra e do rebanho. Na primavera, os agricultores comemoravam a festa dos “Pães Sem Fermento”, a festa da colheita da cevada, na qual eram partilhados os pães sem fermento e os trigos assados, o fruto da terra. Os pastores, por sua vez, festejavam a festa da “Páscoa”, a festa celebrada na primavera para pedir proteção e cuidado para a família e o rebanho, partilhando os cordeiros. Na formação do povo de Israel, houve o encontro dos grupos de agricultores e de pastores, partilhando suas vidas, festas e produtos da terra. Em Js 5,10-12, os pastores (os escravos fugitivos do Egito), com a experiência do maná, alimento no deserto, contam sua história de encontro com a festa dos “Pães Sem Fermento” e o “produto da terra”, como o “trigo assado”, consumido na refeição comunitária.

5. Leitura do texto

Dirigente: Abrindo nosso coração e nossa mente, queremos acolher a Palavra de Deus e deixar que ela produza frutos em nossa vida. Cantemos. *Sugestão:*

Senhor, que a tua Palavra transforme a nossa vida, queremos caminhar com retidão na tua luz. No Senhor está toda graça e salvação. Nele encontramos o amor e o perdão.

Leitora ou leitor 3: Ler Js 5,10-12.

Após a leitura, pedir para o grupo recontar o texto.

Dirigente: *Para conversar:*

- a) Qual a importância de partilhar o produto da terra na refeição comunitária e festiva?

- b) Qual o sentido de os pastores participarem da festa dos agricultores, “Pão Sem Fermento”?
- c) Qual o sentido da festa da Páscoa na nova terra?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Ao celebrar a Páscoa em nossa comunidade, fazemos memória de que o Ressuscitado nos libertou para uma vida em plenitude. É o triunfo da vida sobre a morte. Como continuadoras(es) do projeto cristão, somos chamadas(os) a dar continuidade à missão de Jesus de implantar o reino do Deus da vida: um reino de justiça e dignidade para todas as pessoas.

- a) Em meio à correria que vivemos, qual espaço nós criamos para celebrar as festas da vida?
- b) Como nossas festas comunitárias criam espaços para a afeição fraterna, a partilha solidária e a inclusão de outras pessoas?
- c) Como fazer para que os produtos da terra cheguem a todas as pessoas, para a partilha da vida?
- d) Por que o Brasil tem êxito com o agronegócio, mas possui grande parte da população passando fome por falta de produtos básicos para seu sustento e festa da vida?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Apesar das dificuldades e sofrimentos, a festa é um momento que nos dá forças para resistirmos no dia a dia. Não podemos viver de festa em festa, mas podemos viver no espírito da festa, marcado pela partilha e pela solidariedade. Neste momento, podemos pegar um balão e, ao enchê-lo, pensar: “O que eu quero

colocar de vida neste balão para que se multiplique em minha comunidade?”. *Tempo para encher os balões*. Com alegria, vamos soltar esses balões e mantê-los no ar por um breve período de tempo.

Dirigente: Que o Deus da vida, que é o Deus da alegria e da festa, nos ajude a verdadeiramente celebrar a nossa vida. Juntas e juntos, rezemos:

Todas(os): Pai-nosso.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler 6,1-21, e quem puder leia as orientações em preparação ao quarto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Tirar um tempo para estar com as pessoas gratuitamente, quem sabe fazer uma visita ou um telefonema para alguém que sabemos que precisa de presença.

10. Bênção final

Dirigente: Neste momento, vamos colocar no centro os alimentos que trouxemos e pedir a bênção de Deus. Peçamos a graça de nos alimentar com esses alimentos e que eles nos fortaleçam na caminhada e na dedicação ao projeto do Reino de Deus. Com as mãos estendidas, peçamos: abençoe, Senhor, a nós e a esses alimentos. Que a partilha vivenciada gere frutos de vida e de solidariedade.

Todas(os): Amém.

Orientações para o terceiro encontro

Situando o texto: *Festas israelitas*

A palavra “festa”, *hag*, em hebraico, significa “coro de dança”, “festa de peregrinos”, “dia santificado”, e reflete um dia ou um período de alegria da vida como característica principal da festa israelita:

Então (os anciãos da comunidade de Israel) disseram: “Eis que acontece anualmente uma festa de Javé em Silo, ao norte de Betel, e ao leste do caminho que segue de Betel a Siquém e ao sul de Lebona”. Deram a seguinte ordem aos filhos de Benjamim: “Vão e armem uma cilada junto às vinhas. Vocês ficarão de espreita e, no momento em que as filhas de Silo saírem para dançar, saiam do meio das vinhas, e cada homem rapte uma mulher entre as filhas de Silo. Em seguida, vocês irão para a terra de Benjamim” (Jz 21,19-21).

Preocupados com a tribo de Benjamim, ameaçada de extinção devido ao massacre de suas mulheres (Jz 21,15-17), os anciãos de Israel sugerem o rapto das dançarinas, durante uma festa em honra do Senhor, solenidade alegre de todo o povo. A festa mencionada parece ser uma festa local da colheita da uva, na qual se reuniam para uma refeição no santuário de seu Deus (Jz 9,27). Semelhantemente a outros povos, as festas de Israel, em sua origem, estavam vinculadas ao ciclo natural das estações, sobretudo à ocasião alegre e festiva da colheita, agradecendo à divindade e ao trabalho comunitário das aldeias. Posteriormente, as festas foram transformadas em comemoração histórica do êxodo, com a presença de Javé, Deus do Estado, e foram institucionalizadas como

grandes festas de peregrinação ao Templo de Jerusalém. Eis aqui as principais festas institucionais de Israel:

- a) A festa dos Pães Ázimos – sem fermento: “Guardará a festa dos Pães Sem Fermento por sete dias, de acordo com o que eu lhe ordenei. Comerá só pão sem fermento no período determinado do mês de Abib, porque foi nesse mês que você saiu do Egito” (Ex 23,15). A festa anual dos Pães Sem Fermento (ou Ázimos) era uma antiga festa agrícola, celebrada na terra de Canaã, no começo da colheita da cevada, no mês de Abib (março-abril). Era um rito de renovação, no início do ano novo, no qual era proibido comer pão fermentado durante os dias da festa (Ex 12,19-20). A proibição remonta à ideia de que a fermentação era considerada uma alteração de substância, um fenômeno de apodrecimento; por isso, comer pão sem fermento significava um novo começo do ciclo da vida agrícola, com os grãos da nova colheita. Posteriormente, a festa dos Pães Sem Fermento (Ázimos) foi vinculada ao acontecimento da saída do Egito, à libertação e à nova vida. Já na lei da Santidade (Lv 23,5-8), texto pós-exílico, Ázimos e Páscoa aparecem unidos como festa histórica de comemoração da libertação de Israel do Egito.
- b) A festa das Semanas ou o Pentecostes (50 dias): “A segunda será a festa da Ceifa, dos primeiros frutos de seus trabalhos de sementeira nos campos” (Ex 23,16; Ex 34,22); “Conte sete semanas. A partir do momento em que você começar a ceifar as espigas, conte sete semanas. Celebre então a festa das Semanas em honra de Javé, o seu Deus” (Dt 16,9-10). A festa da Semana era,

na origem, a festa da ceifa do trigo, no terceiro mês (maio-junho), sete semanas (50 dias) desde o começo da colheita de trigo, que correspondia à festa dos Ázimos. No Pentecostes, era festejada a ação de graças à divindade da fertilidade da terra, pelo fim da colheita dos cereais. No tempo da monarquia, com a consolidação de Javé como Deus do Estado, a festa das Semanas também foi associada ao acontecimento da libertação do povo da mão do Faraó, pelo poder de Javé: “Javé nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios” (Dt 26,8). Mais tarde, os textos pós-exílicos descrevem o Pentecostes como uma “santa assembleia” (Lv 23,21), com os sacrifícios oferecidos no Templo (Lv 23,15-20; Nm 28,27-30), festejando a renovação da aliança com Javé.

- c) A festa da Colheita, também chamada, depois, de “festa das Tendias (cabanas)”: “A terceira, a da Colheita, no final do ano agrícola, quando você recolhe todo o produto de seus trabalhos no campo” (Ex 23,16). Era, originalmente, a festa da colheita dos frutos e das vindimas no fim do ano (setembro-outubro), celebrando o fim dos trabalhos do campo. Posteriormente, a festa foi associada a um dos aspectos da saída do Egito – a caminhada e a morada em cabanas, em memória da vida do povo nos abrigos temporários no deserto: “Vocês habitarão em cabanas durante sete dias. Todos os nativos em Israel habitarão em cabanas, para que seus descendentes saibam que eu fiz os filhos de Israel habitar em cabanas quando os tirei do Egito. Eu sou Javé, o Deus de vocês” (Lv 23,42-43; cf. Ne 8,13-18).

d) A festa da Páscoa: a Páscoa era uma festa dos pastores, celebrada no início da primavera, período em que o pequeno rebanho de cordeiros e cabras era deslocado das pastagens de inverno para as pastagens de verão, e também acontecia o nascimento de novos rebanhos. Na festa, os pastores ofereciam os sacrifícios à divindade para a preservação, a proteção e a fecundidade do rebanho. No surgimento de Israel, com o acontecimento do êxodo, a festa da Páscoa foi historicizada, ou seja, tornou-se uma celebração para reviver o êxodo: a passagem da escravidão para a liberdade e da morte para a vida. No ritual da Páscoa, a memória da divindade protetora e libertadora no êxodo foi vinculada à ação salvífica de Javé: “E quando seus filhos perguntarem: ‘O que significa esse ritual?’, vocês responderão: ‘É o sacrifício da Páscoa de Javé. No Egito ele passou pelas casas dos filhos de Israel, feriu os egípcios e protegeu as nossas casas’” (Ex 12,26-27). Mais tarde, na reforma de Josias, a Páscoa, que era celebrada em casa e na comunidade, foi apropriada e legitimada como festa do Estado e passou a ser celebrada unicamente no Templo de Jerusalém, centro arrecadador de todas as ofertas (2Rs 23,21-23). No tempo de Jesus, a festa da Páscoa registrava mais de 250 mil cordeiros imolados, segundo o historiador Flávio Josefo. A festa era também marcada pela grande expectativa popular, pois nela poderia manifestar-se o Messias Libertador de Israel, devido à opressão do império romano.

Tudo isso evidencia que as festas de Israel eram, na origem, as festas agrícolas e pastoris na terra de Canaã.

Suas características eram marcadas pelo ciclo da natureza e pelas atividades de produção, que sustentavam a sobrevivência do povo:

- a) Ciclo da vida: as festividades eram marcadas pelo ano agrícola e pastoril (o ciclo natural das estações): a colheita da cevada, do trigo e das frutas de outono, e a preservação e a fecundidade do rebanho na primavera.
- b) Confraternização: as festas eram um tempo para descansar das tarefas rotineiras e comemorar o trabalho comunitário, partilhando os frutos da terra na família ampliada e na aldeia, como a partilha do pão sem fermento na festa dos Ázimos (Rt 2,14) e a do cordeiro na festa da Páscoa.
- c) Ação de graças: a palavra hebraica *hag* para a festa significa o “dia santificado”; a festividade era o tempo da ação de graças às divindades da terra e da chuva para a produção agrícola e pastoril. A celebração era marcada pela procissão de canto e de dança, envolvendo toda a comunidade com a alegria da vida e a bênção das divindades.

Por volta de 1200 a.C., o povo de Israel nasceu nas regiões montanhosas de Canaã. A maioria dos primeiros israelitas, que eram agricultores cananeus e viviam nas planícies férteis de Canaã, sofria com os governantes de cidades-Estado e fazia seus “êxodos” para formar e viver nas pequenas aldeias das regiões montanhosas, fora do controle dos governantes das planícies.

As aldeias das montanhas se originaram de assentamentos de famílias de pastores que já viviam na região, longe da vida urbana das cidades-Estado. Além dos agricultores cananeus, chegaram a viver nas montanhas de Canaã outros grupos, como os grupos marginalizados

(*hapirus*), gente escravizada no Egito, pastores arameus etc. Houve o encontro de vários grupos que respeitaram e compartilharam a vida cotidiana, as festas e as divindades. Js 5,10-12 é um dos textos que ainda traz a memória do encontro da festa da Páscoa com as festas dos agricultores e seus produtos da terra, celebrados na convivência.

Comentando o texto: *Js 5,10-12 – Festas, ação de graças, partilha da vida*

A primeira redação do livro de Josué é composta pelos escribas do rei Josias, séc. VII a.C., que narram a história teológica da conquista da terra de Canaã por parte do povo eleito, guiado por Josué, sucessor de Moisés. A narrativa da conquista sucede e conclui a história do êxodo: a libertação dos hebreus da opressão egípcia, a celebração da Páscoa como comemoração pela proteção e pela saída do Egito (Ex 12), a caminhada até o monte Sinai, a aliança com Javé, Deus de Israel (Ex 24), e a morte de Moisés no monte Nebo de Moab, em frente a Jericó, entrada da terra prometida pelo vale do Jordão (Dt 34).

Os capítulos 1 a 4 do livro de Josué narram a entrada na terra prometida e a passagem do Jordão, o acontecimento relatado como uma solene liturgia, lembrando a passagem do mar Vermelho (Js 3). Na terra prometida, os filhos de Israel celebram a primeira Páscoa: “Os filhos de Israel acamparam em Guilgal e fizeram a Páscoa no décimo quarto dia do mês, à tarde, na planície de Jericó” (5,10).

Guilgal quer dizer “círculo de pedras” (4,20) e deve ser localizado no vale do Jordão, perto de Jericó. Segundo a história teológica dos redatores do rei Josias, Guilgal foi a base das operações militares de Josué, onde foi erguido um círculo de 12 pedras comemorativas (4,19)

e onde os israelitas foram circuncidados. E ali foi celebrada a primeira Páscoa.

No tempo dos escribas de Josias, a festa da Páscoa já estava associada à comemoração histórica do êxodo. Por meio da historicização, a Páscoa se tornou a grande festa nacional de Israel e representou a libertação e a passagem dos hebreus que atravessaram o mar Vermelho. Era caracterizada pela escolha de um cordeiro, que era imolado e comido nas casas dos povoados como parte de uma refeição comemorativa da libertação. Na reforma de Josias, a imolação do cordeiro tornou-se um ato sacrificial a Javé, Deus do Estado, que devia ser realizado só no Templo de Jerusalém (2Rs 23,21-23; cf. Dt 16,1-5).

Por isso, a informação sobre a primeira celebração da Páscoa, por ocasião da entrada dos israelitas em Canaã, conforme Js 5,10-12, é historicamente questionável, porque os pastores já celebravam a Páscoa na região montanhosa de Canaã no período da formação de Israel, que se insurgiu dentro do território de Canaã. A Páscoa era, originalmente, uma festa dos pastores, que celebravam o nascimento das ovelhas na primavera, partilhando o cordeiro assado. Nessa realidade histórica de fato, é importante refletir sobre a seguinte informação: “Comeram do produto da terra. Na manhã seguinte, a Páscoa, comeram pão sem fermento e trigo assado nesse mesmo dia” (5,11). Na ocasião da festa da Páscoa, os israelitas primitivos comeram o “produto da terra”.

O pão sem fermento faz parte dos importantes elementos da festa dos Pães Ázimos – sem fermento –, a festa agrícola que era celebrada no primeiro mês do ano (primavera), para festejar a colheita da cevada. As antigas fontes bíblicas atestam que a festa dos Ázimos não estava, em sua origem, associada à festa da Páscoa (Ex 34,18). Só nos textos pós-exílicos, Ázimos e Páscoa

aparecem unidos (Lv 23,5-8; Nm 28,17). Em correlação com Ázimos, no dia da Páscoa, só era permitido comer pães sem fermento (Ex 12,15-20; 13,3-7).

O trigo assado aparece oito vezes no Antigo Testamento: Lv 2,14; 23,14; Js 5,11; 1Sm 17,17; 25,18; 2Sm 17,28.28 (duas vezes); Rt 2,14. A última citação descreve o trigo assado como a refeição partilhada: “Na hora da refeição, Booz chamou Rute: ‘Venha até aqui. Coma do nosso pão e molhe a sua porção no molho de vinagre’. Rute se sentou ao lado dos cortadores, e Booz ofereceu-lhe espigas assadas (grãos de trigo tostados ou torrados). Ela comeu, ficou satisfeita e ainda lhe sobrou” (Rt 2,14). O trigo assado faz parte da refeição comum e partilhada na terra de Canaã, “produto da terra”.

A festa da Páscoa, com os cordeiros partilhados, a festa dos Pães sem fermento, os grãos de trigo tostados da refeição comunitária... vemos essas festas e seus produtos da terra, o território de Canaã, e poderíamos ressaltar que Js 5,10-11, o texto redacional dos escribas de Josias e do redator pós-exílico, ainda traz a memória da convivência de pastores com os agricultores na formação de Israel, na região montanhosa de Canaã. Houve o encontro de vários grupos que respeitaram e compartilharam suas lidas cotidianas, seus produtos, suas festas.

Os redatores, que supõem já reunidas a festa pastoril do cordeiro e a festa agrária dos pães sem fermento, e suas historicizações, como a comemoração do êxodo, tentam explicar por que a gente escravizada e fugitiva do Egito comeu o produto da terra na festa da Páscoa: “Na manhã seguinte, acabou o maná, e tiveram de comer do produto da terra; já não havia maná para os filhos de Israel” (5,12).

O maná, descrito como um alimento dos israelitas no deserto, é produzido pela secreção de insetos que, entre outras frutas, se alimentam de tâmaras.

O produto, com a aparência de um orvalho congelado, é uma substância composta de açúcar, que se solidifica no ar seco e frio, tornando-se semelhante à semente de coentro (branco e fino), mas derrete e desaparece sob o calor do sol (Nm 11,7-9). É possível encontrá-lo como uma “bolacha de mel”, na região central do deserto do Sinai, nos meses de maio a junho.

Os redatores provavelmente mencionam o maná para salientar a associação da festa da Páscoa com a tradição do êxodo: a Páscoa é o rito memorial da libertação do Egito, e o maná está fortemente ligado às tradições da marcha da libertação pelo deserto (Ex 16). Ou pode-se dizer que o maná também traz a memória de quem recolhia o maná, o alimento “bolacha de mel”, e participou e partilhou sua cultura e vida com outros grupos na formação e convivência dos israelitas primitivos.

A festa da Páscoa, a festa dos Pães Sem Fermento, os trigos assados, o maná em Js 5,10-12... Nessa pequena perícopé, a expressão “o produto da terra” é mencionada três vezes! Nas redações dos escribas de Josias e dos teocratas do período pós-exílico, há uma forte intenção de apresentar a festa da Páscoa como a comemoração da presença protetora de Javé na caminhada do povo eleito. Porém, o texto não suprimiu a tradição sagrada da partilha e da convivência dos primeiros israelitas: alimentos, festas, vidas, produto da terra.

Aprofundando: *Festas, celebrações, refeições nas comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré*

Tito, filho do recém-empossado imperador Vespasiano, começou o cerco da cidade de Jerusalém na primavera do ano 70, pouco depois da festa da Páscoa. Até setembro, as várias partes da cidade haviam sido conquistadas uma a uma, até chegar a sua destruição total.

Foi incendiado o Templo, única morada de Javé na terra e centro das grandes peregrinações das principais festas institucionais de Israel. E ali, na ruína do Templo, Tito mandou celebrar um culto a Júpiter, o deus supremo dos romanos, demonstrando o poder e a dominação do Império. A legitimação da conquista e do poder não somente foi efetuada pela brutalidade e violência do exército, mas também pela força da religião e da cultura, promovidas pelo Império.

A Bíblia testemunha como as celebrações, os sacrifícios, as festas, os eventos culturais do Império e, sobretudo, o culto ao imperador atingiam o povo na vida diária:

Esta Besta exerce toda a autoridade diante da primeira Besta. É ela que faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira Besta, aquela de quem a ferida mortal foi curada. A segunda Besta realiza grandes sinais, até de fazer cair fogo do céu sobre a terra, diante das pessoas. Por causa desses sinais que tem a permissão de fazer diante da primeira Besta, ela engana os habitantes da terra (Ap 13,12-14).

Outra Besta, chamada de “falso profeta” em Ap 16,13, estava encarregada de promover, infundir e propagar o culto imperial e alienar os habitantes da terra para que adorassem a primeira Besta, o império romano e seu imperador, e aceitassem sua autoridade, como se esta viesse de Deus. A propaganda imperial atingia o povo na vida cotidiana através de várias dimensões, sobretudo da religião e da cultura: festas, procissões, práticas de magia etc. Várias inscrições descobertas na Ásia Menor, por exemplo, atestam que os governantes e funcionários do Império, outras bestas, promoviam as festas anuais e os jogos pelo aniversário do imperador.

Não é difícil imaginar as festas e as celebrações públicas com muita pompa, promovidas pelos governantes para agitar, atrair e controlar o povo e legitimar-se como benfeitores.

Foi nesse mundo do Império que o movimento de Jesus Cristo crucificado nasceu e cresceu, apesar dos sérios obstáculos e perseguições. Na vida cotidiana, o movimento cristão, que nasceu no meio do judaísmo, continuou celebrando suas festas anuais: a Páscoa, o Pentecostes, as Tendras etc. Todavia, há uma forte divergência entre a festa do Império e a do movimento de Jesus Cristo em termos de “modo de viver”: a festa do Império é pelo “acúmulo e dominação”, e a das primeiras comunidades cristãs, pela “partilha e serviço”.

Narrando a vida de Jesus de Nazaré a partir da fé em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado, as comunidades cristãs descrevem os novos significados das festas judaicas institucionais:

- a) A festa da Páscoa: “Quando chegou a hora, Jesus sentou-se à mesa com os apóstolos. Disse-lhes então: ‘Desejei ardentemente comer com vocês esta ceia de Páscoa, antes de sofrer. Porque eu lhes digo: Não voltarei a comê-la, até que ela se cumpra no Reino de Deus’” (Lc 22,14-16). A comunidade de Lucas descreve Jesus como o cordeiro pascal (cf. Jo 1,29), que era partilhado na ceia judaica para marcar o triunfo da liberdade sobre a escravidão e da vida sobre a morte. Sob o signo da Páscoa, a eucaristia celebra a libertação que Jesus realiza com seu corpo (vida) e sangue (paixão), porque sua cruz é o resultado da sua prática da justiça e do amor ao próximo, sobretudo aos crucificados do seu tempo. Pela participação no pão e no vinho (Lc 22,19-20), os

- cristãos festejam e renovam o compromisso de construir o “Reino de Deus”, um mundo de justiça, fraternidade e comunhão (1Cor 11,17-34).
- b) Pentecostes: “Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente veio do céu um barulho como de vento muito forte, e encheu a casa toda onde eles estavam. E apareceram línguas como de fogo repartindo-se, e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes permitia expressar-se” (At 2,1-4). No tempo de Jesus, o Pentecostes, que era, na origem, a festa comunitária, solidária e alegre dos agricultores pelo fim da colheita dos cereais, torna-se, cada vez mais, uma festa fechada, exclusivamente para as pessoas puras segundo a Lei, e é festejada como o dia de uma “santa assembleia”, com os sacrifícios oferecidos no Templo, para renovar a aliança do Deus Javé oficial com o seu povo eleito. Sob o impulso do Espírito dado por Jesus, as comunidades cristãs, porém, celebram o Pentecostes em “Casa”, para inaugurar o nascimento da nova santa assembleia e da nova aliança do Deus da vida. A santa assembleia cristã tem a missão de anunciar a Boa-nova de Jesus Cristo com a língua do amor, sem fronteiras, para todos os povos (At 2,5-11), celebrando o Pentecostes, a festa da abertura, da solidariedade e de muito amor.
- c) A festa das Tendões (Tabernáculos): “Depois disso, Jesus saiu andando pela Galileia. Ele não queria andar pela Judeia, porque os judeus pretendiam matá-lo. Mas estava próxima a festa judaica das Tendões. Então os irmãos de Jesus lhe

disseram: ‘Parte daqui e vai para a Judeia, para que também teus discípulos vejam as obras que tu fazes. Quem quer ser conhecido não faz nada às escondidas. Se fazes essas coisas, mostra-te ao mundo’” (Jo 7,1-4). Na época de Jesus, os peregrinos da festa das Tendias construía­m cabanas para passar sete dias em Jerusalém e participavam das cerimônias do Templo, agitando as palmeiras por ocasião da procissão ao redor do altar, com muitos sacrifícios. Na cerimônia de intensa comoção, com dança e música, os participantes manifestavam sua grande expectativa pela vinda do rei messias e libertador, para expulsar os invasores romanos. Sob a expectativa messiânica da festa, a comunidade joanina, porém, apresenta Jesus como o “servo sofredor” encarnado no meio do povo, negando o projeto messiânico de restauração política e religiosa (Is 42,1-9; 50,4-11; 52,13-53,12; Jo 7,25-52). Para a comunidade, a festa das Tendias era uma festa particularmente alegre, na qual “a Palavra se fez carne e armou sua tenda entre nós” (Jo 1,14), o messias dos humildes, pequenos, fracos e abandonados (Jd 9,11).

As comunidades cristãs transformam, no mundo violento do império romano, as festas institucionais do judaísmo oficial nas festas comunitárias, solidárias e de muito amor à luz da vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Creem, pregam, celebram Jesus Cristo vivo que transforma a vida numa esperança: “Sem cessar, lembramos a obra da fé, o esforço do amor e a constância da esperança que vocês têm no Senhor nosso Jesus Cristo, diante de Deus nosso Pai” (1Ts 1,3).

É a história das festas que segue... Outrora, os israelitas celebravam suas festas agrícolas e pastoris com refeições comunitárias, cânticos, danças, procissões etc., em associação com a experiência do êxodo da libertação e da vida. Os primeiros cristãos celebraram a vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, como “o caminho, a verdade e a vida” do novo êxodo. Hoje, como podemos celebrar nossas festas com a partilha solidária, a afeição comunitária, o sentido bíblico-litúrgico e a atitude espiritual libertadora?

Pelo menos, haja, em nossas festas e celebrações, muita alegria, partilha, confraternização, conscientização, aprofundamento espiritual, sentimento de fé. E, ao mesmo tempo, haja o esforço de não cair no puro ritualismo e legalismo sem vida e também no perigo de transformar a religião e suas festas em mercado lucrativo, alimentando as pessoas cristãs com a obsessão fanática de devoção sem a reflexão bíblico-teológica.

QUARTO ENCONTRO



TEMA: Não à violência em nome de Deus.

PERSONAGENS: Javé, Josué, homens de guerra, sacerdotes e o povo.

TEXTO: Js 6,1-21

PALAVRAS-CHAVE: Jericó, cercar, Arca da Aliança, sétimo dia, sete vezes, trombetas, anátema e grito de guerra.

PERSPECTIVA: Estudar o relato da conquista de Jericó, perceber a intenção dos redatores ao enfatizar que Javé garante a conquista de uma cidade-Estado somente se o povo for fiel a Javé, Deus guerreiro e poderoso.

A cidade será considerada condenada ao anátema (destruição) em honra a Javé (6,17).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, o vaso preparado no primeiro encontro, o recorte do desenho em forma de coração e recortes com imagens de pessoas em situação de risco.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Acolhendo a Trindade Santa que habita em nós, queremos acolher também a todas as pessoas presentes neste encontro. Em silêncio, vamos fazer memória das pessoas que caminham conosco no dia a dia. *Se houver alguém participando pela primeira vez, abrir espaço para a pessoa se apresentar.* Que o Senhor da vida nos ajude a ser instrumentos de paz. Cantemos:

É bonita demais, é bonita demais a mão de quem conduz a bandeira da paz.

É a paz verdadeira que vem da justiça, irmão, é a paz da esperança que nasce de dentro do coração! (bis)

É paz da verdade, da pura irmandade do amor, paz da comunidade que busca a igualdade, ô, ô, ô! (bis)

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto na reunião anterior? *Tempo para a partilha.*

Dirigente: No encontro de hoje, vamos ler e refletir sobre a narrativa da conquista de Jericó, em Js 6. Vamos repetir, em voz alta, o tema do encontro: *Não à violência em nome de Deus.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Amoim Aruká, o último homem da etnia Juma, morreu de Covid-19, no dia 17 de fevereiro de 2021. Os Juma (que habitam na beira do rio Assuã, no sul do Amazonas) chegaram a ser 15 mil no final do século 19. O terrível século 20 os atingiu em cheio: chacina após chacina, numa suposta conquista da Amazônia, eles foram se tornando mais e mais escassos, até restarem apenas algumas dezenas na década de 1960. O que agora faz uma doença, ou melhor, o que faz o desleixo estatal, é completar o minucioso trabalho de destruição de uma cultura por forças que alguma vez se afirmaram civilizatórias.¹ Segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), a população indígena, em 1500, era de aproximadamente 3 milhões de habitantes. Em 1650, esse número já havia caído para 700 mil indígenas. A principal razão para o despovoamento foram doenças, violências, o jugo imposto pelos colonizadores em busca de bens (terra) e de poder, muitas vezes justificado pela cultura, pela religião, e até mesmo em nome de Deus. A devastação e o extermínio na terra indígena continuam...

Dirigente: Qual o nosso sentimento diante da morte do último homem da etnia Juma? Diante da morte por acidentes, guerras, epidemias ou catástrofes, alguns grupos religiosos afirmam: é da vontade de Deus. O que nós pensamos sobre essa afirmação? *Tempo para a partilha. Encerrar este momento com o refrão de um canto.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: O extermínio da população em nome de Deus também é narrado na Bíblia. Uma das

¹ <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2021/02/27/morre-o-ultimo-homem-de-um-povo-e-com-ele-todos-morremos-um-pouco.htm>

narrativas mais conhecidas é a destruição de Jericó, em Js 6. Lendo a narrativa da conquista de Jericó, como a história de um fato, surge uma questão: por volta de 1200 a.C., ocasião da conquista de Josué, Jericó não tinha muralha e talvez nem fosse habitada, pois já havia sido destruída há dois séculos. A narrativa de conquista, então, não pode ser lida como crônica histórica dos fatos. A primeira redação do livro de Josué foi composta, por volta do ano 620 a.C., pelos escribas do rei Josias, motivados para propagar os planos de guerra da corte: integrar o reino de Judá (Sul) e o antigo reino de Israel Norte num reino unido de Davi, em torno do Deus Javé e sob o comando de Josias, descendente da casa davídica. Assim, a conquista de Jericó, principal cidade do antigo reino de Israel Norte, é descrita com a intervenção miraculosa de Javé, Deus do Estado de Josias, exterminando a população local.

5. Leitura do texto

Dirigente: A narrativa da conquista de Jericó está registrada na Bíblia. Vamos ler o texto e pedir ao Espírito de Deus que nos ajude a compreender os interesses dos governantes presentes nesse relato. Que a reflexão da Palavra oriente a nossa vida.

*Sugestão de canto: **Palavra não foi feita para dividir ninguém,***

Palavra é uma ponte onde o amor vai e vem. (2x)

Palavra não foi feita para dominar, destino da palavra é dialogar; palavra não foi feita para opressão, destino da palavra é a união.

Leitora ou leitor 3: Ler Js 6,1-5.

Leitora ou leitor 4: Ler Js 6,6-10.

Leitora ou leitor 5: Ler Js 6,11-19.

Leitora ou leitor 6: Ler Js 6,20-21.

Dirigente: *Para conversar:*

- a) O que nós pensamos sobre o fato descrito do texto de que Javé entregou a cidade para Josué, e toda a população foi morta?
- b) Qual a imagem de Deus que aparece no texto?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 7: A narrativa da conquista de Jericó é uma liturgia misturada com elementos da guerra santa. Os muros da cidade vão cair e a cidade será tomada se o povo seguir corretamente as ordens que Javé, o Deus de Israel, deu a Josué. Vemos, nesse texto, o uso do nome de Deus para justificar a violência da guerra, o que vai na contramão do projeto do Reino de Deus anunciado por Jesus de Nazaré. Precisamos nos indignar contra a violência, mesmo que ela apareça nos textos bíblicos, para que possamos nos sensibilizar e nos indignar também com as muitas formas de violência que ocorrem em nosso meio e ao nosso redor.

- a) Em que situações vemos o nome de Deus ser usado para justificar atitudes violentas?
- b) Qual a imagem de Deus que alimenta a minha caminhada e a de nossa comunidade, em defesa da vida ameaçada de pessoas e grupos?
- c) Como as leis brasileiras garantem a sobrevivência, a paz, a segurança e a cultura dos povos indígenas, bem como de outros grupos perseguidos em nome de Deus?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Neste momento, vamos fazer um ato penitencial. Pensemos em que momentos nós usamos o nome de Deus de acordo com os nossos interesses. *Tempo de silêncio.* Quem desejar, pode expressar o seu pedido de perdão.

Dirigente: Vamos rezar (ou cantar) a oração de São Francisco para que sejamos pessoas construtoras da paz e saibamos, em nome do Deus da vida, lutar pela justiça e pelo amor.

Senhor, fazei-me um instrumento de vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor; onde houver ofensa, que eu leve o perdão; onde houver discórdia, que eu leve a união; onde houver dúvida, que eu leve a fé; onde houver erro, que eu leve a verdade; onde houver desespero, que eu leve a esperança; onde houver tristeza, que eu leve a alegria; onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado. Compreender que ser compreendido. Amar que ser amado. Pois é dando que se recebe. É perdoando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Concluir este momento com a oração do pai-nosso.

8. Preparar o próximo encontro

Dirigente: Para a próxima reunião, ler Js 23,1-16, e quem puder leia as orientações em preparação ao quinto encontro. Se tiver alguma dificuldade em ler, peça ajuda a uma pessoa próxima.

9. Gesto concreto

Papa Francisco afirmou: “Violência em nome de Deus é a maior blasfêmia”. Tomar consciência de como estamos usando o nome de Deus no ambiente familiar, de trabalho e eclesial.

10. Bênção final

Dirigente: Que o Deus da Paz e da Misericórdia nos abençoe hoje e sempre. Javé o abençoe e o guarde.

Todas(os): Amém.

Dirigente: Javé lhe mostre o seu rosto brilhante e tenha piedade de você!

Todas(os): Amém.

Dirigente: Javé lhe mostre o seu rosto e lhe conceda a paz!

Todas(os): Amém.

Orientações para o quarto encontro

Situando o texto: *A política nacionalista, militarista e expansionista do rei Josias*

A Assíria, em 722 a.C., depois de dois anos de sítio, invadiu e destruiu Samaria, capital do Israel Norte. Uma parte da população da Samaria foi deportada: “Os israelitas foram levados para Hala, às margens do rio Habor em Gozã, e também para cidades da Média” (2Rs 17,6). Para escapar da deportação e da violência assíria, muita gente fugiu para Judá e se refugiou em Jerusalém, cuja população aumentou de mil para quinze mil habitantes

entre 722 e 701 a.C. A capital foi ampliada de cinco para sessenta hectares. No mesmo período, o número de assentamentos no interior de Judá passou de 55 para 395. Atesta-se o grande crescimento de produção agrícola, sobretudo de azeite (oliveiras) com melhores prensas, aumentando o lucro pelo comércio com o mundo árabe. Judá floresceu e se consolidou como Estado.

Ezequias subiu ao trono de Judá em 716 a.C. e iniciou a chamada reforma deuteronomista, com as leis de centralização política e religiosa (Dt 12-26), para aumentar a riqueza, o poder e o controle da nação na mão dos governantes de Jerusalém. O rei fortaleceu o poder de Javé como o Deus nacional de Judá, destruiu os santuários do interior e centralizou o culto, o tributo, a festa em Jerusalém, “lugar escolhido pelo Senhor” (Dt 12,5.11.14.18.21.26; 14,24-25; 15,20; 16,2.6.7.11.15; 17,8; 26,2).

Com a riqueza e o poder nas mãos (Mq 3,1-12), os ambiciosos governantes arriscam aumentar seu território e seu domínio da região. Aproveitando a instabilidade da Assíria, Ezequias, instigado pelo Egito (2Rs 18,21), entrou no movimento antiassírio. Preparando-se para a guerra, Ezequias fortaleceu a muralha da cidade de Jerusalém; construiu um canal subterrâneo para levar água à cidade (2Rs 20,20) etc. Porém, o movimento contra o império assírio não teve sucesso, pois Senaquerib, rei da Assíria, em 701 a.C., invadiu Judá (2Rs 18-19). A Assíria ainda teve forças suficientes para rechaçar e controlar a rebelião.

Após a morte do seu rei Assurbanipal (699-627 a.C.), a Assíria, porém, começa a decair de maneira progressiva, mas definitiva, devido aos conflitos internos e às ameaças externas, sobretudo a invasão dos citas, tribos seminômades do norte, e a dos babilônios do leste. Ocupada com as invasões e enfraquecida por crises

internas, a Assíria não consegue manter o controle sobre suas colônias e seu vasto território. Em 612 a.C., Nabucodonosor da Babilônia conquistou Nínive, destruindo definitivamente o império assírio enfraquecido.

Diante da crise do controle assírio na Palestina, Josias retomou, em 620 a.C., a reforma iniciada pelo rei Ezequias, centralizando o culto a Javé, Deus do Estado, em Jerusalém e destruindo os altares e os objetos de culto às divindades nos santuários do interior, conhecidos como lugares altos. A reforma acentuou ainda mais o caráter de centralização que o Templo de Jerusalém já possuía: Javé, o Deus do Estado, um só Templo, um só povo de Israel.

O texto de 2Rs 22-23 recorda a importante imposição religiosa do rei Josias, em nome de sua fidelidade fervorosa a Javé do Templo e à sua Lei, extinguindo a idolatria com muita violência. Porém, é inegável que, apesar do forte caráter religioso, o objetivo principal da reforma de Josias (620-609 a.C.), como no caso do seu antecessor Ezequias, era a concentração de riqueza e poder em Jerusalém e a expansão nacional e territorial, sobretudo na região de Benjamim, antigo território de Israel Norte. As cidades Jericó (Js 6), Betel (Js 8,12) e Gabaon (Js 9), que representavam importantes centros na região, foram os alvos imediatos da política nacionalista e expansionista do rei Josias. Em 2Rs 23, o objetivo territorial do rei evidenciava-se no relato da ocupação do antigo território do Israel Norte: “Josias destruiu também o altar que estava em Betel, lugar alto que Jeroboão, filho de Nabat, havia construído e com o qual havia arrastado Israel ao pecado” (2Rs 23,15).

A política nacionalista e militarista de Josias transpõe não só em 2Rs 22-23, mas também nos livros da “historiografia deuteronomista” (Js, Jz, 1 e 2Sm, 1 e

2Rs), redigidos, inicialmente, pelos escribas do rei Josias. Neles, os escribas (deuteronomistas) descrevem, de maneira consistente, sua preocupação, intenção e teologia para legitimar e propagar a reforma de Josias e sua política nacionalista, militarista e expansionista:

- a) A terra como promessa e herança do Deus Javé de Israel: “Javé deu a Israel toda a terra que havia jurado dar a seus pais. Eles se apossaram dela e nela habitaram. Javé deu-lhes repouso em todas as partes, segundo tudo o que havia jurado a seus pais, e nenhum de seus inimigos conseguiu resistir diante deles, em cujas mãos Javé os entregou” (21,43-44). Javé dá a terra, concretizando a promessa feita a Abraão, Isaac e Jacó e renovada aos seus descendentes. Expulsa e manda exterminar as populações locais, por causa de sua idolatria, o que Josias, descendente de Abraão, vai executar com muito vigor (2Rs 23,24-25).
- b) A guerra santa: “Estando Josué em Jericó, levantou os olhos e viu em pé à sua frente um homem com a espada desembainhada na mão. Josué foi até ele e perguntou-lhe: ‘Você está conosco, ou com nossos inimigos?’. Ele disse: ‘Nada! Eu sou um chefe do exército de Javé e acabo de chegar neste momento’. Josué lançou o rosto por terra, prostrou-se diante dele e disse: ‘O que meu Senhor tem a dizer ao seu servo?’” (5,13-14). O próprio Javé é o comandante das tropas de Israel que combatem as batalhas de Israel, lhe dá a vitória, conquista e reparte a terra prometida para seu povo eleito. A terra prometida é a herança de Javé para seu povo eleito e seus descendentes legítimos.

- c) Davi e sua dinastia: “Agora, diga a meu servo Davi: Assim fala Javé dos exércitos. Eu tomei você da pastagem, detrás do rebanho, para ser chefe sobre o meu povo Israel. Estive com você em todo lugar por onde andou, e derrotei todos os seus inimigos diante de você. Fiz para você um grande nome, como o nome dos grandes da terra” (2Sm 7,8-9). Segundo os deuteronomistas, Davi é o rei escolhido do meio de Israel, o povo eleito que Javé libertou das mãos do faraó e dos tiranos estrangeiros e ao qual deu a terra prometida. A dinastia davídica perdura ao longo da história da monarquia do sul, e o rei Josias é um dos legítimos sucessores de Davi (2Rs 22,1-2). Por isso, ele tem todo o direito sobre a conquista e a ocupação da terra prometida.
- d) O pecado de Israel Norte: “Ao saber que Jero-boão tinha retornado, mandaram chamá-lo à assembleia e o proclamaram rei sobre todo Israel. Somente a tribo de Judá seguiu a casa de Davi” (1Rs 12,20). O conceito criado de um reino unido de Davi é quebrado e dividido. O povo do Israel Norte oferece sacrifício nos santuários de Siquém e de Betel em competição com a magnificência do Templo de Javé em Jerusalém, o que o redator deuteronomista chama de “Pecado” (1Rs 12,25-33). Por isso, o rei Josias, da dinastia davídica, tem todo o direito de destruir o altar de Betel e de ocupar Jericó, Betel, Gabaon etc., a terra legítima do reino unido de Davi.

A terra como dom de Javé para o povo eleito, a guerra santa pela extinção da idolatria, a defesa da dinastia davídica, a condenação do pecado de Israel Norte contra Javé oficial do Tempo de Jerusalém... Tudo isso

reflete a preocupação dos escribas do rei Josias, que amparam e promovem sua reforma político-religiosa. As várias guerras narradas no livro de Josué, por exemplo, devem ser compreendidas a partir da reforma de Josias e suas guerras santas.

Uma das guerras santas mais conhecidas é a conquista de Jericó, em Js 6. Talvez seja o capítulo que descreve com mais cores e vivacidade uma comemoração do poder e da vitória de Javé guerreiro sobre os inimigos de Israel, produzindo uma propaganda fantástica para seduzir, convencer e animar o povo para assumir a guerra santa do rei Josias, ocupar o território do antigo reino de Israel Norte e reintegrá-lo ao reino unido de Davi, o reino de Judá.

Comentando o texto: *Js 6,1-21 – Conquista de Jericó com atrocidade*

O relato da conquista de Jericó, em Js 6, inicia-se com a informação sobre a cidade fortificada: “Ora, Jericó estava fechada, estava bloqueada por causa dos filhos de Israel. Ninguém podia entrar nem sair” (6,1). O mesmo capítulo informa que a cidade estava fechada e fortificada pela muralha (6,5.20) para “bloquear” a invasão dos israelitas.

Lendo a informação de Js 6 como uma história de fato, surge uma questão: na ocasião da conquista de Josué, por volta do ano 1200 a.C., Jericó não tinha muralha e talvez nem fosse habitada, pois já havia sido destruída há dois séculos. O relato da conquista de Jericó, então, não pode ser lido como crônica dos fatos. O relato é fruto do trabalho dos redatores de interpretar e criar uma história bíblica de acordo com suas necessidades, realidades, teologias, catequeses, propagandas etc.

A primeira e principal redação de Js 6 é trabalho dos escribas do rei Josias, motivados pela propaganda de uma política nacionalista, militarista e expansionista: integrar o reino de Judá e o antigo reino de Israel Norte numa unidade política (Israel – o reino unido de Davi), em torno de Deus Javé oficial e sob o comando de Josias, descendente da casa davídica. O relato da conquista de Jericó, principal cidade do antigo reino de Israel Norte, que poderia ter sido o centro de resistência ao governo de Josias (cf. 1Rs 16,34), deve ser compreendido a partir do projeto (reforma) do rei Josias e de seus governantes.

Ao descrever a história da conquista, os escribas de Josias deveriam ter recebido forte influência dos relatos de conquista neoassírios, bem conhecidos no seu tempo, para descrever as histórias da guerra santa presentes em Js 6-12. Um dos elementos marcantes nesses relatos é a intervenção miraculosa dos deuses assírios nas guerras vitoriosas de seu exército; conforme a descrição, o mesmo acontece na vitória do exército de Josué na guerra contra a cidade de Jericó, com a intervenção de Javé, Deus do Estado de Josias.

Posteriormente, Js 6 é relido e revisto pelos teocratas sacerdotais nos séculos VI e V a.C., aumentando ainda mais o poder de Javé, Deus único e poderoso, com os elementos litúrgicos (a Arca, a procissão, os sacerdotes, o esquema de sete dias, o toque das trombetas, o rito consagrado de anátema a Javé etc.). Por isso, é certo que o personagem principal na edição final do relato da conquista de Jericó é o Senhor Javé, presente na Arca, que luta e vence a cidade idólatra inimiga. A estrutura do relato também atesta a centralidade da ordem do “comandante Javé” na guerra santa: a ordem de Javé a Josué (v. 2-5); a transmissão da ordem aos sacerdotes (v. 6) e depois ao povo (v. 7-10); a execução da ordem (v. 11-21).

Assim, já no início do relato da conquista, o comandante Javé intervém e dá a ordem: “Javé disse a Josué: ‘Veja, dei em suas mãos Jericó, seu rei e seus valentes guerreiros. Você com todos os homens de guerra vão cercar a cidade. Cerquem a cidade uma vez. Assim você vai fazer durante seis dias. Sete sacerdotes vão levar sete trombetas de chifres de carneiro à frente da Arca. No sétimo dia, cerquem a cidade por sete vezes, e os sacerdotes tocarão as trombetas. E quando ouvirem um toque prolongado da trombeta de chifre de carneiro, acontecerá que todo o povo vai dar um grande grito de guerra, o muro da cidade vai desmoronar e o povo vai atacar, cada um do seu lugar” (6,2-5).

Na ação militar, Josué é instruído a posicionar o exército ao redor de Jericó e a cercá-la. Ao som da trombeta, o povo deve gritar.. Até aqui, a narrativa é meramente militar: o toque de trombeta, originalmente, provém do campo militar para apavorar os inimigos (Jz 7,8; Am 2,2) e, mais tarde, será usado para anunciar o jubileu (Lv 25,8-17). O grito de guerra também é comum na narrativa militar: “Porque rasgaram o ventre das mulheres grávidas de Galaad, só para alargar seu território. Porei fogo nas muralhas de Rabá e queimarei seus palácios, com gritos de guerra no dia da batalha” (Am 1,13-14).

Porém, o que não é meramente militar é o desmoronamento das muralhas com a intervenção miraculosa de Javé, presente na Arca. A Arca era uma caixa, sinal visível de Javé dos exércitos, que percorria as aldeias para manter a unidade e a solidariedade, e caminhava, na guerra de autodefesa, na frente dos camponeses, para defender e proteger suas terras, colheitas e a vida. Posteriormente, sobretudo na reforma de Josias, a Arca foi transferida e centralizada no Templo de Jerusalém, para justificar e legitimar o culto somente a Javé (cf. 2Sm 6:

a primeira redação do texto feita pelos escribas do rei Josias), Deus do Estado, no santuário do rei. O mesmo ato de centralização aconteceu com a festa da Páscoa, que o rei Josias centralizou no Templo (2Rs 23,21-23).

Segundo a ordem de Javé, transmitida fielmente por Josué (6,6-10), a Arca de Javé, acompanhada pelo povo, contorna a cidade: “A Arca de Javé contornou a cidade uma vez. Então voltaram para o acampamento, e aí passaram a noite. Josué levantou-se muito cedo e os sacerdotes carregaram a Arca de Javé. Os sete sacerdotes, que levavam sete trombetas de chifre de carneiro, seguiam à frente da Arca de Javé, caminhando e tocando as trombetas. Os homens de guerra caminhavam diante deles, e os que vinham depois seguiam a Arca de Javé. Enquanto marchavam, tocavam as trombetas sem cessar. No segundo dia, cercaram a cidade uma vez e voltaram ao acampamento. Fizeram o mesmo durante seis dias” (6,11-14).

Além da Arca do Deus Javé, destruída na invasão da Babilônia, que não foi efetivamente refeita, mas substituída pelo “Santo dos Santos” ou “Sala do propiciatório”, no período pós-exílico (1Cr 28,11), a redação final da narrativa de conquista ganha maior caráter litúrgico: por sete dias, o povo, liderado por sete sacerdotes carregando sete trombetas, deve cercar a cidade e marchar em volta dela. No sétimo dia, eles devem marchar em volta dela sete vezes (6,15). O número sete, que simboliza a perfeição, descreve aqui, nesta procissão litúrgica, a ação poderosa de Deus, já manifestada na criação de sete dias (Gn 2,2-3). O texto final é uma celebração em prévia ação de graças à presença de Javé. Ele vence o inimigo e entrega a terra a seu povo eleito, o povo que está retornando do exílio em busca da retomada da terra prometida. Aí o toque de trombeta carrega o sentido de “Jubileu” da vitória e da libertação.

Enfim, o sétimo dia chega: “No sétimo dia, levantaram bem de madrugada, ao romper da aurora, e cercaram a cidade. Somente nesse dia cercaram a cidade sete vezes, e os sacerdotes tocaram as trombetas na sétima vez. E Josué disse ao povo: ‘Ergam o grito de guerra! Porque Javé dá a vocês esta cidade. A cidade será considerada condenada ao anátema em honra a Javé, ela e tudo o que nela existe” (6,15-17a).

Uma vez que Jericó é conquistada, Josué ordena que a cidade seja votada ao culto do anátema em honra a Javé. O termo “anátema” (hebraico *herem*; como verbo, significa “destruir”) é utilizado no sentido religioso de combater e cortar pela raiz qualquer perigo de idolatria e de sincretismo, destruindo as cidades e exterminando suas populações (Dt 7,1-5; 20,16-18). No livro de Josué, o redator apresenta, nos relatos da guerra santa, Josué e seus combatentes como aqueles que fielmente executam a ordem de Javé: exterminar, em honra a Javé, as populações de cidades como Hai (8,26), Maceda (10,28), Hazor (11,10-14) etc. Matam não somente os guerreiros, mas também os anciãos, as mulheres, as crianças e até mesmo os animais que nela se encontravam! É uma verdadeira atrocidade narrada na saga de Josué na ocupação dos territórios.

Vale destacar e descrever de novo as intenções dos escribas do rei Josias, redatores da primeira edição do livro de Josué: justificar a reforma de Josias e sua política nacionalista e militarista. A prática do aniquilamento da idolatria é uma das bandeiras da guerra santa de Josias para legitimar a invasão e a conquista dos territórios do antigo reino de Israel Norte, ocupados pelo império assírio (2Rs 22-23).

Posteriormente, os redatores sacerdotais da teocracia no período pós-exílico, que consolidam o culto somente a Javé, Deus único do Estado, no Templo de Jerusalém, insistem em consagrar a Javé o saque, a fim de

obter sua ajuda na batalha: “Somente vocês serão preservados das condenações ao anátema; não mantenham nem peguem nada que seja condenado ao anátema, movidos pela cobiça, pois isso traria a condenação e a destruição ao acampamento de Israel. Toda a prata e ouro, todos os utensílios de bronze e ferro serão consagrados ao tesouro de Javé” (6,18-19). É o dever religioso da contribuição para o santuário de Jerusalém (cf. Ex 25,1-9).

Agora, no meio da menção ao anátema, o redator volta a descrever a realização do pacto com Raab: “Somente Raab, a prostituta, terá a vida salva, e com ela tudo o que estiver em sua casa, porque ela escondeu os mensageiros que tínhamos enviado” (6,17b). O tema, que é aprofundado em Js 2,8-21; 6,22-25, pode ser resultado do trabalho redacional dos escribas do rei Josias para propagar o plano de guerra para a população estrangeira: quem se converter a Javé será salvo e incorporado à comunidade de Israel.

A narrativa da conquista de Jericó chega a seu último momento da guerra santa: “O povo ergueu o forte grito de guerra e as trombetas foram tocadas. No momento em que o povo escutou o som das trombetas, deu um grande grito, a muralha desmoronou e o povo subiu para a cidade, cada um de seu lugar, e tomaram a cidade. E julgaram condenado ao anátema tudo o que existia dentro da cidade, passando ao fio da espada homens e mulheres, jovens e velhos, bois, animais pequenos e jumentos” (6,20-21). É uma guerra santa com a exaltação da violência, exterminando a população inimiga em honra a Javé.

Js 6,1-21 é um verdadeiro manual ou propaganda de guerra santa dos poderosos, de conquista, de violência, de massacre da população local, que serviu, por séculos, para sustentar argumentações religiosas de violência e guerras contra as populações inimigas. Ainda hoje, a leitura fundamentalista transforma o “Cercos de Jericó”

numa batalha espiritual contra as forças malignas, alimentando os cristãos com o fanatismo religioso, desconectado da missão cristã a serviço da vida e da justiça.

Aprofundando: *A força dos pequenos em prol da vida*

Jz 9,8-15 é uma fábula antiga que apresenta uma severa crítica aos governantes da monarquia. Na fábula, irônica e cortante, as árvores populares, agradáveis, produtivas e úteis, não aceitam reinar, mas o espinheiro, que é perigoso, aceita exercer a função de rei:

Então todas as árvores disseram ao espinheiro: “Venha reinar você sobre nós!” O espinheiro respondeu às árvores: “Se vocês querem de verdade ungir-me rei sobre vocês, venham abrigar-se debaixo da minha sombra. Mas, se não querem, que saia fogo do espinheiro e devore os cedros do Líbano” (Jz 9,14-15).

Jz 9 descreve o processo de ascensão ao poder (Jz 9,1-6). Conforme a crítica de quem defende o poder participativo a serviço da vida do povo, o “espinheiro”, inútil e ganancioso, representa aquele que se dispõe a exercer o poder centralizado com “fogo” (violência) a serviço de seu interesse, explorando a vida do povo. É o retrato dos reis e governantes espinheiros que exploram e devoram o povo, transformando-o em alimento que sustenta a estrutura corrupta e injusta do Estado. “Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão” (Mq 3,3), grita o profeta Miqueias, representante dos pequenos, contra os governantes da monarquia do rei Ezequias, por volta do ano 715 a.C.

Após a destruição da monarquia e o período exílico, foi estabelecida a teocracia com o apoio do império

persa, na Judeia. Não há mais os reis espinheiros, mas agora os teocratas espinheiros, que continuam explorando e devorando o povo com o poder centralizado no Templo de Javé do Estado. O Templo, com a teologia da retribuição, a lei da pureza e seu sacrifício de purificação (Lv 11-16), torna-se o principal mecanismo de arrecadação de tributos para a manutenção da teocracia corrupta de Jerusalém, que repassa uma parte da arrecadação ao Império (cf. Esd 7,25-26; Ex 25,1-9).

A exploração pelos governantes teocratas atinge diretamente os pobres e pequenos: “Estes andam nus por falta de roupa, e os famintos carregam feixes. Eles espremem azeite no moinho, e os que pisam a uva passam sede. Na cidade os mortais gemem e os feridos pedem socorro, mas Deus (controlado pelo Templo de Jerusalém) não dá importância a essa infâmia” (Jó 24,10-12). A história segue e se repete... A Bíblia testemunha que os pequenos continuam sendo explorados e escravizados, no decorrer dos séculos, pelos teocratas judaicos, junto com os impérios poderosos, como o dos gregos e dos romanos.

Acreditar nas forças dos pequenos

Ao percorrer os livros sapienciais, percebe-se que, mesmo sofrendo com injustiça, exploração e violência por parte dos poderosos judeus e estrangeiros, os pequenos não desistem de viver, resistir, sonhar, lutar por vida digna, com sabedoria, ousadia e teimosia:

- a) “Existem quatro seres pequeninos na terra, que são mais sábios que os sábios: as formigas, povo fraco, mas que recolhe sua comida no verão; as marmotas, povo sem força, mas que faz suas

tocas nos rochedos; os gafanhotos, que não têm rei, mas saem todos em bando; as lagartixas, que a gente pode pegar com a mão, mas entram até em palácios de reis” (Pr 30,24-28). Pr 30,1-14 retrata a injustiça social dos poderosos que massacram o povo. Em contrapartida, Pr 30,24-28 descreve a força dos pequenos com sua sabedoria, organização, habilidade, coragem e resistência em defesa da vida.

- b) “Vi ainda outra coisa debaixo do sol, e foi uma grande lição para mim: havia uma cidade pequena, com poucos habitantes. Um rei poderoso veio e a sitiou, construindo contra ela fortes máquinas de guerra. Havia na cidade um homem de origem pobre, porém sábio. Com sua sabedoria, conseguiu salvar a cidade. Contudo, ninguém mais se lembrou desse pobre homem. Eu disse então a mim mesmo: a sabedoria vale mais do que a força, só que a sabedoria do pobre é desprezada, e ninguém dá atenção a seus conselhos” (Ecl 9,13-16). Ao afirmar que a sabedoria do pobre é mais poderosa que as máquinas de guerra, a experiência da vida anima e ensina que os pequenos podem vencer os poderosos pela sabedoria a serviço da vida, sobretudo pela força da união dos pequenos, os desprezados pela sociedade dos poderosos (Ecl 4,12).

Acreditar no Deus dos pequenos

Diante do avanço da helenização (a busca desenfreada de bens, poder, prazer e honra) dos poderosos gregos e romanos (Sb 2), que provoca a exploração do trabalho, escravização, problemas sociais, destruição

etc., os pequenos se reúnem, resistem e lutam pela vida. Essa luta é movida pela fé no Deus dos pequenos:

- a) “Tu és o Deus dos humildes, o socorro dos pequenos, o amparo dos fracos, o abrigo dos abandonados, o salvador dos desesperados. Sim, sim, Deus de meu pai, Deus da herança de Israel, soberano dos céus e da terra, criador das águas, rei de toda a criação, escuta minha súplica” (Jt 9,11-12). Embora o livro de Judite apresente ensinamentos patriarcais e androcêntricos dos fariseus que definem a beleza das mulheres como uma ameaça (cf. Jt 16,6-9; Eclo 42,12-14), a oração de Judite (Jt 9), inspirada em vários salmos, carrega em seu cerne a fé no Deus criador dos pequenos, órfãos e viúvas, que alimenta e anima a luta pela vida.
- b) “Não busquem a morte no erro da vida de vocês, nem provoquem a ruína com as obras que praticam, pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Ele tudo criou para que exista. As criaturas do mundo são sadias, e nelas não há veneno de ruína. O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal!” (Sb 1,12-15). Deus criou todas as coisas para a vida: terra, plantas, animais, seres humanos... Por seu próprio ciclo natural, tudo nasce, cresce e morre. Cumpre sua existência física na gratuidade de Deus. Mas há a morte antecipada pela maldade e pela injustiça praticada pelos poderosos. Acreditando no Deus da vida, os pequenos devem praticar a justiça, promovendo o projeto do Deus da vida e superando, assim, a morte: “A vida se encontra no caminho da justiça, em cuja direção não existe morte”

(Pr 12,28); “Quem oprime o pobre, ofende seu Criador; mas presta-lhe honra quem tem misericórdia do indigente” (Pr 14,31).

Acreditar na construção do Reino de Deus

No tempo de Jesus de Nazaré, com a implantação sistemática da helenização, marcada pela tirania e pela brutalidade, Herodes e seus filhos, seguindo a ordem do império romano, espalharam pobreza, doença e desespero no meio dos camponeses, que constituíam cerca de 95% ou mais da população da Palestina. Nesse caldeirão de sofrimento, o movimento de Jesus junto com os pequenos (Lc 10,21) nasceu, cresceu e anunciou os ditos sapienciais de orientação e de exortação à luta pela sobrevivência:

- a) “Elevando os olhos para seus discípulos, Jesus dizia: ‘Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque hão de sorrir’” (Lc 6,20-21). As bem-aventuranças aos pobres não significam a exaltação de sua condição precária e sofrida, mas, sim, contradizem os critérios que vigem no mundo: a libertação pelo desapego dos bens, contrariando o movimento da helenização (Lc 6,24-26).
- b) “Amem seus inimigos, façam o bem a quem odeia vocês. Falem bem de quem fala mal de vocês. Rezem por aqueles que os caluniam. Quando alguém lhe bater numa face, ofereça também a outra” (Lc 6,28-29). A justiça de Deus é amar gratuitamente até os inimigos, sem nada esperar,

rompendo com a relação de interesse que gera lucro e poder (Lc 6,30-35). Agir gratuitamente para com todos é um dever de quem é fiel a Deus Pai e a seu amor gratuito (Lc 6,36). Só assim é possível superar o mal que aflige o mundo.

- c) Jesus dizia: ‘A que é semelhante o Reino de Deus? Com o que eu poderia compará-lo? Ele é como uma semente de mostarda que um homem pegou e lançou em sua horta. Ela cresce, torna-se árvore e as aves do céu fazem ninhos em seus ramos’” (Lc 13,18-19). A imagem de um grão de mostarda é algo pequeno e insignificante, mas tem força transformadora. A presença do Reino de Deus não deve ser um poder ostensivo, glorioso e excludente, mas, sim, se faz de modo inexpressível e oculto entre os pequenos e humildes, com a prática da justiça, do amor, da fraternidade, e com muita esperança e paciência histórica.

Ontem e hoje, persiste a realidade dos pequenos, que são explorados e esmagados pelo poder centralizador e conquistador em benefício de uma minoria gananciosa e privilegiada: “Eu vi aparecer um cavalo esverdeado. Quem estava montado nele tinha o nome de Morte, e a Morada dos Mortos o acompanhava. Eles receberam autoridade sobre a quarta parte da terra, para poderem matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra” (Ap 6,8).

A realidade do Brasil não poderia ser diferente. Um quarto da população brasileira – 52,7 milhões de pessoas – vive em situação de pobreza ou extrema pobreza. Diariamente, os meios de comunicação registram cenas de pessoas desesperadas em busca de alimento nos

lixões. A fome, a doença, a violência, a ganância, o descuido dos governantes, a insensibilidade e a irresponsabilidade de muitos... Apesar de tudo – repito, apesar de tudo –, acreditemos na força dos pequenos, das “sementes de mostarda”, com a fé no Deus dos pequenos e com o trabalho comunitário: “É melhor dois juntos do que alguém sozinho, porque melhor será o resultado do que fazem. Se um cair, seu companheiro o levantará. Um sozinho é derrotado, mas dois juntos vão resistir. A corda tríplice não arrebenta tão fácil” (Ecl 4,9-10.12).

QUINTO ENCONTRO



TEMA: Javé, Deus poderoso e ciumento, castiga quem não observa a Lei.

PERSONAGENS: Josué, anciãos, chefes, juízes e oficiais.

TEXTO: Js 23,1-16.

PALAVRAS-CHAVE: convocou, tomar como herança, Javé, praticar, Lei de Moisés, terra e aliança.

PERSPECTIVA: Compreender que a teologia da retribuição condiciona a ação de Deus à ação humana: se eu sou fiel, Deus me abençoa; se sou infiel, ele me castiga com sofrimentos.

A ira de Javé se inflamará contra vocês, e rapidamente perderão a boa terra que Javé deu para vocês (23,16).

1. Preparar o ambiente

- Colocar no centro uma Bíblia, vela acesa, o vaso preparado no primeiro encontro, o recorte do desenho em forma de coração, os recortes com imagens de pessoas em situação de risco e um frasco com óleo perfumado.
- Preparar um cartaz com o tema do encontro.

2. Acolhida

Dirigente: Iniciemos nosso encontro em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Vamos nos acolher mutuamente com o nosso olhar. *Tempo para olhar uns aos outros.* Confiantes no amor de Deus que nos envolve e nos acolhe a todo instante, cantemos:

A ti, meu Deus, elevo meu coração, elevo as minhas mãos, meu olhar, minha voz. A ti, meu Deus, eu quero oferecer meus passos e meu viver, meus caminhos, meu sofrer.

A tua ternura, Senhor, vem me abraçar. E a tua bondade infinita, me perdoar. Vou ser o teu seguidor e te dar o meu coração, eu quero sentir o calor de tuas mãos.

A ti, meu Deus, que és bom e que tens amor ao pobre e ao sofredor, vou servir e esperar. Em ti, Senhor, humildes se alegrarão, cantando a nova canção, de esperança e de paz.

Dirigente: Alguém gostaria de partilhar como foi a vivência do gesto concreto proposto na reunião anterior? *Tempo para a partilha.*

Dirigente: Em nossa leitura, oração e reflexão da Palavra, a partir do livro de Josué, refletimos sobre a partilha da terra em vista do sustento de todos e todas; sobre a hospitalidade em prol da vida; sobre a festa como espaço de vida e partilha; e sobre o uso do nome

de Deus para oprimir e manipular as pessoas. No encontro de hoje, vamos refletir sobre a teologia da retribuição. Vamos repetir o tema de hoje: *Javé, Deus poderoso e ciumento, castiga quem não observa a Lei.*

3. Motivando a conversa

Leitora ou leitor 1: Houve um acidente de carro e morreu um jovem de 22 anos. Perder um membro da família sempre é doloroso. Além da família, a namorada e as pessoas amigas sofreram muito. Em meio à dor e ao desespero, a mãe desse jovem afirmou: “Deus está me punindo por causa das coisas erradas que eu fiz”.

Dirigente: Todos nós conhecemos histórias nas quais culpamos Deus pelos nossos sofrimentos, especialmente diante de tragédias. Será que Deus pune uma pessoa tirando a vida de outra? A fidelidade a Deus garante uma vida feliz? Vamos conversar sobre essas questões. *Tempo para uma partilha em voz baixa. Encerrar este momento com o refrão de um canto.*

4. Situando o texto

Leitora ou leitor 2: Após o exílio, o grupo exilado da elite governante, agora chamado de *golá* (os deportados que voltaram), retorna para Judá e estabelece a teocracia, de acordo com os interesses do império persa. Os teocratas reconstróem e fortalecem o sistema do Templo com o monoteísmo de Javé, a lei da pureza, sacrifícios, festas, ofertas do produto da terra para o Deus Javé etc., como principais meios de arrecadação de tributos para o enriquecimento da teocracia de Jerusalém e do império persa (Ml 1,6-3,21; Is 66,1-4; Ex 25,1-9). Eles fortalecem e pregam, especialmente, a teologia (catequese) da

retribuição, na qual Deus poderoso e castigador dá saúde, riqueza, terra, moradia e vida longa a quem observa a Lei, com a exigência dos sacrifícios de purificação e o pagamento dos dízimos (Lv 26; Dt 28; Ne 10,38). Js 23,1-16, que foi composto pelos teocratas no pós-exílio, descreve o Deus poderoso da teologia da retribuição, que castiga com a perda da terra quem não é fiel à aliança com o Senhor.

5. Leitura do texto

Dirigente: Peçamos ao Espírito de Deus que nos ajude a compreender que Deus é o Deus da vida e nos ama incondicionalmente. Acolhendo a sua Palavra, queremos entender que Deus não se prende a esquemas humanos. Cantemos:

Quando o Espírito de Deus soprou, o mundo inteiro se iluminou. A esperança na terra brotou, e um povo novo deu-se as mãos e caminhou.

Lutar e crer, vencer a dor, louvar o Criador. Justiça e paz hão de reinar, e viva o amor.

Leitora ou leitor 3: Js 23,1-16.

Dirigente: *Para conversar:*

- a) Quais as ações do Deus Javé em favor do seu povo?
- b) De acordo com o texto, quais as consequências de não seguir a Lei de Moisés?

6. Iluminando a vida

Leitora ou leitor 4: Diante das tragédias e dos sofrimentos, é costume perguntar: por quê? De quem é

a culpa? O que eu fiz a Deus para merecer isso? Todas as pessoas enfrentam situações difíceis: morte de alguém, desemprego, injustiças, doenças, entre outras. Não, não se trata da justiça de Deus, mas existe uma causa estrutural que gera diferentes formas de injustiças. Doenças e morte são fragilidades da vida humana e devem nos levar a refletir sobre a própria vida, nos tornar pessoas mais sensíveis e solidárias aos nossos irmãos e irmãs e, ao mesmo tempo, nos mobilizar para que analisemos as causas reais dessas mortes e sofrimentos e procuremos formas de evitá-las, mudando nossas práticas e compromissos e engajando-nos pessoal e comunitariamente na construção de uma sociedade justa.

- a) Como nós e nossas comunidades reagimos diante de situações de sofrimento e de injustiça?
- b) Quais ações concretas existem em nossa comunidade para ajudar as pessoas que sofrem?
- c) Como desenvolver uma espiritualidade que nos ajude a entender que os sofrimentos e as injustiças não são castigos de Deus?

7. Celebrando a vida

Dirigente: Formar um círculo (se possível) ao redor dos objetos que acompanharam nossos encontros. A Bíblia, como a Palavra que nos orienta e nos conduz na caminhada; a vela acesa representa a luz e a presença de Deus; o vaso que preparamos é a imagem da vida nova que queremos; o coração é o desejo de abertura e sensibilidade às necessidades de nossos irmãos, alguns deles representados nos recortes. E, hoje, temos também o óleo perfumado, lembrando-nos do nosso compromisso. Vamos estender nossas

mãos sobre o óleo e pedir que Deus o abençoe. Com este óleo, podemos nos ungir pedindo a graça da fidelidade e da perseverança. *Tempo para a unção, que poderá ser feita em duplas. Cantar um cântico para esse momento. Sugestão:*

O Espírito do Senhor repousa sobre mim, o Espírito do Senhor me escolheu, me enviou.

Para dilatar o seu reino entre as nações. Para anunciar a Boa-nova a seus pobres. Para proclamar a alegria e a paz: exulto de alegria em Deus, meu salvador!

Para dilatar o seu reino entre as nações. Consolar os corações esmagados pela dor. Para proclamar sua glória e salvação e acolher quem sofre e chora, sem apoio, sem consolo.

Para dilatar o seu reino entre as nações. Para anunciar liberdade e salvação. Para anunciar o seu amor e seu perdão. Para celebrar sua glória entre os povos.

Dirigente: Rezemos a oração do pai-nosso.

8. Gesto concreto

O grupo poderá escolher como dar continuidade à reflexão bíblica.

9. Bênção final

Dirigente: Com as mãos estendidas em diversas direções, vamos pedir ao Deus da vida que abençoe o mundo inteiro, nosso país, nossas famílias, nossa comunidade e a nós aqui presentes. Deus, que é “misericordioso e cheio de graça, lento para a cólera e grande em solidariedade e fidelidade” (cf. Ex 34,6), nos abençoe e nos conduza.

Todas(os): Amém.

Orientações para o quinto encontro

Situando o texto: *Deus poderoso, ciumento e castigador na teologia da retribuição*

O rei Joaquim (609-597 a.C.), filho do rei Josias, retomou a política nacionalista e militarista de seu pai a serviço de seus interesses e da busca pelo poder, explorando e maltratando o povo (Hab 1,2-4). Instigado pelo Egito, Joaquim rebelou-se contra o império babilônico e provocou a invasão de Judá. O rei foi assassinado, e seu filho Joaquin foi levado para a Babilônia, junto com seus familiares, nobres, oficiais, sacerdotes, escribas etc., entre os quais também o profeta Ezequiel: trata-se da primeira deportação (2Rs 24,10-12).

A Babilônia nomeou um rei aliado, um outro filho de Josias, a quem deu o nome de Sedecias (597-587 a.C.). Porém, com o tempo, ele executou também a política expansionista e militarista e se rebelou duas vezes contra a Babilônia. Em 587 a.C., Nabucodonosor, imperador babilônico, invadiu e incendiou a cidade de Jerusalém. O rei Sedecias e seus governantes foram massacrados, e uma parte da população foi exilada (2Rs 25,1-21): a segunda deportação. Após o fim da monarquia, com o esforço do grupo do profeta Jeremias, os “pobres da terra” (camponeses remanescentes), a terra de Judá foi distribuída para os pobres por Godolias, governador nomeado pela Babilônia (Jr 40).

Durante o exílio, Ezequiel, formado em Jerusalém, de família sacerdotal (Ez 1,1-3), exerceu sua atividade no meio dos primeiros exilados, altos oficiais e anciãos (cf. 2Rs 24,10-17; Ez 1,1-3; Jr 29,1-23), que se estabeleceram em Tel-Abib, no canal do rio Cobar (Ez 3,15). O grupo de Ezequiel, reconhecendo a destruição de Jerusalém e a perda da terra santa como resultado (castigo)

da infidelidade à aliança com Javé do Templo de Jerusalém (Ez 11,1-13), tentou manter sua fidelidade a essa aliança, fortalecendo e renovando a teologia deuteronômista oficial, em prol do interesse e do privilégio dos nobres deportados da dinastia davídica:

- a) Javé abandona o Templo e Jerusalém, a cidade santa, exila-se na Babilônia e está no meio dos primeiros deportados do rei Joaquin (Ez 10,18-22; 11,22-23). Refazendo a aliança com Javé oficial, “santuário” em terra estrangeira, eles são o verdadeiro povo santo de Israel, herdeiros da terra santa (Ez 11,3.14-18).
- b) Os exilados nobres devem manter-se “puros” no meio dos “impuros” (idolatria: Ez 20; 23), por observar os estatutos e normas de pureza e receber a bênção de Javé – conforme a teologia da retribuição (Ez 37,23; Dt 28,1-46). No pós-exílio, a ideia de pureza se torna o núcleo da teologia dos teocratas: o povo eleito, etnia pura, a lei da pureza etc. (cf. Esd 9,1-10,17; Lv 17,1-24,23).
- c) Javé trará de volta os exilados à terra de Israel, para reocupar a terra santa, desde que eles se mantenham fiéis à Lei (Ez 20,42). Por isso, o grupo de Ezequiel critica os pobres remanescentes na Judeia por pretenderem ser os únicos herdeiros da terra prometida (Ez 11,15; 33,23-29).
- d) O grupo de Ezequiel elabora o projeto da restauração do novo Israel: a reunificação dos dois reinos sob um único pastor, o novo Davi (Ez 37,15-22); o estabelecimento da aliança eterna com Deus (Ez 16,60; 37,26a); a restauração do novo “santuário” no meio do povo (Ez 37,26b-28).

Refazer a aliança com Javé, o Deus de Israel, observar a Lei (a circuncisão, a lei do sábado, a lei da pureza etc.) para manter-se “puro” e receber a “bênção” como a posse da terra santa, restaurar o Templo de Jerusalém... Nessa moldura teológica, o grupo de Ezequiel (os escribas da antiga casa davídica) revisa a primeira redação do livro de Josué com ênfase na retomada da posse da terra.

Após o exílio, o grupo de Ezequiel, agora chamado *golá* (deportados que voltaram), retorna para Judá e estabelece a teocracia com a ordem do império persa, que não permitiu a restauração da monarquia davídica (cf. Zc 1-8). Os teocratas reconstróem e fortalecem o sistema do Templo com o monoteísmo de Javé, a teologia da retribuição, a lei da pureza, sacrifícios, festas, ofertas do produto da terra para Deus Javé etc., como principais meios de arrecadação de tributos para o enriquecimento da teocracia de Jerusalém e do império persa (cf. Ml 1,6-3,21; Is 66,1-4; Ex 25,1-9).

No estabelecimento do governo teocrata, a posse da terra é um dos temas principais, altamente sugestivos e preocupantes para os teocratas, que estavam retornando para a terra de Israel e organizando o sistema tributário do Templo de Jerusalém. A preocupação deles transparece na parte revista e acrescentada do livro do Deuteronômio no pós-exílio:

Quando se cumprirem em você todas estas palavras, isto é, as bênçãos e as maldições que eu lhe propus; se você voltar o coração para elas, no meio das nações para onde Javé, o seu Deus, o tiver expulsado; se você se voltar de todo o coração e com todo o seu ser para Javé, o seu Deus, você e seus filhos passando a obedecer à sua voz, de acordo com o que hoje eu lhes mando: então Javé, o seu Deus,

terá compaixão de você e mudará a sua sorte, Javé, o seu Deus, voltará atrás e reunirá você de todos os povos por entre os quais o havia espalhado. Ainda que você tenha sido expulso para os confins dos céus, daí Javé, o seu Deus, vai reunir você, vai buscá-lo onde for, para fazê-lo, entrar de novo na terra que seus pais possuíram, a fim de que você a possua (Dt 30,1-5).

O texto garante a posse da terra de Israel para os teocratas, descendentes do grupo nobre de Ezequiel, dentro da teologia deuteronomista: aliança, pecado, castigo e perdão. Eles devem servir somente a Javé, o Deus único, observando suas normas e estatutos, para não sofrerem de novo com o castigo e a maldição como a perda da terra, pois a terra de Israel é a bênção de Javé dada ao povo que se mantém fiel à aliança.

Em Dt 28 (as bênçãos e as maldições), a conquista da terra, por exemplo, está bem condicionada pelas forças de uma dialética provocada pela observância da aliança com Javé, Deus único de Israel (Dt 4,29-40):

- a) A fidelidade à aliança produz a bênção: “Javé entregará, já vencidos, os inimigos que se levantarem contra você. Por um só caminho eles virão atacar você, e por sete caminhos fugirão. Javé mandará que a bênção fique com você, em seus celeiros e em tudo aquilo em que você puser as mãos. Javé, o seu Deus, vai abençoá-lo na terra que ele mesmo lhe dará” (Dt 28,7-8).
- b) A infidelidade à aliança provoca a maldição: “Javé há de entregá-lo, vencido, aos inimigos. Por um só caminho você sairá para enfrentá-los, e por sete caminhos fugirá. Você se transformará em objeto de espanto para todos os reinos da

terra. Seu cadáver será comido por todas as aves do céu e animais da terra, sem que ninguém os espante” (Dt 28,25-26).

O cadáver comido por “aves e animais” é a maior maldição de Deus contra os judeus infiéis à aliança, sobretudo no caso da idolatria (cf. Ez 39,17-20; Ap 19,17-18). Descrevendo e fortalecendo a teologia de bênção e de maldição, ou seja, a teologia da retribuição (Deus retribui a maldição para quem não observa a Lei), os escribas deuteronomistas do pós-exílio argumentam e consolidam o poder e o direito dos teocratas sobre a terra de Israel e o sistema tributário do Templo com Javé oficial, Deus poderoso, ciumento e castigador.

Afirma-se que os mesmos redatores também revisaram e fizeram a última redação do livro de Josué, sobretudo a parte da repartição de terra (Js 13-21), do retorno das tribos (Js 22) e do testamento de Josué (Js 23-24). O discurso de Josué no capítulo 23, por exemplo, é fortemente marcado pela teologia da retribuição: a conquista da terra como a bênção de Deus; a perda da terra como a maldição de Deus contra a idolatria.

Comentando o texto: *Js 23,1-16 – Deus poderoso e legalista com bênção-maldição*

Como outros personagens ilustres na tradição israelitas – por exemplo, Moisés (Dt 30), Davi (2Sm 23,1-7; 1Rs 2,1-9) –, Josué faz um discurso no final da sua vida: “Aconteceu que, passados longos dias, depois que Javé pôs fim às hostilidades contra Israel por parte de seus inimigos, Josué tornou-se avançado em idade. Josué convocou todo Israel: seus anciãos, seus chefes, seus juízes e todos os oficiais ligados à administração

(escribas), e lhes disse: ‘Eu já estou bastante velho, em idade avançada. Vocês puderam ver tudo o que Javé seu Deus fez por vocês diante de todas as nações, porque Javé seu Deus, ele mesmo e não outro, fez guerra pela causa de vocês’” (23,1-3).

O texto é escrito pelos escribas deuteronomistas, tanto pelo vocabulário quanto pela teologia, no período pós-exílico, em que a teocracia se consolida com o monoteísmo de Javé: “Javé seu Deus, ele mesmo e não outro” (23,3; cf. Dt 4,39). Na teocracia, os escribas, como guardiões da “Lei de Moisés”, adquirem importância e são mencionados até na lista das autoridades de Israel (23,2). Com o presente discurso, eles argumentam e fortalecem o cumprimento das promessas de Javé, Deus de Israel, e a necessidade da observância da Lei (aliança) para que os israelitas recebam a bênção do Senhor.

Uma das mais importantes promessas de Javé é a tomada da posse da terra santa. Javé mesmo, como guerreiro e comandante do exército de Israel (5,13-12,24), vence e aniquila as nações inimigas para dá-la em “herança” a seu povo: “Vejam, eu designei para vocês, por sorteio, todas as nações que ainda restam no meio de vocês, como herança para suas tribos, e também todas as nações que aniquilei, desde o Jordão até o Grande Mar, ao sol poente. Javé seu Deus, ele mesmo vai expulsar seus inimigos diante de vocês. Ele vai tirá-los de sua frente, e vocês vão tomar posse de suas terras, conforme Javé seu Deus falou para vocês” (23,4-5).

O verbo “expulsar”, *yarash*, em hebraico, é utilizado quatro vezes em Js 23 (v. 5.5.9.13) e molda o discurso de Josué, o que salienta a ação militar do comandante Javé contra as nações inimigas de Israel, em favor da posse da terra (herança, casa, bens), *nahalah*, em hebraico (Nm 26,52-56; Rt 4,5-10; Sl 37,18; Ez 47,13-23; Mq 2,2). A dimensão ampliada da terra de Judá, “desde o Jordão

até o Grande Mar, ao sol poente”, é um sonho “inflamado” da *golá* no exílio e na construção da teocracia, o reino de Javé, Deus guerreiro e poderoso.

Porém, a teologia da retribuição está em vigor: a possessão da terra santa depende da fidelidade do povo de Israel à aliança com seu Deus. Os redatores descrevem insistentemente a necessidade da observância da Lei para que os israelitas consigam manter a posse da terra que a eles havia sido dada pelas vitórias de Javé (23,8-11): “Somente tenham muita, muita força para preservar e praticar tudo o que está escrito no livro da Lei de Moisés, sem nunca se desviarem nem à direita, nem à esquerda, para que nunca venham a estar com vocês essas nações que ainda restam no meio de vocês. Não mencionem os nomes de seus deuses, não façam juramento em nome deles, não os sirvam e não se prostrem diante deles” (23,6-7).

Uma das mais graves infidelidades à aliança com Javé, Deus único de Israel, é seguir “deuses das nações”, o que provocaria a ira e a maldição de Javé: “Porém, se vocês voltarem, de fato, a se unir a essas nações, que ainda sobram no meio de vocês, se vocês se misturarem com elas, e elas com vocês, saibam verdadeiramente: Javé seu Deus não continuará a expulsar essas nações do meio de vocês. Elas serão como armadilha ou rede, como açoite para suas costas ou espinho nos seus olhos, até que vocês desapareçam dessa terra boa, que Javé seu Deus deu para vocês” (23,12-13).

O texto faz forte advertência contra os “casamentos mistos”, o ato que é debatido e visto como grande perigo para a pureza da fé de Israel, no pós-exílio:

Por acaso, não temos todos nós um único Pai? Por acaso, não foi um só o Deus que nos criou? Então, por que enganamos uns aos outros, profanando

assim a Aliança de nossos pais? Judá cometeu uma traição, uma abominação aconteceu em Israel e Jerusalém. Judá profanou o santuário que Javé ama e se casou com a filha de um deus estrangeiro. Que Javé elimine das tendas de Jacó quem assim faz, a testemunha e o defensor, e até mesmo aqueles que trazem ofertas a Javé dos exércitos (Ml 2,10-12).

O livro de Malaquias, que foi escrito pelos sacerdotes levitas entre 500 e 445 a.C., denuncia a crise do sistema de sacrifícios no Templo (Ml 1,6-14) e tenta manter o povo unido no serviço ao Templo de Deus Javé (Ml 3,6-12), pregando o Dia de Javé, o grande julgamento contra quem não observa a Lei, a aliança com Javé (Ml 3,13-21). Uma das infidelidades à aliança é o casamento misto, que constitui um perigo para a identidade e a religião oficial do povo judeu, considerado como o povo eleito de Javé (Dt 7,25-26). A condenação desse casamento ganha força na linha política de Neemias (Ne 13,23-27) e Esdras (Esd 9-10), representantes do governo teocrata por volta do ano 400 a.C.

Para os teocratas, o casamento misto constitui um grande perigo para o sistema tributário do Templo e a religião oficial de Javé. Na vida cotidiana, o casamento com as “filhas de um deus estrangeiro” (idolatria) poderia contaminar e afastar totalmente os israelitas do serviço religioso (ofertas, sacrifícios, festas etc.) a Javé, o Deus único de Israel, provocando a perda da arrecadação dos “dízimos” para o tesouro do Templo, a instituição fundamental da teocracia. O risco da idolatria como “armadilha” provocaria um perigo para o controle e para o poder dos teocratas sobre o povo de Israel. Por isso, a idolatria deve ser condenada com a maldição da perda da posse da terra, a principal promessa e bênção de Javé para seu povo eleito.

Como a primeira parte de Js 23 (v. 1-13), a segunda parte (v. 14-16) também está composta sobre a antítese bênção-maldição em relação à fidelidade ou infidelidade à Palavra de Javé (palavra boa e má): “Eis que hoje eu vou pelo caminho de toda terra. Vocês reconhecerão, com todo o seu coração e com toda a sua alma, que não ficou nenhuma palavra sem se cumprir, de todas as boas palavras que Javé, seu Deus, falou a respeito de vocês. Todas se realizaram para vocês, nenhuma falhou. Assim como se realizaram para vocês todas as boas palavras que Javé seu Deus falou a respeito de vocês, do mesmo modo Javé fará cair sobre vocês todas as más palavras, até exterminá-los desta terra boa que Javé seu Deus concedeu para vocês” (23,14-15).

Novamente, os redatores da última redação do livro de Josué afirmam que a realização das boas palavras (bênçãos) de Javé é condicionada pela atitude fundamental do povo: fidelidade ou infidelidade à aliança de Javé, Deus único, ciumento e poderoso do Templo de Jerusalém, o centro religioso e administrativo da teocracia, sob a ordem do império persa. Eles salientam que a infidelidade a Javé, sobretudo o seguimento a “outros deuses”, provocaria a principal maldição do Deus da retribuição – a perda da posse da terra: “Mas, se vocês quebrarem a aliança que Javé seu Deus fez com vocês, para servir a outros deuses, prostrando-se diante deles, ira de Javé se inflamará contra vocês, e rapidamente perderão a boa terra que Javé deu para vocês” (23,16).

Enfim, Josué 23 é redigido no pós-exílio, período em que os teocratas tentam purificar e expulsar os impuros (judeus infiéis e estrangeiros) para consolidar a teocracia judaica com o monoteísmo de Javé, Deus oficial do Templo de Jerusalém. Eles impõem e fortalecem o Deus poderoso, legalista e castigador a fim de subjugar a população judaica a serviço de seu poder e interesse.

É um deus que não escuta o grito dos pobres impuros que não têm o recurso para oferecer os sacrifícios nem pagar os dízimos do Templo: “Arrancam o órfão do peito materno e penhoram quem é pobre. Da cidade sobem os gemidos dos moribundos e, suspirando, os feridos pedem socorro, e Deus não dá ouvido a essa infâmia” (Jó 24,9.12).

Aprofundando: *Deus go'el, protetor e padrinho do povo sofrido*

Os redatores pós-exílicos do livro de Josué reproduzem a assembleia de Israel após a conquista e a partilha da terra (Js 24). Nela, Josué convoca o povo para renovar a aliança com Javé, alertando para a infidelidade ao Deus de Israel:

Josué disse a todo o povo: “Vocês não podem servir a Javé, porque ele é um Deus santo, ele é um Deus ciumento, ele não carrega os delitos de vocês, nem suas transgressões. Supondo que vocês abandonem a Javé para servirem a outros deuses, ele se voltará e irá tratar mal a vocês e os destruirá, depois de tê-los tratado tão bem” (24,19-20).

O texto descreve a imagem de Deus poderoso e ciumento como força para manter o sistema tributário do Templo de Jerusalém, com o monoteísmo, a teologia de retribuição (bênção e maldição) e a lei de pureza. A imagem de Deus Javé castigador se torna tão forte que chega até a destruir os infiéis para fortalecer o poder e o controle dos teocratas sobre o povo, com a ordem do império persa: “Quanto a você, Esdras, de acordo com a sabedoria do seu Deus, a qual você tem nas mãos,

nomeie magistrados e juizes, que apliquem a justiça para todo o povo do lado ocidental do rio Eufrates, para todos os que conhecem a lei do seu Deus. E a ensine para os que não a conhecem. Quem não obedecer à lei do seu Deus, que é a lei do rei (da Pérsia), será castigado rigorosamente, com morte e exílio, multa ou prisão” (Esd 7,25-26).

Diante desse controle e da opressão dos teocratas, os pobres explorados e oprimidos gritam: “Eu sei que o meu protetor (*go’el*, redentor, defensor, padrinho) está vivo e que no fim se levantará sobre o pó. E ainda que tenham cortado minha pele, na minha carne eu verei a Deus! Então eu mesmo o verei! Meus olhos poderão vê-lo, e não um estranho. Meus rins se consomem dentro de mim” (Jó 19,25-27). Jó, representante dos pobres impuros (Jó 24), invoca Deus redentor e protetor, descrito como o *go’el*, parente próximo, que liberta os hebreus do Egito (Sl 106,10), resgata os exilados (Is 41,14) e socorre os pobres (Rt 2,20).

O livro de Jó, como Jonas e Cântico dos Cânticos, critica a religião centrada no Templo, na teologia da retribuição e nos sacrifícios com Deus poderoso e castigador, presente no santo dos santos do Templo, onde somente o sumo sacerdote consegue entrar. Para os pobres oprimidos, Javé do povo é Deus, Pai e Mãe (Os 11,3-4), Deus criador, Deus da gratuidade, que caminha, convive, protege e está no meio dos pequenos: “Eu te conhecia só de ouvido. Mas agora meus olhos te veem” (Jó 42,5).

A religião dos teocratas, com a imagem do Deus poderoso, a teologia da retribuição e a lei da pureza, perpassa a história, consolida-se e chega até o Sinédrio, instituição judaica do tempo de Jesus de Nazaré. Fariseus, um dos grupos integrantes da instituição, pregam a salvação pela estrita observância da lei da pureza e

impõem o Deus poderoso e legalista, a fim de provocar o temor e controlar a população judaica. Com a imposição do temor ao “sagrado” do Templo de Jerusalém, eles proibem até o uso do nome de Javé, designando-o como “meu Senhor” (*Adonai*, em hebraico).

Entretanto, Javé popular, Deus *go’el*, com a teologia da gratuidade, também persiste e perpassa a história. Marca os movimentos de resistência ao Sinédrio, aliado com o império romano, que é aparelhado com a religião imperial da idolatria – culto aos deuses e ao imperador –, a serviço do lucro e do poder. Um dos movimentos é o de Jesus de Nazaré, que prega o Deus dos pequenos: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10,21). É o Deus da vida, Pai protetor, que caminha com os pequenos no amor, na misericórdia e na justiça (Lc 6,20-23).

Na caminhada dos seguidores e das seguidoras de Jesus Cristo, Deus continua sendo Deus paternal e maternal da gratuidade que se manifesta na palavra e na prática do amor de Jesus de Nazaré, nas quais nascem e crescem as comunidades cristãs:

- a) “Ao cair da tarde, quando o sol se pôs, levavam a Jesus todos os que estavam doentes e os endemoninhados. A cidade inteira estava reunida na frente da porta. E ele curou muitos doentes de várias doenças e expulsou muitos demônios” (Mc 1,32-34). A comunidade de Mc, que é formada por pessoas exploradas pelo Império e oprimidas pela autoridade judaica, por volta do ano 70 a.C., descreve a prática “pastoral” de Jesus de Nazaré, convivendo com os pobres impuros, “endemoninhados”. Nessa prática, transparece

a imagem de Deus *go'el*, que convive e carrega a “cruz” com os mais empobrecidos e esquecidos da sociedade de ontem e de hoje.

- b) “Pois tive fome e vocês me deram de comer, tive sede e me deram de beber, era estrangeiro (forasteiro) e me acolheram, estava nu e me vestiram, estava doente e me visitaram, estava na cadeia e vieram me ver” (Mt 25,35-36). No tempo da comunidade de Mateus, por volta do ano 80 d.C., os judeus fariseus, autoridade judaica, com Deus castigador e seu messias triunfalista e ritualista, condenam quem não pode observar a lei da pureza e mal sobrevive no dia a dia: camponeses sem terra, desempregados, famintos, forasteiros, doentes etc. A comunidade de Mateus propõe uma inversão: proclama Deus Pai misericordioso e o messias servo com a prática do amor, da compaixão e da solidariedade, porque Deus está conosco – Emanuel (Mt 1,23).
- c) “Ele ainda estava longe, quando seu pai o viu. Encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se ao pescoço dele e o beijou com ternura. (...) ‘Porque este meu filho estava morto e voltou a viver, estava perdido e foi encontrado’” (Lc 15,20.24). O evangelho de Lucas, escrito para as comunidades localizadas em cidades grandes, com a presença de ricos e pobres, insiste na misericórdia e na solidariedade com as pessoas empobrecidas à margem da sociedade, apresentando o rosto de um Deus compassivo e amoroso.
- d) “Da forma que meu Pai amou, eu também amei a vocês: permaneçam no meu amor. Se vocês guardarem os meus mandamentos, permanecerão no meu amor, assim como eu tenho guardado os mandamentos do meu Pai e permaneço no

amor dele” (Jo 15,9-10). No meio da perseguição do imperador Domiciano (81-96 d.C.), junto com os judeus fariseus (Jo 15,18-16,4), a comunidade de João apresenta o Deus Amor na face de Jesus Cristo, o “bom pastor” (Jo 10), oposto à imagem do imperador, aquele que exige ser adorado como deus, e à imagem do Senhor Deus poderoso e legalista das autoridades dos judeus fariseus. A comunidade joanina chega até a dizer: “Pois Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que não morra quem nele acredita, mas tenha vida eterna” (Jo 3,16).

Uma década depois, a comunidade joanina escreve as cartas de exortação aos seus fiéis: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus. E todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus” (1Jo 4,7); “Como pode o amor de Deus permanecer em quem possui os bens deste mundo, se esse tal vê seu irmão passando necessidade e lhe fecha o coração?” (1Jo 3,17). O amor de Deus deve ser traduzido em vida concreta: o amor ao próximo. Pois o Deus de Jesus Cristo é amor, não o terror do deus imperador nem maldição do deus legalista e ritualista dos judeus fariseus.

Quase dois mil anos se passaram, e a comunidade joanina continua exortando os seguidores e as seguidoras de Jesus Cristo crucificado a uma manifestação maior do amor ao próximo do Deus Pai. Pois o imperialismo, com o deus poderoso e glorioso, continua encarnado em muitas “bestas” de hoje (Ap 13,11-18), atraindo, devorando e sacrificando as pessoas inocentes pelo trabalho escravo, pela fome, pela violência etc. Até as igrejas, com seu Cristo triunfalista, legalista e ritualista, colaboram e justificam a atuação das bestas do presente.

BIBLIOGRAFIA

- BUTLER, Trent C. *Joshua*. Word Biblical Commentary vol. 7. Waco, Texas: Word Books, 1983.
- CREACH, Jerome F. D. *Joshua*. Interpretation. Louisville, Kentucky: John Knox Press, 2012.
- DEVER, William G. *Beyond the Texts, an Archaeological Portrait of Ancient Israel and Judah*. Atlanta: SBL Press, 2017.
- DOZEMAN, Thomas B. *Joshua 1-12*. The Anchor Yale Bible vol. 6B. New Haven, London: Yale University Press, 2015.
- EBELING, Jennie (Org.). *The Old Testament in Archaeology and History*. Waco, Texas: Baylor University Press, 2017.
- GERSTENBERGER, Erhard S. *Israel no tempo dos persas: séculos V e IV antes de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2014.
- KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.
- KNAUF, Ernst Axel; GUILLAUME, Philippe. *A History of Biblical Israel: the Fate of the Tribes and Kingdoms from Merenptan to Bar Kochba*. Sheffield: Equinox, 2016.
- McCONVILLE, J. Gordon; WILLIAMS, Stephen N. *Joshua*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 2010.
- NAKANOSE, Shigeyuki; MARQUES, Maria Antônia (Centro Bíblico Verbo). *A Lei a favor da vida? Entendendo o livro do Deuteronômio*. São Paulo: Paulus, 2020.
- RÖMER, Thomas. *A chamada História Deuteronomista: introdução sociológica, histórica e literária*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. *A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

VAN OORSCHOT, Jürgen (Org.). *The Origins of Yahwism*. Berlin/
Boston: De Gruyter, 2019.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Uma história cultural de Israel*. São
Paulo: Paulus, 2013.

SUMÁRIO

| | |
|----|--|
| 5 | <i>Agradecimentos</i> |
| 7 | <i>Apresentação</i> |
| 9 | <i>Introdução ao livro de Josué</i> |
| 11 | Terra de Deus, terra de irmãos? Entendendo o livro de Josué |
| 13 | 1. Autor e contexto histórico |
| 14 | Período da formação de Israel |
| 17 | Período do rei Josias |
| 19 | Período exílico e pós-exílico |
| 22 | 2. Plano e conteúdo do livro de Josué |
| 23 | 3. Mensagens principais |
| 25 | 4. Lembretes para as reuniões |
| 27 | <i>Primeiro encontro:</i> A partilha da terra é para o sustento da vida de todos e todas |
| 33 | Orientações para o primeiro encontro |
| 33 | Situando o texto: <i>Terra, fruto do dom de Deus em prol da vida</i> |
| 38 | Comentando o texto: <i>Js 14,1-5 – A partilha da terra entre o povo eleito e puro: herança, sorte e lote</i> |
| 42 | Aprofundando: <i>O grito dos pequenos pela terra e pela vida</i> |
| 49 | <i>Segundo encontro:</i> A hospitalidade em favor da vida! |
| 55 | Orientações para o segundo encontro |
| 55 | Situando o texto: <i>Sobrevivência, solidariedade, hospitalidade...</i> |

- 59 Comentando o texto: *Js 2,1-24 – A hospitalidade e o pacto de Raab com os espiões de Josué*
- 67 Aprofundando: *Tamar, Raab, Rute, mulher de Urias, Maria de Nazaré*
- 73 *Terceiro encontro:*
Festa, celebração, refeição e partilha de vida
- 79 Orientações para o terceiro encontro
- 79 Situando o texto: *Festas israelitas*
- 84 Comentando o texto: *Js 5,10-12 – Festas, ação de graças, partilha da vida*
- 87 Aprofundando: *Festas, celebrações, refeições nas comunidades dos seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré*
- 93 *Quarto encontro:*
Não à violência em nome de Deus
- 99 Orientações para o quarto encontro
- 99 Situando o texto: *A política nacionalista, militarista e expansionista do rei Josias*
- 104 Comentando o texto: *Js 6,1-21 – Conquista de Jericó com atrocidade*
- 110 Aprofundando: *A força dos pequenos em prol da vida*
- 117 *Quinto encontro:*
Javé, Deus poderoso e ciumento, castiga quem não observa a Lei
- 123 Orientações para o quinto encontro
- 123 Situando o texto: *Deus poderoso, ciumento e castigador na teologia da retribuição*
- 127 Comentando o texto: *Js 23,1-16 – Deus poderoso e legalista com bênção-maldição*
- 132 Aprofundando: *Deus go'el, protetor e padrinho do povo sofrido*
- 137 *Bibliografia*

CENTRO BÍBLICO VERBO

Um centro de estudos que há mais de trinta anos está a serviço do povo de Deus, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

Especialização em Bíblia – Primeiro e Segundo Testamento
Estudos de temas específicos
Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)

Retiro bíblico

Cursos extensivos

Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)
Hebraico e grego (semanal)
Especialização e aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria a dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Mais informações:

Tel.: (11) 5187-1008

E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br

Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br

facebook.com/cbiblicoverbo

CENTRO BÍBLICO PAULUS

O Centro Bíblico PAULUS é um organismo da PAULUS para a coordenação de todas as iniciativas bíblicas promovidas pelos Paulinos.

Seu objetivo é tornar sempre mais dinâmico e atual o encontro de todos com a Bíblia, favorecendo a leitura, o aprofundamento, o estudo e a difusão da Sagrada Escritura.

O Centro Bíblico PAULUS atua em cinco níveis:

1. **Editorial**, com traduções da Bíblia e subsídios de estudo.
2. **Formativo**, com cursos bíblicos oferecidos sobretudo nas livrarias PAULUS.
3. **Pastoral**, com organização e suporte a eventos e iniciativas bíblicas.
4. **Espiritual**, com proposta de métodos de leitura orante da Bíblia.
5. **Eclesial**, com a oferta de serviços às igrejas locais para a animação bíblica da pastoral.

Como destinatários, tem todas as pessoas, no espírito do apóstolo Paulo, com atenção especial a quem tem menos oportunidade de ler e aprofundar a Bíblia. A metodologia é fazer a Palavra de Deus dialogar com todas as dimensões do ser humano (mente, vontade, coração), valorizando toda forma de comunicação: relações, imagens, artes, música, redes sociais etc.

Além das atividades relacionadas às publicações de Bíblias, livros e subsídios bíblicos, o Centro Bíblico PAULUS continua a oferecer gratuitamente, nas plataformas digitais, para domingos, solenidades e festas, o programa "Palavra Viva", que consiste de vídeos com breve comentário ao Evangelho do dia. Ao celebrar o Ano Bíblico da Família Paulina e os 50 anos do Mês da Bíblia no Brasil, reafirma também seu compromisso para que a Palavra continue sendo a animação da vida e de toda a pastoral.



ANO BÍBLICO DA FAMÍLIA PAULINA 2020-2021

"A Bíblia é tudo para o nosso apostolado:
luz, caminho ou método e vitalidade.
Nós somos a voz de Deus, nós somos os seus repetidores,
nós somos os seus tipógrafos, nós somos os seus mensageiros,
os seus carteiros, que levam a sua carta às pessoas."

(Pe. Tiago Alberione, 1933)



PAULUS

